

ISSN: 1679-9887

# **PSICANÁLISE & BARROCO EM REVISTA**

*Revista de Psicanálise, Memória, Arte e Cultura*

## **PSICANÁLISE & BARROCO EM REVISTA**

Revista de Psicanálise, Memória, Arte e Cultura.

**Psicanálise & Barroco em revista** é publicada pela linha de pesquisa Memória Subjetividade e Criação do Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

### **EDITORES RESPONSÁVEIS**

Editora-Chefe: Denise Maurano Mello

Editora: Nilda Martins Sirelli

### **CONSELHO EDITORIAL**

Angela Coutinho (UNIV. SANTA ÚRSULA/RJ)

Carlos Eduardo Leal Vianna Soares (FAMATH)

Cristina Monteiro Barbosa (UFRJ)

Edson Luiz André de Souza (UFRGS)

Eliana Yunes (PUC/RJ)

Jean-Claude S. Soares (UFJF)

Júlio Cesar de Souza Tavares (UFF/RJ)

Luciano da Fonseca Elia (UERJ)

Marco Antônio Coutinho Jorge (UERJ)

Sérgio Paulo Rouanet (Academia Brasileira de Letras)

Rogério Lustosa Bastos (UFRJ)

Sérgio Nazar David (UERJ)

Sônia Alberti (UERJ)

### **CONSELHO CIENTÍFICO**

Ana Petros (UNT/AR)

Betty Bernardo Fuks (PUC/RJ e CES/MG)

Jean-Michel Vivès (UCA/FR)

Luiz Eduardo Prado de Oliveira (UNIV. PARIS VII/FR)

Paola Mieli (SVA/NY)

Paolo Lollo (UNIV. PARIS XIII/FR)

### **EQUIPE TÉCNICA**

Revisora de normas técnicas de publicação: Renata Figueredo dos Santos, Julia Pontes Aguiar Fiad, Alexandre, Matheus Philipe S. Faria, Tatiana Sodré, Bruno Carvalho da Silva

Técnico de Informática: Bruno Carvalho da Silva

Revisor de Inglês: Bruno Carvalho da Silva

### **PARECERISTAS *Ad-Hoc***

Alinne Nogueira Silva Coppus (UFRJ)

Altair José dos Santos (UFG)

Andrea Bieri (UNIRIO)

Ana Vicentini de Azevedo (UFSCAR)

Caciana Linhares Pereira (UFC)

Cláudia Bodin (Universidade de Paris VII)

Cristina Monteiro Barbosa (UFRJ)

Ecio Pisetta (UNIRIO)

Edson Luiz André de Souza (UFRGS)

Elizabeth Cristina Landi (UFG)

Josaida de Oliveira Gondar (UNIRIO)

Laéria Fontenele (UFC)

Lucia Maria de Freitas Perez (UERJ)

Luiz Alberto Pinheiro de Freitas (IBMR)

Marcela Toledo França de Almeida (UFG)

Marlen de Martino (FURG)

Mariângela Máximo Dias (UERJ)

Maria Das Graças Leite Villela Dias (UFSJ)

Marília Etienne Arreguy (UFMG)

Marlise Eugénie D Icarahy (TJ/RJ)

Maysa Puccinelli (Université Nice Sophia Antipolis)

Miguel Angel de Barrenechea (UNIRIO)

Nadiá de Paulo Ferreira (UERJ)

Orlando Cruxen (UFC)

Raquel Coelho Briggs de Albuquerque (UERJ)

Rodolfo Petronio (UNIRIO)

Sandra Edler (SPID)

Sonia Leite (CPRJ)

Tereza Calomeni (UFF)

Valéria Wilke (UNIRIO)

Walter Kohan (UNIRIO)

Zinda Maria Carvalho de Vasconcellos (UERJ)

© *Copyright* **Psicanálise & Barroco em revista**

**Endereço para correspondência / *Address for correspondence /  
Adresse pour correspondance***

Psicanálise & Barroco em revista

Programa de Pós-Graduação em Memória Social, UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Avenida Pasteur, 458, 22290-240, Urca, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Secretaria — (21) 2542-2820 | Coordenação — (21) 2542-2708

[revista@psicanaliseebarroco.pro.br](mailto:revista@psicanaliseebarroco.pro.br)

**PSICANÁLISE & BARROCO EM REVISTA**

Ano 15, Número 02: Edição dezembro de 2017,  
Rio de Janeiro, RJ.

## PSICANÁLISE & BARROCO EM REVISTA

(ISSN:1679-9887)

<http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/>

Ano 15, Número 02: Edição Dezembro de 2017.

### SUMÁRIO

EDITORIAL -----	7
O TRAÇO COMO FUNDAMENTO DA MEMÓRIA SOCIAL-----	11
UMA ANTÍGONA BRASILEIRA: A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DE EUNICE PAIVA E DA SUA ATUAÇÃO EM DEFESA DA DIGNIDADE HUMANA PARA ALÉM DA LEI-----	32
AS MULHERES DE KLIMT: O REAL DO FEMININO -----	56
FROM INCEST TO TRAGEDY - PSYCHOANALYTIC READING OF THE TALE, ANGEL LOST, FROM THE BRAZILIAN WRITER ARRIETE VILELA -----	75
ENTRE A SOBREVIVÊNCIA E A SUBSERVIÊNCIA: O DESMANCHE DAS PRÁTICAS DE COACHING -----	86
FREUD, LACAN E A HIPER-REALIDADE NA TRANSMISSÃO DA PSICANÁLISE -----	116
AS VICISSITUDES DA PSICANÁLISE NAS CLÍNICAS-ESCOLAS E SERVIÇOS DE PSICOLOGIA	134
NOTAS SOBRE TRANSTORNO OBSESSIVO-COMPULSIVO A PARTIR DE UM CASO CLÍNICO EM PSICOTERAPIA PSICANALÍTICA-----	151
MELLONI, M. T. S.. RIO DE JANEIRO (1937-1959) UMA PSICANÁLISE POSSÍVEL. RIO DE JANEIRO; CIA. DE FREUD; 2010-----	165
CONTENTS -----	173
SOMMAIRE-----	174



## EDITORIAL

*Denise Maurano Mello*

Apresentamos o segundo volume da décima quinta edição de *Psicanálise & Barroco em Revista*, convidando nossos leitores a apreciar os novos artigos que nela se encontram.

Começamos pelo texto de Joana Souza que em **“O traço como fundamento da memória social”** realiza uma subversão na concepção tradicional acerca da memória, e evidencia que conforme Freud e Lacan ensinam é impossível separar interno e externo, subjetivo e social, pois, essas dimensões mantêm uma relação não de oposição, mas de continuidade. Assim, os traços que regem uma cultura expressam inscrições internalizadas pelo sujeito, e são rememorados, esquecidos, e retornam nos atos, nos ritos e celebrações que conservam e ao mesmo tempo possibilitam a recriação de novos sentidos. Nessa visada, que é prenhe de consequências, a memória longe de ser um arquivo morto, é viva, atuante, sempre aberta a novas organizações, tendo portando um caráter inventivo e criacionista.

Falando em memória e transmissão, o mito grego de Antígona, escrito por Sófocles, é muito caro à psicanálise, já que ela foi capaz de transgredir as leis da polis para levar o mais longe possível o seu desejo. No texto **“Uma Antígona Brasileira: A construção da memória de Eunice Paiva e da sua atuação em defesa da dignidade humana para além da lei”**, Mariana Rodrigues Festucci Ferreira constrói as memórias de Eunice Paiva em articulação com a tragédia de Antígona. Eunice teve o marido extraído de seu convívio por agentes da ditadura militar no ano de 1971, tendo tido indicações de que ele havia sido assassinado. Reivindicou o reconhecimento de sua morte e a revelação de onde o corpo estaria enterrado para que lhe pudesse prestar as honrarias fúnebres. Indo para além da dimensão pessoal da tragédia, Eunice passou a militar pelos direitos civis dos desaparecidos e familiares de todo o Brasil. E, como advogada atuou contra a violência e expropriação indevidas de terras sofridas pela população indígena. O artigo evidencia que sustentar o desejo, indo além do Outro é um ato com efeitos não apenas singulares, mas se configura como um ato político.

Ainda em articulação com a arte, no texto **“As mulheres de Klimt: o real do feminino”**, Tharso Peixoto Santos e Souza evidencia que Gustav Klimt, *Psicanálise & Barroco em revista* | v.15, n. 02 | dezembro de 2017

contemporâneo a Freud, aponta com sua arte para a dimensão do feminino, em consonância com o que Freud pode fazer por meio da Psicanálise. Ao retratar inúmeras mulheres nuas, que encaram o espectador com um olhar de desafio, numa atmosfera de erotismo incomum à imagem da mulher vienense de seus dias, Klimt evidencia a impossibilidade de domínio sobre esse corpo, tal qual a histeria vinha denunciar. A relação do sujeito com a castração, e, portanto, com a falta se evidencia nessas imagens, apontando o lugar do indecifrável, via régua de todo processo de análise, e terreno fértil para que as questões sobre o feminino possam emergir.

No texto **“From incest to tragedy – psychoanalytic reading of the Tale, Angel, Lost, from the Brazilian Writer Arriete Vilela”**, Yvisson Gomes dos Santos toma o conto da escritora brasileira e alagoana, Arriete Vilela, Anjo Perdido, para discutir o tema da tragédia, do incesto e da feminilidade. A autora foi de extrema importância pela inserção da literatura alagoana no contexto literário brasileiro, mantendo seu sotaque nordestino pode dar visibilidade a sua regionalidade. Esse texto é apresentado em inglês, tal como nos foi enviado, o que abre um novo canal em nosso periódico para apresentar textos também em outras línguas.

Ampliando o campo de discussão da psicanálise, Guilherme Henrique Lima Barati e José Roberto Montes Heloani no artigo **“Entre a sobrevivência e subserviência: desmanche das práticas de coaching”** tratam de uma temática bastante atual e com sérias consequências éticas: as contradições e impasses nas práticas de coaching. Nele o coaching surge como um representante do discurso do mestre. Este, geralmente é convocado quando se abrem brechas, fendas, arranhões que deformam a imagem e colocam em xeque as referências identificatórias do que é ser bem-sucedido. Contudo, os aspectos pessoais e singulares que disparam processos deformadores bem como desidentificações são indícios de um mal-estar que evidenciam a emergência do sujeito e suas rupturas, o que torna possível questionar se é possível encobrir essa fenda, ou se ao tentar preencher uma lacuna, outras surgem, pois como Lacan afirma, haverá sempre algo de inadministrável no sujeito.

A clínica psicanalítica é um tema sempre presente em nossas discussões, vamos agora alguns artigos que nos levam a pensar sobre alguns impasses que precisam ser tomados pelos analistas.

Sendo a clínica escola presente em muitas Universidades, um espaço possível para uma certa introdução a aspectos relativos ao exercício da psicanálise, o texto

**“Freud, Lacan e a hiper-realidade na transmissão da psicanálise”**, de Daniel Migliani Vitorello, trava um pertinente debate sobre a transmissão da psicanálise e sua ancoragem na transferência. O autor questiona se a transferência não poderia tornar-se um instrumento de controle, de disseminação de um ideal e exercício de poder, como Lacan aponta nos mecanismos institucionais pós-freudianos. A transmissão da técnica em psicanálise é associada com a noção de hiper-realidade de Baudrillard, pela possibilidade de ela vir a se constituir como um simulacro. Estrutura que ficaria aquém de um analista, e do poder subversivo que a psicanálise e sua transmissão comportam.

Freud já advertia que um curso universitário não assegura a existência de um analista, a formação de um psicanalista se ancora em um tripé constituído por análise pessoal, estudo teórico permanente e supervisão. Contudo, isso não significa dizer que a psicanálise está excluída das universidades, ao contrário, ela se faz presente e sustenta seu discurso integrando as disciplinas curriculares e a prática clínica nas clínicas-escolas. O artigo **“As vicissitudes da psicanálise nas clínicas-escolas e serviços de psicologia”** de Bruna Adames e Gustavo Angeli discute os desafios e possibilidades de sustentar uma orientação que toma a psicanálise em conta nesses espaços de formação universitária. Ainda que acolhendo muitas controvérsias, a clínica-escola é um espaço para a criação de estratégias de intervenções e o exercício da prática clínica psicanalítica, contudo, está submetida a uma lógica institucional, e não se pode assegurar que aquele aluno que ali está, esteja em análise pessoal, e, que, portanto, esteja ancorado do tripé de formação. Além disso, há ainda todo enquadramento institucional a ser considerado. Revisitando os textos freudianos sobre a técnica os autores discutem a temática.

Por essa mesma via, considerando a clínica escola um espaço possível de introdução no exercício de uma escuta de caráter psicanalítico, optamos por incluir nessa edição um artigo produzido nesse contexto, que evidencia o início de um percurso teórico e clínico de quem decide se aventurar pela psicanálise. Elson Eneas Cavalcante Bezerra e Cleber Lizardo de Assis, no artigo **“Notas sobre o transtorno obsessivo-compulsivo a partir de um caso clínico em psicoterapia psicanalítica”**, apresentam um caso clínico de neurose obsessiva atendido na clínica-escola de uma universidade, apontando que tais espaços de aprendizagem possibilitam um ponto de partida.

Fechamos esse número com uma bela resenha escrita por Janaína Bianchi de Mattos, sobre o livro **“Rio de Janeiro (1937-1959) Uma Psicanálise Possível”**, elaborado a partir da dissertação de mestrado de Maria Teresa Saraiva Melloni, defendida no curso de Pós Graduação em História das Ciências e da Saúde da casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz. Seu título: “O Movimento Psicanalítico no Rio de Janeiro (1937-1959): um processo de institucionalização”. Nela, a autora faz um percurso histórico da psicanálise e de seu processo de institucionalização no Brasil, evidenciando, como bem ensina Lacan, que um analista deve estar atento a subjetividade de sua época, pois, os arranjos sociais, políticos e econômicos se evidenciam no modo de cada época produzir, aplicar e transmitir um saber.

Por ora, ficamos aqui, nesse ponto, qual seja, o de transmitir um saber, ou uma relação ao saber. Perspectiva crucial desse nosso periódico que novamente sai do forno, para sua degustação.

© 2017 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.psicanaliseebarroco.pro.br>

[revista@psicanaliseebarroco.pro.br](mailto:revista@psicanaliseebarroco.pro.br)

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO

Memória, Subjetividade e Criação

[www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php](http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php)

# O TRAÇO COMO FUNDAMENTO DA MEMÓRIA SOCIAL

*Joana Souza<sup>1</sup>*

## RESUMO

A proposta do trabalho é mostrar que a memória tem uma estrutura moebiana e, por essa razão, as tradicionais fronteiras que opõe o interno e o externo, o subjetivo e o social, se dissipam a partir de um percurso. Evidencia-se que os traços presentes na cultura são, na verdade, expressões de inscrições internalizadas pelos sujeitos que dão origem as diferenças culturais que regem o tecido social. A forma singular como cada cultura lida com suas memórias, ou seja, o que é rememorado, o que é esquecido e aquilo que retorna nas celebrações e nos ritos evidenciam a força dos traços: conservam ao mesmo tempo em que possibilitam a recriação de novos sentidos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Memória. Social. Traço. Psicanálise.

---

<sup>1</sup> Psicanalista. Psicóloga. Doutoranda em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Mestre em Clínica e Pesquisa em Psicanálise pelo Programa de Pós-Graduação em Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Possui Especialização em Psicanálise e Saúde Mental pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Associada do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise Seção Rio de Janeiro. Diretora do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise Núcleo Teresópolis. Av. Lúcio Meira, 14, Várzea, 25953-003, Teresópolis, RJ. [joanapsi@uol.com.br](mailto:joanapsi@uol.com.br).

“Como fazer no bicho homem uma memória? Como gravar algo indelével nessa inteligência voltada para o instante, meio obtusa, meio leviana, nessa encarnação do esquecimento?” ... Esse antiqüíssimo problema, pode-se imaginar, não foi resolvido exatamente com meios e respostas suaves; talvez nada exista de mais terrível e inquietante na pré-história do homem do que sua mnemotécnica. “Grava-se algo a fogo, para que fique na memória: apenas o que não cessa de causar dor fica na memória” (...) (Nietzsche, 1887/2009, p. 46),

Dentre os pensadores da memória, Nietzsche ganha um lugar privilegiado ao evidenciar a força exercida pelo social em sua produção. De forma contundente destaca as relações de força e poder de uns sobre os outros, apontando desde já que a memória pode ser tomada como um produto social. Dessa forma, Nietzsche contribui de forma significativa para a construção do conceito de “memória social”, o que não significa que este conceito esteja acabado, ao contrário, como salienta Gondar e Dodebei (2005, p. 7, 15):

[...] o conceito de memória social não pode ser formulado de forma simples, imóvel, unívoca. Pensamos, ao contrário, que se trata de um conceito complexo, inacabado, em permanente processo de construção. (...) A memória social, como objeto de pesquisa passível de ser conceituado, não pertence a nenhuma disciplina tradicionalmente existente, e nenhuma delas goza do privilégio de produzir o seu conceito. Esse conceito se encontra em construção a partir de novos problemas que resultam do atravessamento de disciplinas diversas.

Entendo que é o caráter inacabado do conceito de memória de social o que impulsiona novas pesquisas, na tentativa de fazer avançar a compreensão acerca desse fenômeno. É nesta perspectiva que minha pesquisa se insere.

A escolha da citação acima, extraída do livro *Genealogia da moral*, como epigrafe que abre essa exposição, não foi aleatória. Deve-se ao fato de encontrarmos nela uma preciosa indicação da presença da marca, ou, do traço, como preferimos chamar, na constituição da memória. Para Nietzsche, a memória surge a partir de uma marca gravada a fogo, o que já indica a violência do traço e a dor que é infligida ao corpo. A memória nietzschiana é criada, ela deve seu aparecimento a condições sociais, “ela está referida a um campo de lutas e de relações de poder, configurando um contínuo embate entre lembrança e esquecimento” (GONDAR & DODEBEI 2005, p. 7).

Maurano no texto *O mal-estar na memória* numa referência a Nietzsche, destaca que a dor infligida ao corpo tem por objetivo a memorização do ato que a gerou, dessa forma “a memória se inscreve muito facilmente no corpo com marcas, rugas, linhas de expressão, cicatrizes e sofrimentos” (MAURANO, 2016 p. 216).

As proposições de Nietzsche a respeito da memória já apontam a presença de uma marca “gravada a fogo”, indício da presença de um traço que serviria de fundamento para a constituição da memória social.

Tal ponto despertou meu interesse e possibilitou o surgimento de algumas indagações: O que é o traço e qual a sua importância para o entendimento da constituição da memória social? Existe um conceito subliminar de traço na obra dos pensadores da memória? Essas são algumas questões que suscitam meu interesse, e que quero aprofundar durante o processo de pesquisa no doutorado.

Nietzsche é um autor de extrema importância no que tange à construção do conceito de memória social. Por outro lado, Arno e Wehling (1997) nos informam que esse tema já havia sido abordado anteriormente pelo sociólogo francês Émile Durkheim no texto *Representações individuais e representações coletivas* (1898), no qual sublinha “o caráter simbólico da memória individual, como traço de um complexo social mais amplo” (WHELING & WHELING 1997, p. 13). Inaugura-se, nesse momento uma reflexão sobre o “elo entre memória individual e memória coletiva”.

Entretanto, coube a Maurice Halbwachs a consolidação desse novo campo de estudos a partir da criação do conceito de memória coletiva, termo que ele utilizou para estabelecer uma contraposição em relação à memória individual. A memória coletiva em Halbwachs é uma “narrativa que se produz em grupos que remete ao passado. Por isso é carregada de afetos que conectam o passado, familiar e próximo, com o presente” (LIFSCHITZ 2015, p. 9). É, portanto, uma memória que se produz a partir do encadeamento das memórias individuais e das experiências compartilhadas em grupo. A importância dessas proposições é inegável. Halbwachs escreveu seu nome na história das ciências sociais ao promover um corte que rompeu definitivamente com a concepção estritamente individual da memória que se impôs “durante dois milênios e meio” (WHELING & WHELING 1997, p. 11). Assim sendo, indago: será possível pensar que a concepção de memória coletiva construída por Halbwachs já esteja apontando para presença de um traço cultural responsável por organizar as relações em um determinado grupo social? Talvez a rememoração das experiências compartilhadas, não seja outra coisa senão a atualização, o re-investimento do traço fundador de uma memória que é “feita de encontros, nas mesas dos bares, nas esquinas, encontros ocasionais, que geram narrativas orais e espontâneas” (LIFSCHITZ 2015, p. 9).

Entretanto, no decorrer do tempo, novas contribuições foram acrescentadas por pensadores das mais diversas áreas, no sentido de ampliar essa proposição inicial. Andreas Huyssen, um dos mais importantes pensadores das questões da memória da atualidade, sublinha no livro *Seduzidos pela memória* a emergência da memória como uma preocupação cultural e política central das sociedades ocidentais. Como atesta, há no presente um deslocamento do foco do futuro para o passado, fato que lhe permite pensar que há uma necessidade de “recodificação do passado”, que se “iniciou depois do modernismo”, promovendo um excesso de musealização do mundo. (HUYSSSEN, 2000 p. 9, 10, 15). Tal enfoque na memória fez deslanchar os estudos que acabaram por estabelecer o campo da memória social. A noção de memória social se constitui como um importante avanço em relação ao pensamento de Halbwachs, pois compreende não só a formação de memórias sociais e de grupos relativamente estáveis, mas, sobretudo um campo de lutas e embates entre recordação e esquecimento. Tal embate deve-se a crescente midiatização da cultura que coloca em destaque a questão da temporalidade, como afirma Huyssen:

As próprias estruturas da memória pública midiatizada ajudam a compreender que, hoje, a nossa cultura secular, obcecada com a memória, tal como ela é, está também de alguma maneira tomada por um medo, um terror mesmo do esquecimento. Este medo do esquecimento articula-se paradigmaticamente em torno das questões do Holocausto, na Europa e nos Estados Unidos, ou dos presos políticos desaparecidos na América Latina. (HUYSSSEN, 2000 p. 19).

É neste cenário que a noção de memória social vai se ampliando cada vez mais, como descreve Huyssen (2000 p. 37) “a memória vivida é ativa, viva, incorporada ao social – isto é, em indivíduos, famílias, grupos, nações e regiões... a memória é sempre transitória, notoriamente não confiável e passível de esquecimentos, em suma, ela é humana e social.”

Na esteira desse movimento, podemos contar também com a contribuição de outro grande pensador: Sigmund Freud. Seu olhar a respeito da memória possui extrema relevância para a compreensão dos fenômenos psíquicos envolvidos nessa questão. Fazendo avançar o campo inaugurado por Halbwachs, estabelece uma crítica a respeito da pretensa dicotomia entre a psicologia individual e a psicologia social indicando que raramente a psicologia individual se acha em posição de desprezar a relação com outras pessoas. Dessa maneira, aponta que a psicologia individual é ao mesmo tempo psicologia social (FREUD, 1921 [2006] p.81).

Um ponto que particularmente me interessa na abordagem freudiana a respeito da constituição da memória social, diz respeito às suas considerações a respeito do surgimento do eu humano. No ensaio intitulado *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914), Freud afirmará que o eu humano se constitui a partir da experiência de encontro com o outro. Destaca que é a identificação com a imagem e com a palavra do Outro, aquilo que faz com o eu promova o recalque das pulsões autoeróticas instituindo, assim, a divisão radical que caracteriza o sujeito humano (SOUZA, 2014, p. 30). Com essas proposições, Freud aponta o caráter de alienação ao desejo do Outro que a constituição do psiquismo humano comporta, e com isso, ultrapassa toda a barreira que separa o individual do social.

Anos depois, no texto *Psicologia das massas e análise do Eu* de 1921, assevera que a identificação provoca transformações no eu na medida em que assimila determinados traços dos objetos, fato revelador de que o eu humano se constitui a partir de um precipitado de identificações a traços dos objetos amados e abandonados (SOUZA, 2014, p. 31). Por outro lado, também afirma que a identificação é “a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa”, revelando a trama afetiva envolvida na constituição do psiquismo humano. Tal fato indica o caráter social sempre presente na constituição da memória, o que nos permite afirmar, parafraseando a afirmação freudiana, que toda memória é ao mesmo tempo individual e social. Dessa forma, entendemos que é inexorável a importância das contribuições oriundas do campo psicanalítico para esse novo campo discursivo que é a memória social.

Na esteira de Nietzsche e Freud, veremos que, desde a Antiguidade, a produção de marcas é utilizada pelos homens como estratégia privilegiada para inscrever sua existência no mundo. Através das marcas, o homem faz-se perpetuar. Ele escreve sua história, ao mesmo tempo em que constrói sua memória. Por esse viés, talvez possamos pensar que assim como o fato está para a história, o traço esteja para a memória. Que relações existem entre a memória social e o traço?

Antes de abordarmos especificamente a relação entre o traço e a constituição da memória social, faz-se necessário voltar dois milênios e meio no tempo para buscar na história da civilização grega as primeiras concepções a respeito da memória. Em seguida, tentarei mapear a incidência das noções de traço, marca e vestígio na obra de alguns autores, na tentativa de estabelecer uma articulação com a memória social.

O pensador helenista Jean- Pierre Vernant em *Mito e pensamento entre os gregos* (2002) nos informa que no princípio dos tempos a memória era representada por uma divindade: Mnemosine, deusa grega filha de Urano (céu) e Gaia (terra) e irmã de Crono (tempo) e Okeanós (infinito), presidia uma função poética. (VERNANT 2002, p. 137).

Como musa inspiradora do canto épico, Mnemosyne transpõe o limite temporal ao mesmo tempo em que condensa forças totalmente contraditórias: o tempo e a morte. Jean-Pierre Vernant salienta que o poeta, inspirado pelas musas tinha o dom de cantar sobre o passado. Entretanto, esse passado não era individual, mas uma forma de passado primordial, original e heróico, o passado coletivo:

Mas, ao contrário do adivinho que deve quase sempre responder às preocupações referentes ao futuro, a atividade do poeta orienta-se quase exclusivamente para o passado. Não o seu passado individual, e também nem o passado em geral como se se tratasse de um quadro vazio, independentemente dos acontecimentos que nele se desenrolam, mas o “tempo antigo”, com seu conteúdo e as suas qualidades próprias: a idade heróica ou, para além disso, a idade primordial, o tempo original. (VERNANT 2002, p. 137).

A memória para os gregos, não é a construção de um “pensamento no tempo”, mas sim a evasão para fora dele. Ela não visa elaborar uma história individual onde se afirmaria a unicidade do eu; a memória quer realizar a união da alma com o divino (VERNANT 2002, p. 161).

É importante ressaltar, que o culto à Mnemosyne evidencia um momento da história da civilização grega em que a tradição oral predominava. A “narrativa” era a técnica privilegiada no ato de contar histórias e a rememoração dependia do exaustivo treino de memorização da história, que era transmitida de geração a geração. Vernant sublinha que a sacralização de Mnemosyne “marca o preço que lhe é dado em uma civilização de tradição puramente oral como foi a civilização grega, entre os séculos XII e VIII, antes da difusão da escrita” (Vernant 2002, p. 137).

Platão acreditava que a memória estava relacionava com a própria faculdade de conhecer. O saber não é outra coisa senão lembrar-se, é escapar pra fora do tempo enquanto que o esquecimento seria o abandono do conhecimento (PLATÃO 370 a. C., p. 39). Vamos encontrar em Platão uma oposição à escrita. Para ele, a escrita engendraria nos homens o esquecimento pela falta do exercício da memória. A crítica que ele faz à escrita é apresentada em *Fedro* (275) a partir da narrativa do mito de Theuth o deus-ibis de Naucrátis criador do cálculo, da astronomia e da geometria e

também das letras. No mito Theuth apresenta ao Faraó do Egito sua invenção - a escrita - e a define como o melhor remédio para a memória, ao que o Faraó responde:

Ó engenhosíssimo Theuth, um homem é capaz de criar os fundamentos de uma arte, mas outro deve julgar que parte de dano e de utilidade possui para quantos dela vão fazer uso. Ora tu, neste momento, como pai da escrita que és, apontas-lhe, por lhe queres bem, efeitos contrários àqueles de que ela é capaz. Essa descoberta, na verdade, provocará nas almas o esquecimento de quanto se aprende, devido à falta de exercício da memória, porque, confiados na escrita, recordar-se-ão de fora, graças a sinais estranhos, e não de dentro, espontaneamente, pelos seus próprios sinais. Por conseguinte, não descobriste um remédio para a memória, mas para a recordação. (PLATÃO 274b a. c. p.)

É interessante pensar que o fato de os gregos darem extrema importância à fala em detrimento da escrita, já denota um traço característico dessa civilização: a valorização da narrativa e a importância da presença do aedo, que com seu canto ou poesia, permite que as imagens carregadas de afetividade sejam restauradas na memória dos ouvintes. Na narrativa, a repetição é o que torna possível a revivência da experiência. Dessa forma, podemos concluir que ela só possui um sentido se for dirigida ao coletivo.

A psicanálise à semelhança dos gregos apóia todo seu arcabouço teórico-clínico na oralidade. Foi a escuta das histórias narradas pelas históricas em sua clínica, que tornou possível a construção do campo psicanalítico. Veremos que, desde o início, Freud se ocupou em demonstrar a importância da linguagem na constituição da memória, o que resultou na descoberta de um poderoso e complexo sistema que possui leis e lógica próprias de funcionamento: o inconsciente. Em um de seus primeiros trabalhos sobre as Afásias (1891) mostrou que a memória é constituída por representações (*Vorstellung*), ou seja, pelas marcas ou traços deixados no psiquismo pelas palavras ouvidas, por imagens percebidas que constituem o conjunto de experiências das experiências vividas.

Para Freud, a representação abarca tudo que é inscrito no psiquismo a partir da experiência de encontro com o semelhante. O campo representativo é responsável pela produção de sentido, o que indica que é em relação a esse campo que a realidade pode ser assimilada pelo sujeito.

A representação palavra (*Wortvorstellung*), no texto sobre as Afásias, é composta pelos elementos acústico, motor (fala e escrita) e visual (leitura) e as representações de objeto ou “associações de objeto”, como ele as chama, por elementos visuais, táteis e acústicos. Afirma Freud: “A representação-palavra está

ligada à representação-objeto a partir não de todos os seus componentes, mas apenas através da imagem acústica”. (Freud, 1891 [1977] pg. 71). O que Freud coloca em evidência é que a representação-palavra, para significar algo, necessita do enlace à representação-objeto o que revela a importância da linguagem na constituição da memória bem como o caráter social inerente ao encontro com o semelhante no início da vida.

Em 1895, no texto Projeto para uma psicologia científica, utilizando uma linguagem fisiológica e descritiva, Freud apresenta um modelo hipotético de um aparelho de memória marcado por trilhamentos (caminhos) que teriam a função de escoar a energia psíquica. Fazendo avançar suas pesquisas a respeito da constituição da memória, levantará a hipótese de que o ser humano – em virtude de sua prematuração tanto física quanto psicológica – traz como marca estrutural o desamparo primordial. O desamparo primordial é o que revela a incapacidade do sujeito humano de garantir sua sobrevivência sem o auxílio de um semelhante. Ele está, portanto, marcado por sua dependência em relação ao outro.

Freud levanta a hipótese de que o nascimento é uma experiência marcada pelo desamparo oriundo do aumento de excitação no psiquismo que é sentida no corpo. Essa excitação, por sua vez, só pode ser eliminada por meio do que ele chamou de “experiência de satisfação”, que é a primeira marca feita no psiquismo que permitirá a constituição da memória, a aprendizagem e a consequente aquisição da linguagem. Esse momento se configura pela entrada em cena de outro ser humano que intervém com seus cuidados, apaziguando o desamparo (aumento de excitação) experimentado pelo organismo, o que é sentido como um alívio da tensão. É, pois, a eliminação da tensão que provoca no organismo a sensação de prazer que caracteriza a primeira experiência de satisfação, tal como indica Freud:

O organismo humano é, a princípio, incapaz de promover essa ação específica. Ela se efetua por ajuda alheia, quando a atenção de uma pessoa experiente é atraída para o estado em que se encontra a criança, mediante a condução de descarga pela via de alteração interna. Essa descarga adquire, assim a importantíssima função secundária de comunicação, e o desamparo inicial dos seres humanos é a fonte primordial de todos os motivos morais. (...) A totalidade do evento constitui então a experiência de satisfação, que tem consequências mais radicais no desenvolvimento das funções do indivíduo. (FREUD, 1895, p. 370).

Verifica-se que Freud levanta a hipótese de que a experiência primitiva de satisfação constituirá a o primeiro traço mnêmico (representação) inscrito na memória. Dessa forma, podemos afirmar que a descrição freudiana acerca da constituição da

memória evidencia que esta se constitui a partir de traços mnêmicos, ou seja, marcas deixadas pela experiência de encontro com o semelhante. Outro ponto que é destacado no Projeto é a presença de uma tendência do psiquismo de reeditar essa primeira marca de prazer proporcionada pela experiência de satisfação. Como afirma Maurano, “o psiquismo enquanto um aparelho avança para frente e insiste para trás pelas fixações nas fontes de prazer originais. Ou seja, insiste nas marcas, nos traços de memória deixados por essas experiências”, inaugurando um movimento pulsante motivado pelo desejo

Essa questão será retomada por no texto *Além do princípio de prazer* (1920), quando teoriza definitivamente a compulsão à repetição. Como afirma a compulsão à repetição revela uma memória orientada pela repetição da satisfação e pela busca incessante de um objeto que coincide apenas parcialmente com aquilo que se tenta reencontrar, e coloca em cheque a presença de um resto inassimilável que o sujeito é incapaz de representar, mas que ao mesmo tempo comanda seu desejo. A repetição, portanto, é um trabalho psíquico que visa a simbolização das marcas que constituem o sujeito.

A fixação nas marcas de prazer, e a conseqüente evitação do desprazer que, em último caso, seria o retorno da situação de desamparo, é o que condiciona o recalçamento, uma defesa psíquica constitutiva da própria estrutura psíquica do sujeito oriunda de um cisão, “um corte que nega a entrada na consciência ao representante psíquico da pulsão” (MAURANO 2016, p.218). Freud pensa o recalque como um não querer saber, uma forma peculiar de esquecimento que, paradoxalmente, funciona também como uma maneira de conservação, de manutenção das marcas de desejo primitivas. Na visada freudiana, o esquecimento é uma forma salutar de lidar com as fixações, pois “permite a retoma do fluxo da existência”, o que evidencia que nós humanos operamos sempre a partir das “marcas e dos traços que deixam em nós” (MAURANO 2016, p.216).

O filósofo Jacques Derrida no texto *Freud e a cena da Escritura* fará uma leitura bastante original do texto freudiano *Projeto para uma psicologia científica* à medida em destacará a importância da facilitação (*Bahnung*) na constituição do psiquismo. Esse autor fará um percurso na obra freudiana que vai desde o *Projeto* até o *Bloco Mágico* para mostrar a importância da noção de facilitação nos textos freudianos a respeito da memória e sua relação com a escrita do traço. A proposta de Derrida desde o texto *Gramatologia*, caminha na direção de desconstruir o logofonocentrismo

responsável pela oposição entre a voz (phoné) e a escrita que predominava desde Sócrates. Um ponto que considero importante na obra desse pensador é a afirmação da noção do traço como *différance*, noção essa que destacará a importância das relações entre a escritura e o tempo, como afirma:

Na gramatologia e, sobretudo em *La différence*, tentei situar pelo menos a necessidade de reinterpretar um certo rastro de Nietzsche e de Freud. A questão da *différance*, ou do traço, não é pensável a partir da consciência de si ou da presença de si, nem em geral da plena presença do presente. Eu sentia claramente que havia em reserva, em Freud, uma poderosa reflexão sobre o traço e a escrita. Sobre o tempo também. (Derrida, 2001/2004, p. 204).

Em sua leitura de Freud, Derrida apontará o traço como condição de qualquer significação. Para ele, o traço é uma arqui-escrita que precede qualquer comunicação, pois qualquer marca feita em uma folha de papel é na verdade a representação gráfica de uma outra escrita presente na memória inconsciente.

Essas questões já haviam sido abordadas por Freud na carta 52, enviada por a Fliess, o aparelho psíquico em que o aparelho psíquico é apresentado como um aparelho de memória que se forma por “estratificação” em que o “material presente em forma de traços da memória estaria sujeito, de tempos em tempos, a um rearranjo segundo novas circunstâncias...” (Freud 1896 [2006] pg. 281). O traço nesse momento de sua elaboração passa a ter a capacidade de se alterar a partir de retranscrições periódicas derivadas das experiências, entretanto permanece o mesmo. Nessa carta o que vemos é o abandono do modelo neurológico e o surgimento de um primeiro modelo abstrato de um psiquismo capaz de representar graficamente a sequência temporal de inscrições e retranscrições, permitindo-nos vislumbrar algo da história de um sujeito, como que escrita em um livro. Como é possível perceber a teoria do traço mnêmico ocupar um lugar central nos textos freudianos acerca da constituição da memória.

Derrida, na esteira de Freud, chamará de escrita “tudo aquilo que dá origem à uma inscrição em geral, seja ou não literal ou mesmo se aquilo é alheio à ordem da voz: cinematografia, coreografia, naturalmente, mas também a “escrita” pictórica, musical, escultural (...) e finalmente ... o campo total coberto pelo programa cibernético será o campo da escrita” (Derrida 1967 [1976], p. 9). De fato, o que vamos encontrar em Freud será uma representação da memória, e, portanto do aparelho psíquico, como uma máquina de escrita descrita em *Nota sobre o bloco mágico* (1925).

Em Freud e a cena da Escrita descreverá a memória freudiana da seguinte forma:

A memória não é portanto uma propriedade do psiquismo entre outras, é a própria essência do psiquismo. Resistência, e por isso mesmo abertura à efração do traço.... A diferença entre as explorações, tal é a verdadeira origem da memória e portanto do psiquismo. Unicamente esta diferença libera a “preferência pela via”. A memória é representada pelas diferenças de explorações entre os neurônios... é necessário precisar que não há exploração pura sem diferença. O traço como memória não é uma exploração pura e simples, e a diferença indiscernível e invisível entre as explorações. Sabemos portanto já que a vida psíquica não é nem transparência do sentido nem opacidade da força, mas a diferença no trabalho das forças. Nietzsche dizia-o bem. (Derrida 1967 [1976], p. 185).

Em sua leitura de Freud, Derrida traz uma importante contribuição para o entendimento das diferenças presentes nas mais diversas culturas. Cada sujeito, cada povo, raça e nação se apropriará de suas marcas de uma determinada forma, indicando que a transmissão social da cultura se dá a partir do caráter memorial conferido às experiências vividas. As celebrações, as festas, os ritos, enfim, o caminho escolhido seja na vida subjetiva ou no social são, na verdade, a atualização de um passado que se torna presente em cada momento em que é lembrado. Por outro lado, é possível também verificar que há no homem uma tendência em deixar marcas, vestígios por ele passa. Os registros textuais, as fotografias, a construção de monumentos e até mesmo o gesto dos grafiteiros ao espalhar sua marca pelos prédios e viadutos da cidade evidenciam uma propensão no homem em deixar marcas, rastros por onde ele passa.

Passado, presente e futuro de mesclam revelando que a memória revelando a atemporalidade da memória. Como sublinha Andreas Huyssen, vivemos um momento onde a apropriação e a preservação das memórias passadas coloca em cena uma enorme preocupação relacionada ao esquecimento. Entretanto, não posso deixar de perceber que a conservação dos traços, das marcas não implica necessariamente em uma fixidez que impede a sociedade de avançar. Passado, presente e futuro se mesclam em grandes metrópoles onde imponentes prédios históricos povoam a paisagem urbana ao lado de maravilhas arquitetônicas da modernidade. Londres, capital da Inglaterra, pode ser tomada como exemplo da convivência entre o que diz respeito a um momento passado da história daquela nação e o novo, que surge a partir do gesto criativo dos que a habitam no presente. A beleza imponente do parlamento inglês com seu famoso Big Ben compartilha o cenário com a arquitetura moderna, onde prédios se erguem com suas fachadas envidraçadas, dentre os quais

se destaca de forma impressionante uma torre no formato de um projétil que aponta para o céu. A belíssima Tower Bridge compartilha a paisagem do Rio Tamisa com a London Eye, a maior roda gigante do mundo. Outro exemplo que pode ser tomado é o recém inaugurado Museu do Amanhã, do Rio de Janeiro, uma obra magnífica onde o passado, o presente e o futuro se entrelaçam por meio do uso de equipamentos multimídia que projetam informações sobre os grandes inventores do passado de forma que os visitantes possam interagir com as imagens. Talvez a própria ideia de museu como um lugar em que são depositados objetos do passado, precise ser ressignificada em nossos dias. O Museu na atualidade é um espaço de convivência entre o passado, o presente e o futuro, fato que evidencia que a conservação dos traços e das marcas, caminha lado a lado com a produção do novo.

Walter Benjamin, um dos principais pensadores do campo da memória social, afirmava que a modernidade lança suas bases sobre ruínas, “sobre restos de construções antigas”, ruínas essas que quando “ressignificadas, podem trazer novos sentidos de experiência”. Como salienta Regina Abreu no artigo Memória social: itinerários poéticos-conceituais, a relevância do pensamento de Benjamin está no caráter utópico de seu projeto que imaginava “novas formas de existir a partir de fragmentos que permitam refletir sobre os elos espaçotemporais”. A autora afirma ainda que, o “movimento proposto por ele é a transmutação de ruínas em alegorias, em que os sujeitos se apropriem do sentido de suas próprias existências” (ABREU 2016, p. 48).

Tais considerações ressaltam que a memória possui uma estrutura onde passado, presente e futuro amalgamados se estendem um sobre o outro, formando uma tessitura que rompe definitivamente com a ideia de linearidade do tempo. Essa trama composta por traços e marcas memoriais é o que possibilita que o sujeito exerça sua força no mundo a partir de uma das mais importantes funções da memória: a linguagem.

É nessa esteira que outro grande pensador das questões da memória social surge: o psicanalista francês Jacques Lacan, cujo ensino foi profícuo no sentido de possibilitar um retorno aos textos freudiano, estabelecendo um diálogo destes com a lingüística de Ferdinand e Saussure, com a antropologia de Claude Levi-Strauss, além de incorporar à psicanálise os estudos da lógica e da matemática, criando uma topologia que fosse própria a esse campo.

A subversão promovida por Lacan foi justamente a de evocar a existência de uma ordem simbólica que coloca o sujeito numa relação direta com sua própria fala, visto que antes mesmo de nascer, o sujeito é inserido num mundo simbólico, ou seja, em mundo constituído por uma ordem simbólica. A linguagem simbólica insere o homem na cultura, ao mesmo tempo em que inaugura um modo diferente de relação com a própria realidade. O sujeito ao ser inserido nessa ordem simbólica que existe antes mesmo de ele nascer, ocupa um lugar no sistema de relações, fato extremamente importante para cernirmos a importância da linguagem na constituição da memória social (SOUZA 2014, p.92).

Em *Função e campo da fala e da linguagem* (1953), destaca a importância da desejo na constituição do sujeito. Na ordem simbólica, o desejo é aquilo que permite que o vivente seja investido libidinalmente pelo outro responsável por introduzi-lo no universo humano. Ou seja: para que o ser vivente habite o universo humano faz-se necessário que ele seja essencialmente desejado e reconhecido pelo outro.

A ordem simbólica mostra que o homem, por estar inserido na linguagem, desvinculou-se de qualquer ordem natural regida por instintos, passando a ser regido por uma lei que estabelece a interdição do incesto, ao mesmo tempo em que organiza e estrutura as relações e escolhas de objeto, criando as condições necessárias para que as relações sociais tenham alguma estabilidade.

Seguindo o rastro deixado por Freud, introduz a hipótese do “traço unário” para se referir a um momento mítico “onde em algum lugar, para o sujeito tudo se marca”. (LACAN, 1960-61 p. 91). O traço unário se refere a existência do Um primordial constituído no lugar de uma falta, de um apagamento originário. Vejamos como Lacan expressa:

Aqui toma seu valor o fato de eu ter sido levado, pelo fio diretor da progressão freudiana, a articular, de uma maneira que me pareceu necessária, a função do traço unário, enquanto ela faz aparecer a gênese da diferença numa operação que se pode dizer situar-se na linha de uma simplificação sempre crescente, que está num propósito que é o que leva à linha de bastões, isto é, à repetição do aparentemente idêntico, que é criado, destacado, o que chamo não de símbolo, mas de entrada no real como significante inscrito – e é isso o que quer dizer o termo primazia da escrita, a entrada no real é a forma desse traço repetido pelo caçador primitivo, da diferença absoluta enquanto ela ali está. (...) levo-os ao ponto de levantar a questão, de definir, de articular passo a passo a solidariedade do estatuto do sujeito enquanto ligada àquele traço unário, com o fato de que o sujeito está constituído, em sua estrutura, onde a pulsão sexual entre todas as aferições do corpo tem sua função privilegiada. (LACAN, 1960-61 p. 170-171).

O traço unário, portanto, é uma marca que, passando obrigatoriamente por um ponto de apagamento, sublinha a existência de uma diferença a cada repetição. Ele é, portanto o significante não de uma presença, mas de uma ausência, afirma Lacan no A identificação. A diferença é suportada pelo traço, e sua repetição revela o sujeito na medida em que ele acaba por se incluir na contagem das repetições de seus atos. O sujeito da psicanálise é dividido, barrado, faltoso e desejante só podendo advir do inconsciente.

Lacan, ao conceituar o traço unário freudiano, promove uma torção na medida em que passa de uma abordagem da identificação pelo viés do imaginário para outra, simbólica, tendo em vista que o traço é responsável por instituir a lógica do significante, cujo papel é marcar, a cada uma de suas voltas, uma diferença. É por essa razão que o sujeito na psicanálise está referido à linguagem, ou seja, à possibilidade de se fazer uso da palavra. O sujeito, portanto, é o sujeito do inconsciente, o que significa o mesmo que dizer ele se manifesta pela via das formações do inconsciente, como indica Freud.

O sujeito, portanto, deve ser tomado em sua dimensão de vazio, o que é o mesmo que afirmar que ele não vem ao mundo a não ser pela intervenção pela palavra que procede do campo do Outro. Por essa razão, o sujeito sempre estará referido a uma alteridade radical. O inconsciente, enquanto um conceito fundamental da psicanálise se encontra justamente entre o sujeito e o Outro. Dessa forma, como afirma Maurano o sujeito não se opõe ao social, ao contrário, apresenta-se como uma dobra deste. (MAURANO 2016, 208).

Fazendo avançar a questão do traço unário freudiano, Lacan introduzirá a noção de letra mostrando sua relação com o sujeito. A letra no seminário sobre a identificação é definida como rasura de um traço anterior que foi apagado mediante a operação do recalque originário, se constituindo como suporte material do significante. Nota-se que a constituição da subjetividade é correlata de uma perda, um apagamento, sendo a apropriação pelo sujeito dos significantes oriundos do campo do Outro o que produz esse apagamento. O recalçamento, ou esquecimento originário é, como indica Lacan, o apagamento do traço, sendo que a marca que fica constitui o que ele chamou de "letra". Impossível aqui, não nos remetermos às considerações freudianas acerca do Bloco Mágico, uma superfície que recebe impressões passíveis de serem apagadas, mas que conserva as marcas da força exercida pela mão que porta o estilete.

A letra é tributária da passagem da imagem pelo significante, uma imagem apagada, um traço, uma rasura que se transforma em escrita na medida em que é apropriada pela linguagem. “A escrita como material, como bagagem”, diz Lacan, “esperava para ser fonetizada, e é na medida em que ela é vocalizada (...) que a escrita aprende se posso dizer assim, a funcionar como escrita.” (LACAN, 1960-61 p. 91). Lacan entende que a fala é o que abre caminho para a escrita, ou seja, é a palavra que escreve pela primeira vez o que nunca esteve ali, pois por mais que se pense que o inconsciente é um reservatório de representações recalçadas, ele na verdade, é um real, um vazio, que a palavra constitui. De fato, a palavra comporta uma escrita. Assim, o aforismo lacaniano “o inconsciente é estruturado como uma linguagem” pode muito bem se referir a uma linguagem escrita. (MACHADO, 2000 p. 19).

No Seminário 18 – “De um discurso que não fosse semblante” aponta a anterioridade da fala em relação à escrita:

... o escrito não é primeiro, e sim segundo, em relação a toda função de linguagem, e que, no entanto, sem o escrito, não há nenhuma possibilidade de voltar a questionar o que resulta, em primeiro lugar, do efeito da linguagem como tal, ou, dito de outra maneira, da ordem simbólica, isto é (...) a residência, o lugar do Outro da verdade. (LACAN, 1971 [2009] p. 59-60).

A citação sublinha a incidência do significante sobre o corpo constituindo marcas, traços, rasuras por onde a pulsão escoar. Se a incidência do significante é o que abre esse caminho, a possibilidade de questionar o que resulta de seus efeitos só pode ser feita a partir do escrito. Entende-se que o escrito como um encadeamento das letras, cuja função é a de instaurar a cadeia significante. A letra, portanto, tem a função de servir de suporte para os significantes. Isso significa dizer que a fala está ancorada na escrita, tal como Lacan afirma: “... a fala sempre ultrapassa o falante, o falante é um falado (...) se a escrita pode servir para alguma coisa, é justamente na medida em que é diferente da fala – da fala que pode se apoiar nela...”. (LACAN, 1971 [2009] p. 73 e 75).

O primeiro significante constitui-se como a primeira marca: “O traço unário, o próprio sujeito se situa nele e, inicialmente, ele se marca como tatuagem, primeiro dos significantes.” (LACAN, 1964 [1973] p. 138).

Toda a pesquisa feita até aqui, aponta para a incidência da noção de traço na obra de diversos autores que trabalham a questão da memória social. Tal fato levanta as seguintes questões: é possível pensar o traço como fundamento da memória social? Há um conceito de traço na obra dos autores do campo da memória social?

Ao meu ver, a contribuição da psicanálise é fundamental no sentido de nos indicar um caminho que nos possibilite construir algumas respostas. Minha hipótese é que o traço unário, tal como foi teorizado por Freud e Lacan, se constitui como fundamento da memória social.

Como afirma Maurano (2016 p. 208), “a psicanálise não se ocupa com o levantamento de representações coletivas as quais se supõe o poder de sintetizar valores unificadores de certos grupos, produzindo generalidades abstratas que tomam a memória social como memória de representações coletivas, perspectiva privilegiada por Halbwachs.” Ao contrário, ela se ocupa “em tentar cernir os modos pelos quais a memória se constrói a partir de uma economia de forças que manifesta a presença de subjetividades, que são expressão da dimensão estrutural de linguagem que nos une enquanto humanos”. Dessa forma, podemos afirmar que a especificidade da contribuição da psicanálise para essa discussão está justamente no fato de ela se ocupar com o jogo de forças que estão em questão na constituição da memória e não na simples descrição dos modos de expressão socioculturais desta.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Regina. *Memória social: itinerários poéticos-conceituais*. In: Por que Memória Social? Revista Morpheus: Estudos interdisciplinares em memória social, p.
- BENJAMIN, Walter. (1940). *Sobre o conceito de história*. In: \_\_\_\_\_. Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 222-232. vol. 1.
- \_\_\_\_\_. (1923). *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas III).
- DERRIDA, Jacques (1967) *Freud e a cena da Escritura*. In A Escritura e a diferença. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- DERRIDA, Jacques.(1930) *Mal de Arquivo*. Rio de Janeiro: Relumê Dumará, 2001.
- DERRIDA, Jacques & ROUDINESCO, Elizabeth. *De que amanhã....* Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- FREUD, S. (1891) *Afásias*. Freud e seus interlocutores. Rio de Janeiro: Zahar. 2014.
- FREUD, S. (1895[1950]) *Projeto para uma psicologia científica*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol. I.
- FREUD, S. (1895[1950]) *Carta 52*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol. I.
- FREUD, S. (1900) *A interpretação dos sonhos*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol. V.
- FREUD, Sigmund. (1914). *Sobre o narcisismo: uma introdução*. In Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago. 2006 Vol. XIV.
- \_\_\_\_\_. (1921) *Psicologia de grupo e análise do Eu*. In Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago. 2006 Vol. XVIII.
- GONDAR, Jô. *Quatro proposições sobre memória social*. In: GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera. (Orgs.). O que é memória social? Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005. p. 11-26.
- HUYSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- LACAN, J. *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano*. In: Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- LACAN, J. *O Seminário sobre a carta roubada*. In: Escritos. Rio de Janeiro, 1998.
- LACAN, J. *A instancia da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*. In: Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- LACAN, J. *Lituraterra*. In: Outros Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- LACAN, Jacques. (1979) *Joyce, o Sintoma*. In: Outros Escritos. Rio de Janeiro: Zahar. 2003.
- LACAN, Jacques. (1974) *Televisão*. In: Outros Escritos. Rio de Janeiro: Zahar. 2003.
- LACAN, Jacques. (1960-61) *O Seminário - A identificação*. Seminário não estabelecido oficialmente. Trad. Ivan Corrêa e Marcos Bagno. Centro de Estudos Freudianos, Recife.
- LACAN, Jacques. (1962-63) *O Seminário – livro 10 – A angústia*. Rio de Janeiro: Zahar. 2005.

## O Traço como Fundamento da Memória Social

- LACAN, Jacques. (1964) *O Seminário – livro 11 – Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. 2008.
- LACAN, Jacques. (1971) *O Seminário – livro 18 – De um discurso que não fosse semblante*. Rio de Janeiro: Zahar. 2009.
- LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 23 – O sinthoma*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- LIFSCHITZ, J. . *La memória política e sus espectros*. Editorial académica española. 2015.
- MACHADO, A. M. N. *Presença e implicações da noção de escrita na obra de Jacques Lacan*. 2ª Ed. Santa Catarina: UNIJUÍ, 2000.
- NANCY, Jean-Luc & LACOUÉ-LABARTIE, Philippe. *O título da letra*. São Paulo: Escuta, 1991.
- SOLER, Colette. *O inconsciente: que é isso?* São Paulo: Annablume. 2012.
- MAURANO, Denise. *O mal-estar na memória: algumas incursões contemporâneas*. In: Por que Memória Social? Revista Morpheus: Estudos interdisciplinares em memória social, p. 203-226.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral*. São Paulo: Companhia das letras, 2009.
- PLATÃO (370 a.C.). *Fedro*. São Paulo: Martin Claret, 2007.
- SOUZA, Joana. *As vicissitudes do Eu na obra de Freud e Lacan*. Dissertação de mestrado apresenta ao programa de Pós-Graduação em Pesquisa e Clínica em Psicanálise da UERJ, 2014. Disponível em: [http://www.bdt.d.uerj.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=7971](http://www.bdt.d.uerj.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=7971).
- VERNANT, Jean-Pierre. (1965). *Mito e pensamento entre os gregos: estudos de psicologia histórica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

## THE DASH AS THE FOUNDATION OF SOCIAL MEMORY

### ABSTRACT

The purpose of the article is to show that memory has a moebian structure and, for that reason, the traditional boundaries that opposes the internal and the external, the subjective and the social, dissipate starting from a course. Evidence itself that the traces present in culture are, in fact, expressions of inscriptions internalized by the subjects that gives origin to the cultural differences that govern the social tissue. The singular form that each culture handles their memories, that is, what is remembered, what is forgotten and what returns in celebration and rituals evidence the strength of the traces: conserve at the same time that they make possible the recreation of new senses.

**KEYWORDS:** Memory. Social. Trace. Psychoanalysis.

## **LA TRACE COMME FONDEMENT DE LA MÉMOIRE SOCIALE**

### **RÉSUMÉ**

Le travail proposé est de montrer que la mémoire a une structure moebiana et, pour cette raison, les frontières traditionnelles entre l'interne et l'externe, le subjectif et le social, se dissipent à partir d'un itinéraire. Il est évident que les traces présentes dans la culture sont, en fait, les expressions des abonnements intériorisés par les sujets, qui donnent lieu à des différences culturelles qui régissent le tissu social. La forme singulière de la manière dont chaque culture traite avec leurs souvenirs, ou, ce qui est rememorado, ce qui est oublié et ce qui revient dans les fêtes et les rites de montrer la force des traces: conserver dans le même temps, qui rendent possible la re-création de nouvelles significations.

**MOTS-CLÉS:** Mémoire. Social. Trace. Psychanalyse.

Recebido em: 10-07-2017

Aprovado em: 15-10-2017

© 2017 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.psicanaliseebarroco.pro.br>

[revista@psicanaliseebarroco.pro.br](mailto:revista@psicanaliseebarroco.pro.br)

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO

Memória, Subjetividade e Criação

[www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php](http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php)

# UMA ANTÍGONA BRASILEIRA: A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DE EUNICE PAIVA E DA SUA ATUAÇÃO EM DEFESA DA DIGNIDADE HUMANA PARA ALÉM DA LEI

*Mariana Rodrigues Festucci Ferreira<sup>1</sup>*

## RESUMO

Este texto visa à construção da memória de Eunice Paiva dando-se ênfase a sua militância em favor da dignidade humana para além da lei. A ênfase da pesquisa é inspirada no mito de Antígona (Sófocles) onde a heroína é impedida de enterrar o irmão Polinices por determinação do rei Creonte. Eunice teve o marido extraído de seu convívio por agentes da ditadura civil militar no ano de 1971; tendo tido indicações de que ele havia sido assassinado, reivindicou o reconhecimento de sua morte e a revelação de onde o corpo estaria enterrado para que lhe pudesse prestar as honrarias fúnebres. Indo para além da dimensão pessoal da tragédia, Eunice passou a militar pelos direitos civis dos desaparecidos e familiares de todo o Brasil, e como advogada atuou contra a violência e expropriação indevidas de terras sofridas pela população indígena.

**PALAVRAS-CHAVE:** Eunice Paiva. Antígona. Ética. Lacan. Ditadura.

---

<sup>1</sup> Psicóloga. Doutoranda em Psicologia Clínica (bolsista CNPQ) pela USP; especializanda em Gestão da Educação Pública pela UNIFESP. Mestre em Psicologia Social (bolsista CAPES) e especialização em Psicanálise e Linguagem pela PUC-SP. Endereço para correspondência: Rua Siqueira Campos, 826, 5 andar, apartamento 53, Centro, 09020-240, Santo André, SP. [marianafestucci@usp.br](mailto:marianafestucci@usp.br)

## INTRODUÇÃO

Este texto apresenta os resultados parciais de uma pesquisa em andamento no programa de pós-graduação em Psicologia Clínica, núcleo de Psicanálise e Sociedade, da USP, e que visa à construção da memória de Eunice Paiva dando-se ênfase a sua militância em favor da dignidade humana para além do que fora determinado pelas leis constitucionais do Estado nacional brasileiro no período histórico que compreende da ditadura civil militar à redemocratização (de 1964 aos dias atuais).

A ênfase da pesquisa é inspirada no mito de Antígona, cuja versão mais conhecida foi escrita por Sófocles, onde a heroína é impedida de enterrar o irmão Polinices por determinação do rei Creonte. Mesmo sabendo que sobre ela incidiria a pena capital, Antígona levou a cabo o desejo de prestar as honras fúnebres ao irmão e com isso acabou sendo trancada viva em uma caverna. Para Antígona não restara alternativa diante da determinação da lei uma vez que deixar o corpo do irmão a céu aberto seria negar-lhe a irmandade que estava para além dos laços sanguíneos – determinada pela dignidade humana. Não enterrar o irmão era negar a humanidade dele e, por conseguinte a sua própria; por isso é que com o seu ato para além da lei Antígona sustentou o que lei deixara descoberto.

Eunice Paiva teve o marido (deputado Rubens Paiva) extraído de seu convívio por agentes da ditadura civil militar no ano de 1971; na mesma ocasião ela foi presa e interrogada, tendo permanecido por 12 dias com uma de suas filhas menores (Eliana, de 15 anos) nas dependências do DOI-Codi do Rio de Janeiro. Após a libertação, Eunice passou a exigir a verdade sobre o paradeiro do marido, e tendo tido indicações de que ele havia sido assassinado, reivindicou o reconhecimento de sua morte (a declaração oficial do óbito só foi emitida 25 anos depois) e a revelação de onde o corpo estaria enterrado (o que jamais descobriu) para que lhe pudesse prestar as honrarias fúnebres. Eunice, entretanto, foi para além da dimensão pessoal da tragédia e passou a militar pela verdade e direitos civis dos desaparecidos e de seus familiares de todo o Brasil, tomando parte em comissões civis. Formou-se advogada e atuou profissionalmente contra a violência e expropriação indevidas de terras sofridas pela população indígena, participando, junto com antropólogos e outros especialistas, das organizações Mata Virgem, Fundação Pró-Índio e IAMÁ. Eunice Paiva com sua militância e crítica ao regime ditatorial arriscou a própria vida, pois

conforme mostrou documentos do SNI (Serviço Nacional de Inteligência) atualmente sob a guarda do Ministério da Justiça e que vieram à público em 2013, tanto ela quanto seus filhos foram vigiados por agentes militares de 1971 até 1984. Ocorre que para Eunice, mesmo sob risco capital, não restara outra alternativa senão desafiar a lei vigente, justamente porque, no rastro de Antígona, ela desejou honrar o que a lei deixara descoberto – a dignidade humana.

Invocamos nesta pesquisa a o mito de Antígona justamente para dar a dimensão da postura ética sustentada por Eunice Paiva. Para a sociedade civil a lei institui uma fronteira última, um limite que não deve ser transposto. Antígona através de seu ato foi, de acordo com a crítica tecida pelo psicanalista Jacques Lacan (2008), para além da finda-linha. Da mesma forma foi Eunice Paiva.

O ato de trazer a dimensão do mito para a pesquisa foi inspirado na estratégia de “re-imaginação” do conhecimento proposta por Donna Wilshire, teórica feminista. Wilshire (1997, p.101) pontua que a teoria do conhecimento ocidental utiliza-se de uma epistemologia excessivamente objetivista, cartesiana e factual, o que acaba por negligenciar importantes elementos, tais como “a cognição desinteressada, intuição, inspiração, percepção sensual ou qualquer outro” que poderiam compor uma teoria mais completa e sensível a todas as formas da cognição humana. Para Wilshire (1997) uma teoria que não leva em conta a maior variedade possível de elementos na sua composição é uma teoria excludente. Dentre os elementos de maior destaque para a *re-imaginação* do conhecimento Wilshire (1997) coloca a dimensão do mito como aquilo que une ao invés de segregar, pois inclui coisas e/ou situações que todos os seres humanos comungam ao invés de enfatizar aquilo que os individualizam.

Uma parte do conhecimento que se revela quando um Mito é corretamente interpretado, é que, para os seus narradores, o significado da vida era constituído por integridade, interconexão e por experiência cíclica no tempo – não por dualismos e linearidade. Dos Mitos do passado distante nos chegam exemplos de atitudes humanas em relação à terra, à natureza, ao tempo, às mulheres e seus corpos (todos interligados), que correspondem às atitudes que muitas feministas e ecologistas, como eu mesma, lutam por criar agora para o presente e para o futuro (Wilshire, 1997, p. 108).

Trazemos, portanto, a dimensão do mito de Antígona para ampliar o alcance da nossa construção da memória de Eunice Paiva para além da figura de *viúva da ditadura*. É marcante que nos círculos acadêmicos Eunice frequentemente não seja lembrada pelo nome próprio, mas somente em referência ao marido assassinado. Queremos situar à relevância desta personagem histórica que lutou pela dignidade

humana e que se posicionou para além da tragédia pessoal. Tal construção de memória ganha ainda mais enlevo em função do estado de saúde em que Eunice, atualmente com oitenta e seis anos, se encontra acometida pelo estágio III do Alzheimer. Segundo o relato do seu filho Marcelo Rubens Paiva em seu mais recente livro – *Ainda estou aqui, 2015* – Eunice, mesmo com a vida restringida não se permite ser identificada ou ignorada em função da doença:

Jamais sentiria pena de si mesma. Nem queria que sentíssemos pena dela. Jamais pediu ajuda. Recentemente, uma nova fala cheia de significados entrou no seu repertório, especialmente quando um turbilhão de emoções a ataca, como rever uma filha que mora na Europa ou segurar no colo o meu filho, o que mostra uma felicidade e um alerta, caso alguém não tenha reparado: Eu ainda estou aqui. Ainda estou aqui. (Paiva, 2015, p. 262).

Sabemos que Eunice Paiva ainda está aqui. E desejamos trabalhar na construção de sua memória o mais breve possível para que ela tenha condições mínimas de desfrutar o seu lugar de reconhecimento, sem nos esquecermos, é claro, da necessidade de se realizar uma *justiça histórica*.

Tendo colocado tais pontos, esclarecemos ainda que esta pesquisa se utiliza primordialmente da metodologia qualitativa denominada como história oral, “que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de aproximar o objeto de estudo” (Alberti, 2004, p.18). Apresentar-se-á aqui trechos de depoimentos fornecidos pelas antropólogas Carmen Junqueira e Betty Mindlin, que atuaram junto a Eunice na causa indígena, e do cineasta Joatan Vilela Berbel, que filmou o curta “Eunice, Clarice e Thereza”, sobre a luta das mulheres de desaparecidos, em 1979. Além disso, recorrer-se-á a livros e também a fontes documentais, tais como jornais, revistas e documentos oficiais. Organizaremos nossa “memória em construção” em três eixos:

- Para além da tragédia = em que discorreremos sobre a vida de Eunice Paiva antes e depois do acontecimento traumático de 1971 (prisão e assassinato do marido e a sua própria prisão).
- Em defesa da dignidade humana para além da lei = onde trataremos sobre a luta de Eunice pela verdade e dignidade dos desaparecidos da ditadura e sobre a sua atuação junto à causa indígena, com a participação nas organizações Mata Virgem, Fundação Pró-Índio e IAMÁ, além da escritura do livro “O Estado contra o índio” em conjunto com a antropóloga Carmen Junqueira.
- Fragmentos de depoimentos = onde citaremos fragmentos de entrevistas e depoimentos sobre Eunice Paiva.

## **PARA ALÉM DA TRAGÉDIA**

Antígona não foi submissa. Sua ousadia já tinha sido posta à prova mesmo antes da tragédia envolvendo o irmão Polinices. Quando Édipo foi proscrito de Tebas por ter assassinado o pai e desposado a própria mãe sem saber, foi Antígona que, contrariando as recomendações dos irmãos, acompanhou o pai no exílio (Édipo, dilacerado pela decepção, arrancara os próprios olhos, e não teria sobrevivido sozinho). Antígona se pôs ao lado do pai mesmo sabendo que ele seria considerado indesejado e maldito onde quer que passasse, o que significava que eles não teriam pouso em nenhuma terra, ficando condenados a uma jornada sem fim. No retorno a Tebas após a morte do pai, Antígona se deparou com a briga entre os seus irmãos Etéocles e Polinices pelo trono. Com a morte de Polinices e diante da proibição ditada por Creonte de enterrá-lo, Antígona desobedece e é condenada a ser murada viva em uma caverna. Depois de tê-la trancado viva o rei Creonte se arrepende da decisão e ordena que Antígona seja retirada da caverna, mas os soldados encontram-na morta. Antígona, que não acolhera a determinação arbitrária, havia se enforcado antes de sucumbir.

Eunice não foi submissa. Maria Lucrecia Eunice Facciolla Paiva, nascida em 1929, que desde a época do colégio era chamada de “italianinha”, apelido que lhe deixava furiosa, passou a assinar somente “Eunice Paiva” assim que foi atingida pela tragédia ocorrida em 1971, numa tentativa de escapar tanto do apelido quanto da alcunha de “mulher de desaparecido” ofertada pelos jornais. Quando criança Eunice levava reguadas dos educadores como uma tentativa forçada de fazê-la escrever com a mão direita. Canhota determinada, Eunice não recuou. Estudou exaustivamente e se tornou a melhor aluna de sua turma no tradicional Colégio Sion de São Paulo. Por conta de seus conhecimentos, a amiga Maria Lúcia Paiva pediu que Eunice lhe desse algumas explicações antes de uma prova, e foi na casa desta amiga que Eunice conheceu Rubens, o futuro marido. Os dois começaram a namorar em 1947. Ambos, contando com dezessete anos, prestaram o vestibular. Eunice foi aprovada em primeiro lugar na Universidade Mackenzie para o curso de Letras mesmo tendo sido proibida pelo pai de prosseguir com os estudos após o colégio. Rubens foi reprovado e passou dois anos em viagens pelo mundo antes de ingressar no curso de engenharia civil. Enquanto isso Eunice concluiu a graduação e embora não tenha exercido a profissão era reconhecida por falar fluentemente inglês e francês, pelo domínio da norma culta da língua portuguesa (tanto que atuou, anos depois, na

revisão dos primeiros artigos e livros do filho Marcelo Rubens Paiva) e por seu vasto repertório literário. Assim conta o seu filho Marcelo:

Quando eu nasci [1959], ela já tinha lido de tudo. Os russos Dostoiévski e Tolstói, os franceses Balzac, Flaubert, Victor Hugo e Proust no original e, do inglês, de Hemingway a Fitzgerald, passando por Henry Miller, além de toda a literatura brasileira. Era amiga de escritores como Lygia Fagundes Telles, Antônio Callado, Millôr, Haroldo de Campos – colega de classe de meu pai – , além de editores e livreiros. Era fã de Érico Veríssimo. Dizia que, a cada lançamento dele, ficava nas filas das livrarias, como os fãs de Harry Potter ou de iPhone. Nas salas das casas em que morei, não tinha tv, mas livros, do chão ao teto (Paiva, 2015, p.47).

Eunice se casa com Rubens Paiva em 30 de maio de 1952 e quando o marido lhe propõe, dez anos depois, que todas as economias da família sejam empenhadas na sua campanha para deputado federal, Eunice já era mãe de cinco filhos: Vera, Ana Lúcia, Eliana, Marcelo e Beatriz. Eunice se preocupava com o fato do casal ainda não possuir casa própria, mas não se interpôs ao sonho do marido que se concretizou com a sua eleição em outubro de 1962.

Em 1964, dois dias após a deflagração do golpe militar, Rubens Paiva, que se encontrava em Brasília, gravou um discurso transmitido pela Rádio Nacional onde criticava os acontecimentos recentes. Em São Paulo Eunice, ouvindo boatos sobre prisões e preocupada com o destino do marido, chama a sua mãe Olga para cuidar dos filhos e vai para o aeroporto ao encontro de um destino de onde todos queriam fugir.

Lá, uma confusão. Voos eram cancelados. O aeroporto estava cercado. Gente querendo embarcar às pressas. Ela conseguiu uma passagem para o dia seguinte. Dormiu com centenas de passageiros amedrontados numa ala sem luz. Dormiu vendo as sombras de militares nas paredes. Embarcou sem comer num dos poucos voos comerciais que partiram para Brasília (Paiva, 2015, p. 98).

Em 10 de abril de 1964 Rubens Paiva tem os direitos políticos cassados; ele tenta sair de Brasília, mas o avião em que está é interceptado, então Rubens foge a pé do aeroporto e se exila na Embaixada de Iugoslávia, onde permanece recluso por três meses. Neste período Eunice retorna a São Paulo e embarca com todos os filhos para Brasília, se instalando no “apartamento funcional de deputado” do seu marido deposto. Eunice visita a embaixada diariamente levando suprimentos e os filhos para conviver com o pai. Em junho de 1964 Rubens Paiva parte para o exílio onde permanece por cinco meses, retornando clandestinamente ao Brasil em novembro.

Entre o final de 1964 e início de 1971 a família Paiva vive um constante clima de instabilidade. Amigos recomendam que o casal deixe o país, mas Rubens se recusa a fazê-lo. Ele decide se mudar com a família para o Rio de Janeiro e lá trabalha como diretor de uma empresa de engenharia. Embora tivesse comprado um terreno, ainda não havia construído a casa própria, o que significa que, tendo sido capturado em 20 de janeiro de 1971 por agentes da ditadura, Rubens deixou a família sem moradia. Isso porque com os bens financeiros congelados pelo “desaparecimento” do marido Eunice não pôde realizar movimentações financeiras, ficando sem dinheiro algum.

Por anos, ela [Eunice] não o perdoou [Rubens] por colocar a família em risco, numa luta desigual, desorganizada, praticamente e perdida. Para muitos meu pai foi um herói que não fugiu à luta. Para ela, deveria, sim, ter seguido para o exílio, quando soube que a família poderia passar pelo que passou. Mas lutou por ele a vida toda. Lutou para descobrir a verdade, para denunciar a tortura, os torturadores (Paiva, 2015, p. 259).

Esclarecemos que o ex-deputado Rubens Paiva foi preso por agentes do DOI-Codi em sua casa em 20 de janeiro de 1971. No dia 16 de janeiro do mesmo ano o embaixador suíço Giovanni Bucher havia sido libertado de um sequestro em troca de setenta presos políticos que se encontravam exilados em Santiago do Chile, na época sob o governo de caráter socialista de Salvador Allende. Ao desembarcarem no aeroporto do Galeão, no Rio de Janeiro, os ex-exilados foram ostensivamente revistados e interrogados. Em posse de Cecília Viveiros de Castro foi encontrado um monte de cartas endereçadas a combatentes do regime militar no Brasil – nele havia o número de telefone de Rubens Paiva anotado como referência. A partir daí deu-se a prisão de Rubens. No dia que em que fora levado, sua casa e família ficaram sob a vigilância de agentes de ditadura. No dia seguinte Eunice foi informada de que a casa seria liberada da vigilância, mas que ela e a filha Eliana seriam levadas para interrogatório.

No DOI-Codi, Eunice e Eliana foram conduzidas para uma sala, revistadas detalhadamente e despojadas de seus pertences. Em seguida fotografadas e identificadas. Encapuzadas novamente, foram sentadas em um banco, próximas uma da outra, mas sem saber que estavam juntas, pois não viam nada e não podiam falar. Ouviam burburinho de vozes masculinas e gritos. Assim permaneceram até o fim do dia, em silêncio, respirando com dificuldade sob o capuz no calor de quase 40º, sem bem beber nem comer nada (Tércio, 2013, p.200).

Eliana foi liberada na manhã do dia seguinte. Já Eunice permaneceu nas dependências do DOI-Codi por doze dias sem nenhuma visita e sem contato com o marido, do qual apenas foi mostrada uma foto durante os interrogatórios:

Na sala havia pau de arara, fios desencapados ligados em uma tomada, sangue no chão. Queriam saber se ela era comunista, se Rubens era comunista, quem eram os amigos dele. Mas queriam saber principalmente sobre as cartas do Chile, com quem Rubens se correspondia (...). Eunice não sabia nada sobre as cartas. Eles não acreditavam (Tércio, 2013, p. 212).

Quando Eunice foi liberada havia perdido vinte quilos. Os filhos observavam que ela estava triste, mas Eunice não chorava na frente deles.

Eunice disse, em rápida entrevista, que quer apenas ter seu marido de volta. E explicou que tem cinco filhos, que frequentemente perguntam pelo pai. (...). Eunice explicou: "Fui solta mas, evidentemente, falta uma peça na família. Há uma angústia profunda em Marcelo e Beatriz, os filhos mais novos" (O Estado de São Paulo, 4/2/1971).

Eunice tentou prosseguir com a rotina de forma tão normal quanto possível. Ao mesmo tempo em que cobrava das autoridades o paradeiro do marido (chegando mesmo a encaminhar uma carta para o presidente da República, Emílio Garrastazu Médici, em 22/3/1971) tentava cuidar da casa e criar os filhos, ainda que sem recursos. Por fim decide retornar para São Paulo e se iniciar em uma profissão:

Aos quarenta e dois anos, prestou outro vestibular. Estudou sozinha, viúva, triste. Em Santos, para onde nos mudamos. Estudou e entrou em primeiro lugar na faculdade de direito e se transferiu para a Mackenzie. Uma prima conta que minha mãe estudava o tempo todo, que nós corríamos pela casa, e ela estudava, estudava (Paiva, 2015, p. 47).

Quando se mudou para São Paulo em 1974, Eunice Paiva não tinha dinheiro algum, mas possuía obras de arte de valor, entretanto se recusou a vendê-las. Mesmo diante de inúmeras dificuldades, não abriu mão de seus quadros, mobília de alto padrão e tapeçarias. Em compensação, costurava os próprios vestidos e fabricava em casa o destilado que iria servir para as visitas. Tendo se bacharelado em Direito passou a atuar nos processos de divórcio e inventários de amigos, o que fez com que as dificuldades financeiras fossem parcialmente superadas. Mesmo diante de inúmeras dificuldades, Eunice nunca quis passar para a sociedade a impressão de que a ditadura militar havia vencido sobre a sua família. Recusava a nomenclatura de "família vítima da ditadura", tanto que posando para a primeira imagem da família após o evento trágico de 1971, capturada por um fotógrafo para a capa de uma revista semanal, Eunice orientou que os filhos sorrissem.

*Uma Antígona brasileira: a construção da memória de Eunice Paiva e da sua atuação em defesa da dignidade humana para além da lei.*

Figura 1<sup>3</sup>



Fonte: Revista Época – 18/8/2015.

## **EM DEFESA DA DIGNIDADE HUMANA PARA ALÉM DA LEI**

A “lei dos homens” (Diké, em grego) determinada pelo rei Creonte era clara: quem honrasse um traidor de Tebas seria considerado tão traidor quanto, e estaria, portanto, suscetível à punição com a morte. Antígona desobedece a Diké ao enterrar seu irmão Polinices porque fora fiel à Thémis (lei divina) que definia que os mortos precisavam ser honrados; se Antígona não se submeteu à Diké foi porque esta última ferira Thémis.

O mito de Antígona traz à tona um dilema factual presente em diversos momentos da História da humanidade onde um poder arbitrário e desmedido, ainda que revestido de legalidade, atacou aquilo que era anterior e estava para além dele – a humanidade. Basta que nos lembremos de um só exemplo: o genocídio judeu foi “legal”, mas se Eichmann tivesse sido insurgente como Antígona, ele não teria sido julgado no tribunal de Jerusalém. A banalidade do mal está em praticá-lo não pela

---

<sup>3</sup> Figura 1 Disponível em: <http://epoca.globo.com/vida/noticia/2015/08/filhos-de-rubens-paiva-falam-sobre-o-dia-em-que-o-pai-nao-voltou.html>. Acesso em: 23/11/2015.

maldade em si mas por excesso de obediência e sem crítica, assim o dizia Hannah Arendt.

A Diké do século XX ditou muitas coisas à Eunice Paiva: que o seu marido não havia sido preso (mesmo que Rubens tenha conduzido o próprio carro até o pátio do DOI-Codi e que houvesse um recibo em posse da família Paiva de retirada do veículo); que Rubens havia sido retido para interrogatório e não se poderia ter contato com ele, mas que o mesmo seria liberado em dez dias; por fim, que Rubens havia fugido graças a um assalto forjado por comunas durante uma diligência, ou seja, que Rubens não seria mais responsabilidade do Estado brasileiro uma vez que tinha fugido da lei e provavelmente se encontrava exilado em outro país).

Os meses foram passando desde a prisão de Rubens Paiva em 20 de janeiro de 1971; Eunice lutou contra cada determinação que lhe era imposta apelou ao Ministério Público, a Comissão dos Direitos Humanos, ao Exército e ao presidente da República.

A princípio Eunice tinha esperanças de encontrar o marido vivo, depois foi se apropriando do seu estado “ilegal” de viuvez. E novas batalhas se sucederam: pela reabertura do caso que fora arquivado, pela emissão do atestado de óbito, pela investigação e responsabilização dos mandantes do assassinato, e por encontrar os restos mortais. Eunice acabou tomando parte em grupos civis que cobravam os direitos dos desaparecidos e de seus familiares. Eunice transformou a luta por Rubens na luta por todos os brasileiros.

*Uma Antígona brasileira: a construção da memória de Eunice Paiva e da sua atuação em defesa da dignidade humana para além da lei.*

Figura 2. Foto de um trecho do jornal Folha de São Paulo, caderno Política, 3/05/1985.<sup>4</sup>

## **CDDPH não planeja rever passado**

Da Sucursal de Brasília

Em dezembro de 1979, **Eunice Paiva**, viúva do ex-deputado Rubens Paiva, que desapareceu oito anos antes depois de preso pelo regime militar, criticou a decisão do Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana (CDDPH) de não apurar os crimes cometidos durante os anos de repressão política afirmando: "O esquecimento proposto pelo Ministério da Justiça e aceito pela maioria submissa do CDDPH nada mais é do que a condescendência criminoso, proposta por motivos óbvios que um dia também serão apurados".

Sua crítica foi partilhada pelos presos políticos recém-anistiados que acreditavam que a apuração e a responsabilização dos autores dos crimes cometidos nos anos de ditadura militar seria inevitável com a democratização do País.

No entanto, a "Nova República", apesar de prometer redemocratizar o País, não pretende revolver o passado.



Lyra comanda reativação do Conselho

Fonte: Folha Acervo.

Eunice Paiva foi aos jornais, revistas, televisão, reuniões em escolas etc. Não recuou mesmo sabendo que o país estava sob a censura militar e que ela corria risco de morte. O risco não era apenas "hipótese", pois como comprovam documentos que vieram a público em 2013, Eunice foi constantemente monitorada desde 1971 até o período das Diretas-já (1984).

<sup>4</sup> Figura 2: Disponível em: <http://acervo.folha.uol.com.br>. Acesso em: 23/11/2015.

Figura 3. Foto de um dos relatórios do SNI (Serviço Nacional de Informações), 1979.<sup>5</sup>

001839 79

**CONFIDENCIAL**

SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES  
Agência Curitiba

INFORMAÇÃO N.º **0183** / 116/INT/79

DATA : 22 de Junho de 1979

ASSUNTO : PALESTRA DE EUNICE PAIVA NO ANIVERSÁRIO DO CIADH

ORIGEM :

REFERÊNCIA :

DP. ANTERIOR :

DIFUSÃO : AC/UNI

ANEXO :

S. N. I.  
AGÊNCIA CENTRAL  
010616 14 JUN 79  
PROTOCOLO

1. EUNICE PAIVA, esposa do ex-deputado federal pelo PTV, EUDÉIS PAIVA, desaparecido em 1971, proferiu palestra em LONDRINA/PR, no dia 13 MAI 79, por ocasião do 1º aniversário do Comitê Londrinense Pela Anistia e Direitos Humanos (CIADH). À qual compareceram aproximadamente 150 (cento e cinquenta) pessoas, entre as quais vários elementos pertencentes ao Movimento Estudantil de Londrina/PR.
2. O evento, realizado na Secretaria de Educação e Cultura do Município, foi promovido pelo CIADH e contou com a ajuda da Cooperativa dos Jornalistas do Paraná (COOP-JORNAL), Associação dos Docentes do Hospital Universitário, Associação dos Professores Iluminados do Paraná - APLP - (núcleo de Londrina), Diretório Central de Estudantes de Londrina - DCE/LEVES e Diretório

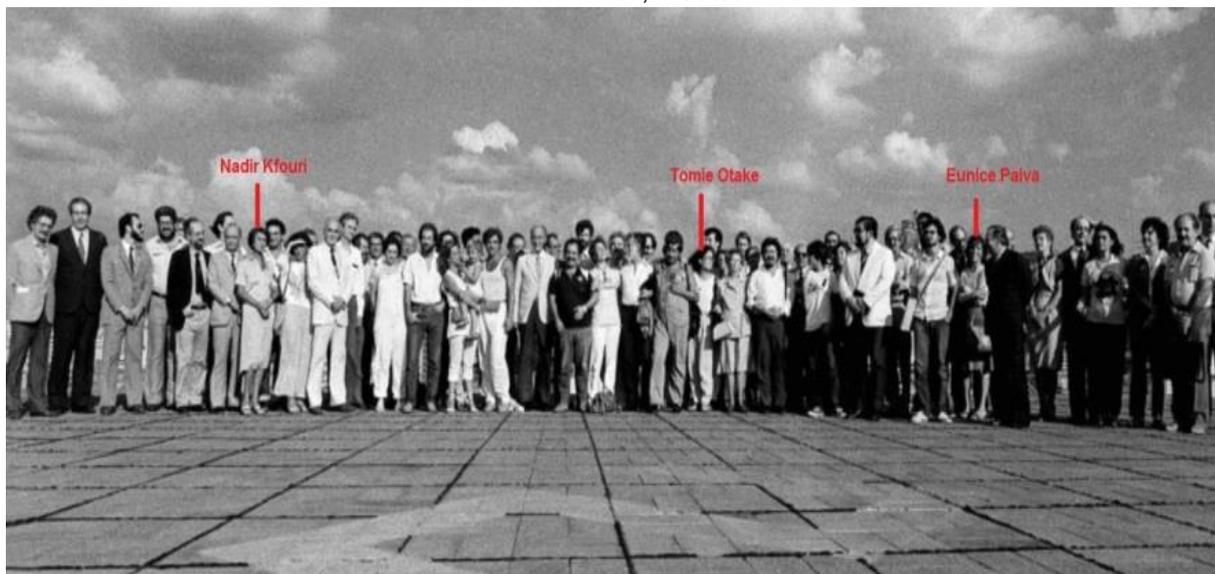
Fonte: Acervo do jornal O globo

Durante o período da ditadura civil militar Eunice Paiva não teve sucesso em suas lutas pelos direitos humanos dos desaparecidos. Eunice sabia que o país passava por uma crise estrutural, portanto julgou pertinente atuar na organização do movimento “Diretas-Já”, pela redemocratização do país, a partir de 1984. Também foi Eunice Paiva uma das primeiras a criticar a “Lei da Anistia”, que ao mesmo tempo em que permitiu o retorno de exilados políticos no país perdoou os agentes de tortura.

<sup>5</sup> Figura 3: Disponível em: <http://acervo.oglobo.globo.com>. Acesso em 22/11/2015.

*Uma Antígona brasileira: a construção da memória de Eunice Paiva e da sua atuação em defesa da dignidade humana para além da lei.*

Figura 4. Foto tirada no heliporto da Folha de SP às vésperas da votação da lei “Dante de Oliveira”; caderno Política, 27/09/84.<sup>6</sup>



Fonte: Folha Acervo.

Mesmo depois da realização das primeiras eleições diretas para presidente após 21 anos ditadura Eunice ainda encontrou entraves. Fernando Henrique Cardoso, presidente que tomou posse em 1994, desconversou quando a Anistia Internacional lhe cobrou uma postura sobre os desaparecidos políticos. Eunice, indignada com a inconsistência do presidente, que havia sido amigo pessoal de seu marido, e que durante a década de 80 havia participado com ela nos movimentos em prol dos direitos humanos, vasculhou em seus arquivos e encontrou um texto escrito por ele na Folha de São Paulo onde cobrava do governo Sarney uma providência quanto aos desaparecidos políticos. Eunice encaminhou cópia deste texto ao filho Marcelo Rubens Paiva, que já era reconhecido como escritor de renome, e este conseguiu o espaço de duas páginas na revista *Veja* para escrever sobre o assunto, que ganhou intensa repercussão:

---

<sup>6</sup> Figura 4: Disponível em: <http://acervo.folha.uol.com.br>. Acesso em: 23/11/2015.

A repercussão, imensa. Mas a resposta foi digna. Com José Gregori, outro amigo do meu pai, ministro da Justiça, redigiram a Lei 9140. Quando ela foi promulgada, chamaram minha mãe para a cerimônia no Palácio do Planalto. Ela ficou sentada ao lado do presidente, diante de ministros militares. Ao final, todos se levantaram, abraçaram-se. Fotos. No dia seguinte, vejo na capa dos jornais minha mãe abraçada ao chefe da Casa Militar, general Alberto Cardoso, do Exército brasileiro. É uma das fotos mais importantes do longo e infundável processo de redemocratização brasileira. Tempos de reconhecimento. Um lado sai da trincheira e cumprimenta o outro (Paiva, 2015, p. 40-41).

Em 1996 Fernando Henrique Cardoso convidou Eunice Paiva para compor a Comissão de Mortos e Desaparecidos, que analisaria os casos das vítimas da ditadura e concederia indenizações aos seus familiares. Eunice recusou a indenização que lhe fora concedida, no valor de cem mil reais, por entender que não equivaleria ao patrimônio que o marido lhe teria proporcionado se estivesse vivo, e por afirmar que a vida de Rubens não tinha preço. Eunice atuou na Comissão por alguns meses mas acabou pedindo afastamento, sob a alegação de que tal situação a mobilizava muito emocionalmente. Curiosamente, foi também no ano de 1996 que finalmente foi expedido o atestado de óbito de Rubens Paiva e que Eunice pode, enfim, executar o seu inventário. Mas os restos mortais do marido ainda não foram encontrados.

Em sua atuação como advogada Eunice Paiva foi ganhando cada vez mais notoriedade por conta da sua seriedade e comprometimento; ao mesmo tempo em que atuava em pequenas causas era consultada pelo governo federal, pelo Banco Mundial e pela ONU (Organização das Nações Unidas). Acabou se tornando a advogada no Brasil do cantor Sting, que se envolveu com a causa indígena durante os anos 80 e doava o cachê de seus shows para a preservação da comunidade caiapó. Através de Sting Eunice começou a se dedicar mais a causa indígena que já vinha lhe chamando a atenção há algum tempo.

Segundo a investigação que a Comissão Nacional da Verdade realizou entre 2013 e 2014 cerca de 8.350 indígenas foram mortos em decorrência da ação direta de agentes governamentais ou da sua omissão durante os anos da ditadura civil militar. Considera-se que o número real de indígenas mortos seja exponencialmente maior que o oficial em função de uma parcela muito restrita das populações indígenas ter sido estudada, e de populações terem sido extintas antes que pudessem ser documentadas (Memorial da resistência de São Paulo, 2015).

Ocorre que o indígena tem a sua existência veiculada a terra. A terra constitui o bem mais precioso para o índio. Mas grande parte das reservas indígenas se tornaram preciosas para o Estado durante a ditadura por outro motivo: serem ricas em minérios

*Uma Antígona brasileira: a construção da memória de Eunice Paiva e da sua atuação em defesa da dignidade humana para além da lei.*

valiosos. Os militares precisavam cobrir os gastos dispendiosos na manutenção da estrutura de poder e o rombo causado pela adoção das estratégias econômicas irresponsáveis (milagre brasileiro) de alguma forma, e viram nos minérios das reservas indígenas uma fonte. Por determinação legal tais minérios não podiam ser explorados, mas como o povo brasileiro de um modo geral não conhecia a lei, o Estado as foi manipulando a seu favor, praticando incontáveis ações violentas contra a população indígena.

Eunice Paiva se apaixonou pela causa indígena. Passou a se envolver e representar populações indígenas que tinham suas terras indevidamente demarcadas ou expropriadas, mesmo não tendo retorno financeiro por sua atuação profissional. Dialogava com o governo para que ganhasse espaço para a causa ao mesmo tempo em que criticava as políticas indigenistas quando era necessário. Participou das organizações civis Mata Virgem, Fundação Pró-Índio, Fundação Gilberto Gil e IAMÁ (Instituto de Antropologia e Meio Ambiente).

Em outubro de 1983, assinou com Manuela Carneiro da Cunha, na seção “Tendências e Debates” da Folha, o artigo “Defendam os pataxós”. Ambas trabalhavam na Comissão Pró-Índio de São Paulo, ONG fundada em 1978. O artigo foi um marco na luta indígena brasileira e serviu de modelo para outros povos indígenas, inclusive africanos, americanos e esquimós. (Paiva, 2015, p.203).

Indo além da sua atuação como advogada, Eunice Paiva participava de congressos acadêmicos, debates públicos, sessões de documentários, palestras, reportagens culturais, etc., sustentando a dignidade indígena para além da personalidade jurídica, conforme podemos observar nas reportagens abaixo.

Figura 5. Folha de São Paulo, caderno Política, 18/04/1984.<sup>1</sup>



Figura 6. Respeitar direitos – trecho de reportagem publicada na Folha de São Paulo, caderno Política, em 22/04/1984.<sup>2</sup>

**Respeitar direitos**

Referindo-se a um comentário do cineasta Marcelo Tassara sobre "a dificuldade de brancos em entender a cabeça do índio", a advogada Eunice Paiva abordou a questão da personalidade jurídica indígena com um exemplo oposto. "Depois de ouvir tantas explicações sobre capacidade e incapacidade, ainda mais se levarmos em conta um dispositivo da emenda constitucional apresentada no dia 16 deste mês pelo presidente Figueiredo — o parágrafo 3º do artigo 198, que diz reconhecer a capacidade relativa dos sílvcolas, ledo portanto contra a incapacidade absoluta pregada pelo projeto do novo Código Civil —, eu acho que as ladies devem estar pensando na dificuldade de se entender a cabeça de um branco".

E para reforçar esta afirmação, ela citou sua experiência num congresso de ladies amazônicas ocorrido no Peru há 15 dias: "Lá estavam todos os representantes das tribos que habitam o que eles chamam de essência amazônica e que abrange vários países. E aí surge um outro problema de infração de direitos humanos, que é ver uma comunidade dividida artificialmente por fronteiras: Tucumã peruana e brasileira, Yanomani brasileira e venezuelana, etc. Quer dizer, são fronteiras que eles não entendem, não dá mesmo para compreender a cabeça do branco." E tanto lá como aqui, segundo Eunice, a questão que se levava era uma só: "Por que é que o governo não respeita nossos direitos? Por que é que as leis que nos protegem não são obedecidas".

<sup>1</sup> Figura 5: Disponível em: <http://acervo.folha.uol.com.br>. Acesso em: 23/11/2015.

<sup>2</sup> Figura 6: Disponível em: <http://acervo.folha.uol.com.br>. Acesso em: 23/11/2015.

*Uma Antígona brasileira: a construção da memória de Eunice Paiva e da sua atuação em defesa da dignidade humana para além da lei.*

Fonte: Folha Acervo.

Eunice Paiva representou o Brasil no Congresso Mundial das Populações Nativas em Estrasburgo no ano de 1984. Combateu a política indigenista até o final da ditadura e anos depois, já no período democrático, atuou para que a Companhia Vale do Rio Doce indenizasse os índios que tiveram suas terras expropriadas em função da construção de linhas de transporte e barragens.

As linhas de transmissão da Eletronorte passavam em terras indígenas. Lá ia ela intervir. O banco Mundial investia em projetos na Amazônia e exigia o respeito às terras indígenas. No Projeto Carajás, ela exigiu que três milhões de dólares fossem para treze comunidades indígenas afetadas. Em Rondônia, a mesma coisa, o Banco Mundial financiou a rodovia Cuiabá-Porto-Velho, que passava por terras indígenas, condicionando a proteção de aldeias. Minha mãe advogou por eles (Paiva, 2015, p. 209).

Segundo o relato do filho Marcelo Rubens Paiva Eunice viu semelhanças entre a estratégia do Estado que “desaparecia” com os seus inimigos políticos ao mesmo tempo em que “desaparecia” através de estratégias violentas paulatinamente aplicadas com os donos das terras preciosas, os índios. Uma análise superficial poderia concluir que Eunice tentava superar o desaparecimento não resolvido de seu marido pelo combate às desapropriações indevidas de terras indígenas, tentando vencer o Estado à qualquer custo. Na visão de Carmen Junqueira, antropóloga que atuou na organização Mata Virgem, não se trata disso. Segundo Junqueira (2015) Eunice se incomodava com a injustiça e impropriedade da lei onde quer que ocorresse. Em casos em que a lei era mal aplicada, levando a discriminações e injustiças sociais, lá estava Eunice para garantir que a lei fosse cumprida com rigor. E nos casos em que a lei precisava ser mudada por que em seu princípio agia arbitrariamente sobre a dignidade humana, lá estava Eunice para propor transformações.

Ainda de acordo com Junqueira (2015) foi Eunice quem primeiro teve a ideia para a escritura em conjunto do livro “O Estado contra o índio”, publicado em 1985. Nele Eunice e Carmen realizaram uma revisão sistemática da legislação indigenista brasileira desde a fundação da República, trataram sobre o índio brasileiro como pessoa titular e de direitos, criticaram a política indigenista e as violações dos direitos humanos, e também propuseram perspectivas de solução da questão indígena através: da revisão da lei indigenista, da crítica a tutela exercida pela FUNAI, da promoção entidades de apoio que conscientizasse a população do Brasil como um todo da situação crítica do índio, além de fornecerem recursos para as populações

indígenas sobreviverem e para se organizarem efetivamente contra as expropriações de terras.

O livro *O Estado contra o índio* foi outro marco para a causa indigenista ao apresentar de forma didática as implicações legais da expropriação de terras, permitindo que as pessoas pudessem tecer críticas à respeito das informações legais que eram difundidas pelo Estado segundo os seus interesses. Junqueira (2015) acentua que o livro foi escrito a quatro mãos mas que todo o trabalho de leitura de documentos estatais que abarcaram um período de mais de sessenta anos foi feito por Eunice.

## FRAGMENTOS DE DEPOIMENTOS

Antônio Callado (escritor, amigo da família Paiva, sobre encontro com Eunice em 1971 na praia de Búzios):

Outra recordação que me ficou nítida liga-se a Búzios. Ali fui, num fim de semana de 1971 (...). Quando paramos, ao voltar, a uns cem metros da praia, vimos alguém, uma moça, que nadava firme em nossa direção. Minutos depois subia a bordo, cara alegre, molhada de mar, Eunice Paiva, mulher do deputado Rubens Paiva (...). Eunice andara preocupada. Rubens fora detido pela Aeronáutica dias antes e nenhuma notícia tinha chegado à família. Mas agora Eunice, que também fora presa mas em seguida libertada, podia respirar, podia nadar em Búzios, tomar um drinque com os amigos, pois acabara de estar com o ministro da Justiça, ou da Aeronáutica, que lhe havia garantido que Rubens já tinha sido interrogado, passava bem e dentro de uns dois dias estaria de volta a sua casa (...). A família Paiva nunca mais teve notícias oficiais de Rubens. Nunca se encontrou a cova onde o terço atirado após o assassinato. A cara de Eunice continuou molhada e salgada durante muito tempo, tal como aquela manhã de Búzios. A água é que já não era mais do mar (Folha de São Paulo, 12/08/1995).

Alberto Cardoso (General do Exército, sobre a solenidade de promulgação da Lei 9140 – sobre desaparecidos – em depoimento para o jornalista Emanuel Neri):

Eu a conheci ali, pouco antes da cerimônia. Me impressionou o equilíbrio e a simpatia daquela senhora [Eunice Paiva], que, logicamente muito machucada, não exibiu o menor rancor. No abraço, eu senti que ela estava emocionada. O meu abraço foi espontâneo, nada programado. Quando vi, me assustei, mas depois vi que naquela foto o mais importante não era eu estar ali, mas sim o simbolismo (In. Paiva, 2015, p. 41).

Marcelo Rubens Paiva (escritor, filho de Eunice Paiva):

Minha mãe me ensinou algo que não se ensinava nas escolas, em parte alguma: como tratar (bem) uma garota. (...). Ensinações sobre como tratar bem uma mulher nos anos 50 e 60: ter sempre um isqueiro à mão para acender os cigarros, oferecer bebida, andar na calçada do lado mais perto da rua, abrir portas, dar passagem, levantar-se da mesa para cumprimentar (...). Algumas regras são polêmicas. Num bar ou restaurante, você deve deixar a

## *Uma Antígona brasileira: a construção da memória de Eunice Paiva e da sua atuação em defesa da dignidade humana para além da lei.*

mulher entrar primeiro? Já li de profissionais de etiqueta que o homem deve entrar antes, para checar se o ambiente é suficientemente respeitoso. Ele entra, observa e, a seu critério, deixa a mulher entrar. Minha mãe me ensinou o contrário. Pensa bem, ela tem razão. Primeiro, deixe a mulher avaliar se o ambiente é “respeitoso”. O que é respeitoso para um homem vale para uma mulher? Ela deve ser protegida pelas convicções dele, para prosseguir o regime tutelar? Acabei seguindo a regra da minha mãe (Paiva, 2015, pp. 75-76).

Joatan Vilela Berbel (cineasta que produziu o curta *Eunice, Clarice e Thereza* em 1979):

Minhas lembranças de Eunice Paiva: 1. Mulher gentil, discreta, inteligente. 2. Caráter firme, persistente. 3. Emoção contida, nunca oculta. 4. Mulher! Um tipo humano em falta no ambiente sociocultural brasileiro (Em depoimento escrito concedido em setembro de 2015).

Betty Mindlin (antropóloga que atuou junto a Eunice Paiva na Mata Virgem e IAMÁ):

Minha família ligou-se a Eunice Paiva há muitas décadas. Creio que ela e Rubens eram inicialmente amigos de meu tio Henrique e minha tia Vera – todos moravam no Rio. Em 1971, quando Rubens desapareceu e nada se sabia sobre ele, tio Henrique ficou hospitalizado por cinco meses e acabou falecendo, com apenas 60 anos. Lembro muito de ver Eunice no hospital, todos compartilhávamos dores imensas (...). Em 1987, Mauro Leonel, Carmen Junqueira, Tarcísio Lage, Eunice, alguns antropólogos e eu fundamos o IAMÁ – Instituto de Antropologia e Meio Ambiente, organização não governamental que atuou até 2001 e foi muito importante para a defesa dos direitos indígenas e para a criação de projetos de educação, saúde, autonomia econômica e política de muitos povos. Carmen, Eunice e eu deixamos o IAMÁ em 2001. Eunice, antes da criação do IAMÁ, fez parte dos consultores que fizeram a avaliação da situação indígena dos povos afetados pelo Programa Polonoroeste (1983-1987), avaliação coordenada por mim. Éramos contratados pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas. Foi no quadro dessa avaliação que ela fez pareceres muito importantes para os índios, como o que analisa a exploração madeireira nas terras indígenas e sua condição ilegal, ou o parecer que foi fundamental para a demarcação da Terra Indígena Zoró em 1987. Antes disso ela e Carmen escreveram um livrinho precioso, *O Estado contra o índio*, São Paulo Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1985. (Em espanhol, JUNQUEIRA, Carmen Sylvia de Alvarenga; PAIVA, Eunice. *La legislación brasileña y las poblaciones indígenas en Brasil*. In: STAVENHAGEN, Rodolfo. *Derecho indígena y derechos humanos en América Latina*. México: Instituto Interamericano de Derechos Humanos/El Colegio de México, 1988.). Eunice foi fundamental para a defesa dos índios. Fez parte também do Conselho Deliberativo da Fundação Mata Virgem, ONG brasileira que recebia fundos da Rainforest Foundation, fundada e financiada por Sting com a renda de seus concertos - doou nos anos em que participei cerca de 1 milhão de dólares por ano. Eu fui do Conselho Consultivo da FMV de 1989 a 1992, e representante desta nas reuniões da Rainforest Foundation. Junto com os Presidentes da FMV, Olympio Serra e depois Roberto Baruzzi, eu defendia as prioridades estabelecidas pela fundação brasileira, como o financiamento de demarcações, em especial os 11 milhões da terra Kayapó. Não foi uma tarefa fácil. Eunice, na FMV, era uma presença serena conduzindo ao diálogo entre militantes acalorados, com projetos e objetivos distintos, embora irmanados pela mesma causa. Eunice, Carmen,

Mauro e eu, por vezes com meus pais e com meu compadre Adão Pinheiro, passamos inumeráveis fins-de-semana juntos em longas conversas, uma convivência deliciosa. Adão nunca chegou a dizer a ela, mas, como muitos outros que a conheceram, sempre a descrevia como mulher sedutora, com uma feminilidade atraente e original, mesmo em anos recentes (Em depoimento escrito concedido em setembro de 2015).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Conforme alertamos na apresentação deste texto, trata-se de um projeto de memória em construção, ou seja, ainda falta nos aprofundarmos em acontecimentos históricos, precisar datas, apurar fatos, colher mais depoimentos de quem de alguma forma esteve envolvido e/ou conheceu Eunice Paiva.

Neste texto trata-se, portanto, apenas de uma amostra da relevância de Eunice Paiva enquanto personagem histórica, da sua coragem em enfrentar a lei quando feria a dignidade humana, e de todos os desafios que enfrentou para reconstruir uma vida que não fosse definida exclusivamente em função da tragédia de ter perdido o marido de maneira tão brutal.

Esperamos, através do mito de Antígona, ter dado o tom do alcance da ousadia de Eunice, esta mulher que diante de situações aparentemente sem solução, soube ir além da finda-linha.

Quando a lei é violenta ser insurgente se torna uma necessidade. O poder do Estado não é mais soberano que a dignidade humana. E a história recente do Brasil provou o quanto pode ir além uma mulher com o senso de justiça de Antígona.

Disse Lacan (1995, p. 276): “O jogo já está jogado, os dados já foram lançados. Já foram lançados, com a seguinte ressalva, podemos retomá-los em mão, e lançá-los mais, ainda”.

## REFERÊNCIAS

- ACERVO Folha de São Paulo. Disponível em: <http://acervo.folha.uol.com.br>. Acesso em 23 de novembro de 2015.
- ACERVO O Estado de São Paulo. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br>. Acesso em 16 de novembro de 2015.
- ACERVO O Globo. Disponível em: <http://acervo.oglobo.globo.com>. Acesso em 22 de novembro de 2015.
- ACERVO Revista Época. Disponível em: <http://epoca.globo.com>. Acesso em 23 de novembro de 2015.
- ALBERTI, V. (2004). Manual de história oral. Rio de Janeiro: FGV.
- BERBEL, J. V. (2015). Depoimento escrito concedido à aluna Mariana Rodrigues Festucci sobre Eunice Paiva.
- JUNQUEIRA, C. (2015). Entrevista concedida à aluna Mariana Rodrigues Festucci sobre a atuação de Eunice Paiva na causa indígena.
- LACAN, J. (1995) O seminário, livro II – O eu na teoria de Freud e na técnica da Psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar.
- \_\_\_\_\_. (2008). O seminário, livro VII – A ética da Psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar.
- MEMORIAL DA RESISTÊNCIA DE SÃO PAULO (2015). Aula sobre a Violação dos Direitos Humanos dos Povos Indígenas na Ditadura Civil-Militar ministrada para o público em 24/09/2015.
- MINDLIN, B. (2015). Depoimento escrito concedido à aluna Mariana Rodrigues Festucci sobre a atuação de Eunice Paiva na causa indígena.
- PAIVA, E; JUNQUEIRA, C. (1985). O Estado contra o índio. São Paulo: PUC.
- PAIVA, M. R. (2015). Ainda estou aqui. Rio de Janeiro: Objetiva.
- SÓFOCLES. (2013). Antígona. Porto Alegre: LP&M. (Originalmente escrito em 442 a.C).
- TÉRCIO, J. (2013). Rubens Paiva – série perfis parlamentares. Brasília: Câmara dos deputados.
- WILSHIRE, D. (1997). Os usos do mito, da imagem e do corpo da mulher na re-imaginação do conhecimento. In: JAGGAR, A. M; BORDO, S. R. Gênero, corpo, reconhecimento. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos.

## **A BRAZILIAN ANTIGONE: THE CONSTRUCTION OF MEMORY OF EUNICE PAIVA AND YOUR ACTING IN DEFENCE OF HUMAN DIGNITY BEYOND THE LAW**

### **ABSTRACT**

This text aims at building the memory of Eunice Paiva giving emphasis to your activism in favour of human dignity beyond the law. The emphasis of the research is inspired by the myth of Antigone (Sophocles) where the heroine is prevented to bury her brother Polynices by determination of King Creon. Eunice had the husband extracted from your gathering by agents of the civil military dictatorship in the year 1971; having had indications that he had been killed, claimed the recognition of your death and the revelation of where the body would be buried so that I could pay the funeral honours. Going beyond the personal dimension of the tragedy, Eunice spent the civil rights of the missing military and relatives of all Brazil, and as a lawyer acted against violence and improper expropriation of land suffered by the indigenous population.

**KEYWORDS:** Eunice Paiva. Antigone. Ethics. Lacan. Dictatorship.

*Uma Antígona brasileira: a construção da memória de Eunice Paiva e da sua atuação em defesa da dignidade humana para além da lei.*

## **UNE ANTIGONE BRÉSILIENNE : LA CONSTRUCTION DE LA MÉMOIRE DE EUNICE PAIVA ET DE VOTRE ACTION DANS LA DÉFENSE DE LA DIGNITÉ HUMAINE AU-DELÀ DE LA LOI**

### **RÉSUMÉ**

Ce texte vise à renforcer la mémoire de Eunice P qui accorde une importance à votre activisme en faveur de la dignité humaine au-delà de la Loi. La priorité de la recherche est inspirée par le mythe d'Antigone (Sophocle) où l'héroïne est empêchée d'enterrer son frère Polynice par détermination du roi Créon. Eunice eu le mari extrait de votre rassemblement par des agents de la dictature militaire civile en 1971 ; ayant eu des indications qu'il avait été tué, a affirmé la reconnaissance de votre décès et la révélation d'où le corps serait enterré alors que je pouvais payer les honneurs funèbres. Au-delà de la dimension personnelle de la tragédie, Eunice a passé les droits civils des disparus militaires et membres de la famille de tout le Brésil et comme un avocat a agi contre la violence et la mauvaise expropriation des terres subies par la population autochtone.

**MOTS-CLÉS:** Eunice Paiva. De Antigone. De déontologie. Lacan. Dictature.

Recebido em: 24-09-2017

Aprovado em: 14-12-2017

© 2017 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.psicanaliseebarroco.pro.br>

[revista@psicanaliseebarroco.pro.br](mailto:revista@psicanaliseebarroco.pro.br)

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO

Memória, Subjetividade e Criação

[www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php](http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php)

# AS MULHERES DE KLIMT: O REAL DO FEMININO

*Tharso Peixoto Santos e Souza*<sup>1</sup>

## RESUMO

Contemporâneo de Freud, no final do século XIX e início do século XX, Gustav Klimt inova no campo das artes plásticas ao retratar inúmeras mulheres nuas, que encaram o espectador com um olhar de desafio, numa atmosfera de erotismo incomum com a imagem da mulher vienense de seus dias. Sua arte evoca os aspectos constituintes do percurso da mulher rumo ao feminino conforme descreve a Psicanálise, desde Freud a Lacan. Aquilo que a Psicanálise se ocupa – a relação do sujeito com a castração, portanto com a falta – surge na arte de Klimt como simbolizações da imagem artística, contudo ampliando-se para a dimensão do indecifrável. É do lugar entre o sentido e o inominável que as questões do feminino se interpõe, desvelando assim do que se trata a natureza feminina.

**PALAVRAS-CHAVE:** Feminino. Arte. Psicanálise. Falo.

---

<sup>1</sup> Psicólogo. Formação em Psicanálise pelo Círculo Psicanalítico de Minas Gerais. Pós graduando em Psicopatologia e Psicodiagnóstico Infantil. Autor do artigo “O Lugar do Desejo Feminino Frente à Violência” (Reverso, vol.33, no.62, Belo Horizonte, set. 2011). [tharsopeixoto@yahoo.com.br](mailto:tharsopeixoto@yahoo.com.br)

## INTRODUÇÃO

Quando a arte de Gustav Klimt surgiu na Viena do final do século XIX, a sociedade vienense vivia um momento de transição. Desapontados com os ideais iluministas, os vienenses preconizavam novas e revolucionárias ideias, que despertavam a reflexão das pessoas diante do dogmatismo europeu nas artes e na cultura em geral. Em seu percurso como artista, utilizou-se da arte como forma de revelação. Não apenas de si mesmo, mas do mundo que o cercava, com suas mazelas e vislumbres. Assim evitou identificar-se com o padrão de arte dominante e até com os movimentos de oposição, criando seu próprio estilo. Devido a isso, foi criticado inúmeras vezes, mas manteve sua arte como um meio de questionamento e elaboração, denunciando a estrutura social e, particularmente, o lugar conferido à mulher naquele contexto social. Apesar de toda inovação e crítica, foi um pintor de prestígio, em especial por retratar corpos e uma nova visão de mundo (Cabo, 2007).

Dedicou-se a pintar inúmeras mulheres em sua obra, principalmente as ruivas. Porém, nada de convenções. Essas mulheres por ele retratadas representaram seu protesto pessoal contra todo tipo de moralismo burguês de sua época, colocando-as em sua arte de um modo bem definido, mas aparentemente contraditório: ora como objeto, ora como dominante (Cabo, 2007). Nisso reside sua interpretação à condição da mulher vienense de seu tempo: ao mesmo tempo em que se sujeita ao regime burguês da sociedade, o qual lhe reservava lugares determinados; a mulher o fazia de modo estratégico, boicotando interiormente o sistema através da expressão de sua sexualidade – um lugar feminino no qual o elemento masculino não encontra correspondência.

As mulheres de Klimt possuem, na maioria das vezes, um olhar sensual, se revelam em posições eróticas, assumem uma postura de desafio encarando o espectador, “de maneira que as posições e posturas provocam o pensamento dominante da sociedade, aqui o sexo é tratado como uma armadilha” (Cabo, 2007, p.113). Sua pintura causa um constrangimento de um ato analítico: não se sabe exatamente o porquê, mas algo incomoda.

Trata-se de um tipo de incômodo comum àquele que a Psicanálise causou na mesma época, contrariando postulados científicos. Freud e Kimt – contemporâneos - caminham em linhas paralelas denunciando, cada um a seu modo, um sintoma social que dizia de um mal estar a respeito do ser mulher: o feminino se expressava no

sintoma como possibilidade de revelação, bem como na nudez desconcertante das modelos de Klimt. Ambos questionam a posição que era reservada à mulher vienense: ou assumiam o papel de complemento do homem no coito e na família; ou eram tidas como um ser inferior e medonho, a prostituta, a depravada; ou assume um lugar idealizado, sendo uma espécie de suplemento: a virgem, a mística. Teria de haver outras saídas.

## **O FEMININO, KLIMT E A PSICANÁLISE**

Desde que Freud decidiu ouvir suas pacientes percebeu que o sintoma histérico acabava por revelar algo da essência do ser feminino. Afinal a histeria era considerada um sofrimento feminino por definição do próprio termo de origem (*hysterós* significa útero). O criador da Psicanálise foi instigado a procura do sentido que aqueles sintomas apontavam. Contudo, apesar das inúmeras contribuições para o estabelecimento de um fundamento teórico que sustentasse o feminino e sua condição, Freud o define como o “continente negro”, um lugar enigmático (Souza, 2011).

As mulheres atendidas por Freud em Viena do final do Século XIX sofriam de paralisias, cegueira, alucinações e agitação sem causa orgânica definida. Muitas eram institucionalizadas – alternativa viável para retirar da cena social aquilo que essas manifestações sintomáticas diziam. Havia um sofrimento mental na vida dessas mulheres e aparentemente o único meio de manifesta-lo seria o adoecimento, a histeria propriamente. Do que sofriam aquelas mulheres? O que queriam? Esse foi o eixo orientador dos trabalhos de Freud a respeito da sexualidade feminina.

Se por um lado estava Freud tentando compreender a dinâmica psíquica da condição feminina, por outro estava Klimt tentando através de sua arte reposicionar a mulher, denunciando seu sofrimento. Compreender esse sofrimento foi a bússola utilizada por Freud ao adentrar no estudo do feminino. Ele inova quando demonstra que a sexualidade feminina transcende a anatomia. As mulheres têm um sexo, independentemente da vontade do homem (Freud, 1925/1982). Define, assim, um lugar para a mulher como diferença, mas também emancipação e autonomia. A mulher não é um homem invertido, um oposto anatômico do masculino, como preconizou o filósofo grego Galeno (Souza, 2011). A questão da mulher era de uma ordem para além da anatomia: a mulher sofria de um desejo.

Se Freud caminhava pelas vias do desejo feminino, Klimt decidiu expor a mulher como ser sexual, materno, místico. Expunha de um modo que se aproxima do agressivo, constrangedor e inominável, mas que, exatamente por isso, aponta para o que é a sexualidade humana. Revelava nuances femininas numa época em que na maioria das vezes, era exigido da mulher o recato e a passividade como meios de sobrevivência. O artista choca o público e faz-se maldito ao retratar uma imagem de mulher que emanava fortemente desejo, autonomia e emancipação. As mulheres por ele retratadas encaram o público como alguém que deseja lhe transmitir uma mensagem, chave de um enigma. As mulheres de Klimt encarnam em tintas e cores aquilo que a Psicanálise se questiona sobre a questão feminina.

Com o avanço de seus estudos, Freud concebera em sua teoria sobre a instalação e dissolução do Complexo de Édipo (1925/1982) que sexualidade feminina e feminilidade se distinguem. O feminino ganha uma dimensão que inclui ambos os sexos. “O feminino apresenta-se como um furo interrogador tanto para homens quanto para mulheres” (Alonso, 2002, p.166). A relação edípica se faz presente em ambos os sexos, porém com suas particularidades. Na posição masculina, a perda do falo se dá como punição – o interdito do incesto. Na posição feminina, se dá como pré-condição para o estabelecimento das relações afetivo-sexuais da vida adulta. Assim, a mulher se faz feminina, de um modo assimétrico ao masculino, contudo numa relação direta com a falta. E onde há falta, há desejo:

A feminilidade costuma organizar-se em torno do imaginário da falta; na feminilidade, a mulher não tem o falo; ela se oferece para ser tomada como falo a partir de um lugar de falta absoluta, do qual só o desejo de um homem pode resgatá-la (Kehl, 2008, p.11).

Esta é a dinâmica da histeria feminina: acreditar que possa ocupar o lugar do falo para um homem.

Para Freud, trata-se do percurso da mulher frente ao falo e à castração rumo à feminilidade. Em sua própria travessia, da menina à mulher obstáculos precisam ser vencidos, afastando-a da masculinidade clitoridiana e de seu “pênis inferior”. O complexo de masculinidade – a constatação da universalidade do pênis e a inveja peniana - deverá ceder ao feminino em tempo hábil. Esta passagem insere na mulher uma marca, uma ferida narcísica, que determina sua forma de escolha do objeto amoroso – a forma narcísica: deixa a mãe pelo pai e deste para outro homem que do pai se derive. Busca o homem que um dia desejou ser (Freud, 1925/1982). Em “Feminilidade” (1933/1982) Freud afirma que a constituição do feminino não se dará

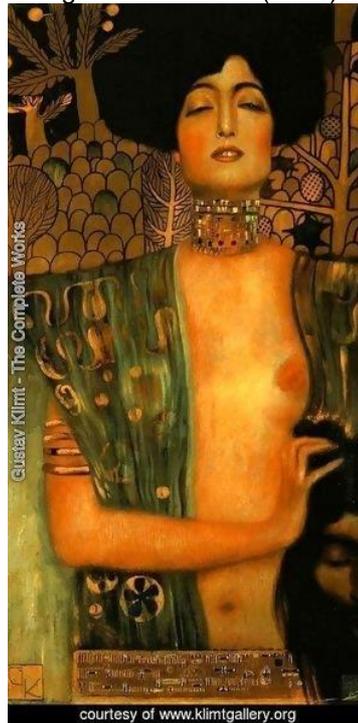
sem uma luta, a qual se demonstra nas características da feminilidade: busca ser amada e desejada; compensa seu sentimento de castração em investimentos na aparência e no pudor. Este último remetendo à imagem de sua própria condição de ser castrado, um lamento da ausência do falo.

Apesar de parecer que Freud coloca a mulher numa posição inferior em relação ao homem, não é disso que se trata a teorização por ele desenvolvida. Ambos os sexos se relacionam de modos múltiplos com a questão fálica e a castração se faz presente no feminino e no masculino, ocasionando modos de gozo distintos, como diria Lacan. O fator “a menos” da ausência de um representante imaginário do falo no corpo da mulher vem a lhe ocasionar um gozo “a mais” chamado por Lacan de gozo outro, ou gozo feminino. Isso reside na condição estrutural do feminino que em parte está em referência direta com a lógica fálica do complexo de Édipo freudiano, mas que em parte não se situa nesse campo e não possui correspondência alguma no masculino (Soler, 2003; Rocha, 2002).

## **O ARTISTA E SUA ARTE**

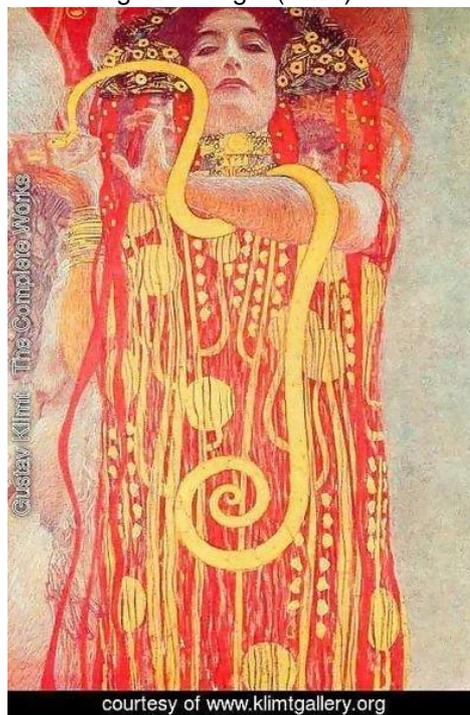
Klimt foi duramente criticado pelo excesso de sensualidade e erotismo em seus quadros. Sua arte foi considerada pornográfica para a sociedade vienense. Contudo, hoje, é considerado um dos mais importantes artistas de sua época (Cabo, 2007). Ao retratar mulheres fatais, nuas e provocantes afastava-se do ideal estabelecido para a mulher de seu tempo. Da mesma forma como Freud buscou conhecer a questão que envolvia o feminino, assegurando às mulheres o direito de serem ouvidas em suas demandas, Klimt não oculta nenhuma expressão do feminino, por mais inquietante que fosse essa tarefa. Está nos olhos sensuais e nos seios expostos em *Judith I* (fig. 01), na figura dominante de Hígia (fig. 02), deusa da saúde e da prevenção; na liberação dos cabelos em *Peixes Dourados* (fig. 03), ou no real da nudez feminina em *Nuda Veritas* (fig. 04). Expressões de sua arte que despertam reflexões sobre a mulher e a feminilidade, que dizem do gozo feminino traduzido nos quadros como uma áurea mística. Desse modo, o feminino retrado por Klimt se apresenta como algo que escapa às rígidas condutas sociais de sua época, aproximando a mulher da divindade, muitas vezes. Nesse jogo de cores e técnicas, situa a mulher na dialética de senhora e escrava.

Figura 01: Judith I (1901)



Fonte: <https://www.klimtgallery.org/Judith-I-1901.html>

Figura 2: Higia (1900)



Fonte: <https://www.klimtgallery.org/Medicine-Hygieia.html>

Figura 3: Peixes Dourados (1901)



Fonte: <https://www.klimtgallery.org/Goldfish.html>

Figura 04: Nuda Veritas (1889)

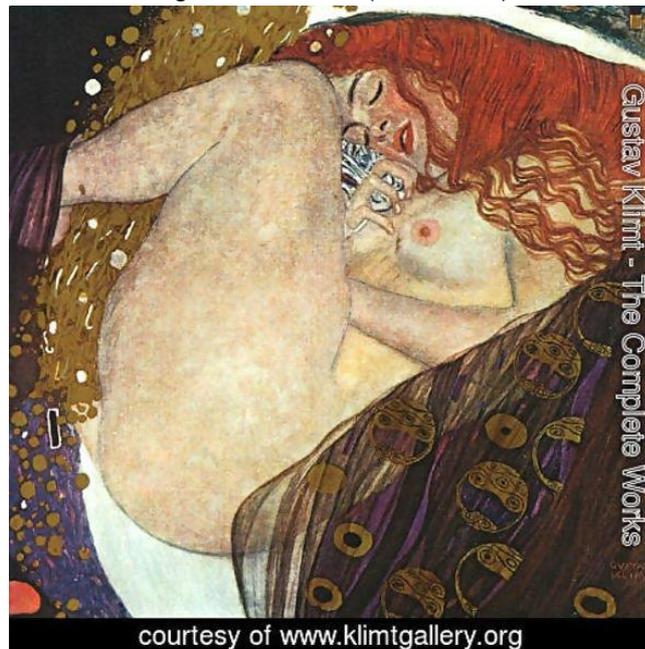


Fonte: <https://www.klimtgallery.org/Nuda-Veritas.html>

O tema da opressão social à mulher vienense surge de modo emblemático no quadro Danae (fig. 05): uma mulher ruiva, nua e aprisionada, encontra-se num êxtase amoroso, envolta numa chuva de moedas e espermatozoides dourados. O mito grego de Danae foi pintado por outros artistas famosos, porém Gustav Klimt deu uma interpretação própria inovando. No mito grego, Danae é a bela princesa, filha do rei Acrísio, que recebe uma profecia de que seu neto iria usurpar seu trono. Temendo tal destino, o rei decide aprisionar sua filha no alto de uma torre, isolando-a do mundo. Contudo, Zeus, atraído pela beleza da jovem e metamorfoseado numa chuva dourada, fecunda a princesa. Assim nasce Perseu, um dos heróis gregos (Bulfinch, 2006).

O aprisionamento de Danae remete à condição da mulher oprimida pela dominação masculina nos dias de Klimt. Do mesmo modo como em outros trabalhos, o artista denuncia esta condição, contudo como algo que não impede a mulher de expressar-se em sua essência feminina. Danae é retratada num êxtase orgástico apesar das celas: os olhos cerrados, a boca entreaberta, as faces avermelhadas e as mãos sobre o sexo sugerem que ela encontrava-se num tipo de gozo que era humano e divino ao mesmo tempo. Danae, dividida pelo gozo fálico masculino representado na presença de Zeus, abandona-se nesse gozo outro, componente de sua feminilidade.

Figura 05: Danae (1907/1908)



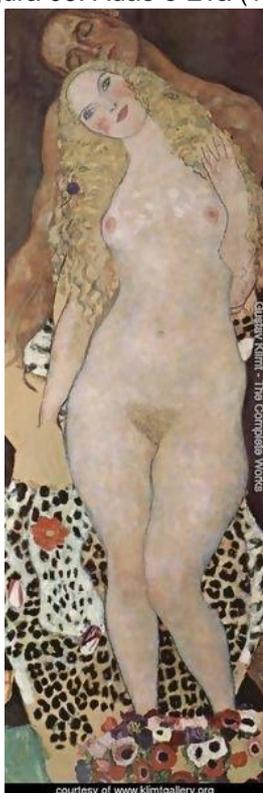
Fonte: <https://www.klimtgallery.org/Danae.html>

Em 1918, Gustav Klimt pintou a obra Adão e Eva (fig. 06), na qual a mulher com a cabeça levemente inclinada aparece amparada pelo homem, posicionado atrás,

num encontro amoroso. Comumente, o homem aparece na obra de Klimt como elemento secundário. Muitos quadros retratam apenas a presença feminina e não é incomum que o homem seja representado por algo animalesco. Em sua interpretação do encontro amoroso entre homem e mulher, evidencia-se o lugar que o artista a colocava. Como Lacan teorizou mais tarde, Klimt captou essa sutileza feminina em seu modo de fazer parcerias amorosas com o homem.

Para a Psicanálise, o encontro amoroso se constitui como meio de parceria que uma mulher encontra para definir sua identidade feminina: seja como o falo do homem, seja como objeto causa de desejo, ou seja como sintoma “onde se fixa seu gozo” (Zalberg, 2007, p.71). Vale ressaltar que esses modos de parceria não se excluem entre si podendo se sobrepor. Ao se pensar na posição de ser o falo do homem, a mulher se diferencia da posição masculina de ter ou não o falo. Segundo Lacan, isso a torna livre (Zalberg, 2007). Para ser, ela recorre, contudo a aparência, ao imaginário, ao semblante para conquistar o desejo do homem, tal como um objeto agalmático. Essa relação põe o homem numa posição de castrado, isto é, é fundamental que ele seja castrado para que a mulher se coloque no lugar da falta, logo numa posição de objeto de desejo. “A demanda de amor enquanto demanda de ser amada, é a demanda que o homem revele sua falta” (Zalberg, 2007, p. 73).

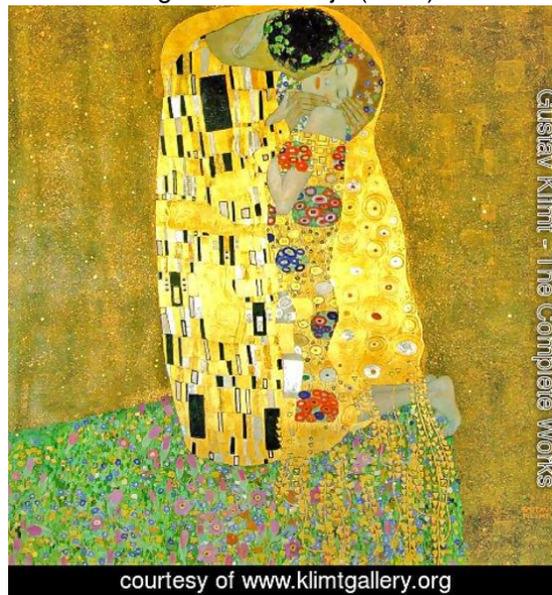
Figura 06: Adão e Eva (1918)



Fonte: <https://www.klimtgallery.org/Adam-And-Eve-Unfinished-1917-18.html>  
*Psicanálise & Barroco em revista* | v. 15, n. 02 | dezembro de 2017

Mas foi em seu período de ouro, quando Klimt pinta sua obra prima que a questão da parceria amorosa parece ganhar destaque. Este quadro intitulado de O Beijo (fig. 07) foi sucesso absoluto em 1908. O quadro foi recebido com grande entusiasmo pelo público ao capturar um encontro amoroso entre um homem e uma mulher. Mantém-se até hoje como um quadro provocador, como que despertasse no observador imagens adormecidas e inconscientes (Cabo, 2007).

Figura 07: O Beijo (1908)



Fonte: <https://www.klimtgallery.org/The-Kiss.html>

Em “O Beijo”, os amantes aparecem sobre um leito de flores, num fundo infinito e dourado. Ao lado, um abismo. O homem segura com um gesto forte o rosto delicado da mulher e se inclina para beijá-la. A mulher repousa no abraço do amante como quem se entrega, se deixa dominar. É nítida a distinção dos padrões do manto masculino e feminino, numa intenção de marcar a diferença e o encontro. A mulher parece ser encoberta pela presença do homem que a beija. Ela está de joelhos. Suas mãos envolvem o pescoço dele. Apesar da beleza do quadro, uma estranha sensação de desconforto é sugerida na imagem. A mulher se coloca no lugar do desejo do outro, mas não de uma maneira resignada. Deixa-se acolher diante do abismo da inexistência, da anulação que a sociedade lhe confinava, contudo sua feminilidade se apresenta marcada pela dialética do desejo e do amor, na qual ela aceita as mazelas de ocupar um lugar no desejo do homem a fim de poder gozar “mais além”.

O gozo aponta para o real, numa busca *mais-além* do Outro no par amoroso, é o que afirma a Psicanálise (Soler, 2005; Zalberg, 2007). A existência de um gozo além do falo foi destacado por Lacan como sendo algo de natureza estritamente

feminina, chamado de gozo suplementar ou gozo outro. Trata-se de um gozo onde nada se pode dizer. Esse gozo é operado no encontro da mulher com o homem, onde o gozo fálico dele a divide como sujeito, uma vez que a mulher não é toda fálica, e toca seu gozo suplementar. Ela goza sozinha. Assim, Lacan coloca a contiguidade do gozo feminino numa relação direta com a descontinuidade do gozo fálico. Ao tocar o gozo suplementar feminino, o homem se inscreve na fantasia da mulher impondo um limite a este gozo. O par amoroso se forma: a mulher ocupando o lugar de objeto mais-de-gozar na fantasia do homem (gozo fálico) e este possibilitando na mulher o gozo suplementar, ancorado na inscrição do homem em sua fantasia. A mulher não ocupará este lugar na fantasia do homem sem a mediação do amor. Ela ocupa este lugar de objeto na fantasia do homem, desde que este declare que a ama de um modo único, ou melhor, que ela seja a única amada por ele. Este movimento que a mulher faz na busca do gozo frente ao homem amado retrata anseios advindos da menina que foi em busca de sua identidade feminina. Aceita ocupar a posição de objeto mais-de-gozar na fantasia do homem, contudo goza dessa posição de ser posse do Outro (Zalcborg, 2007). Assim, a mulher deixa-se submeter para gozar de uma posição de senhora.

Como visto na obra de Klimt, a mulher amante, mãe ou mística representa nuances do feminino. Porém todas elas dizem da relação da mulher com o gozo outro, revertendo assim a lógica habitual da sensualidade e do erotismo. Trata-se de algo para além do comum do sexo: A mulher não é um adjetivo social, o resultado de uma classificação.

Nesse sentido, Freud jamais confundiu a mulher e a histérica. Ao contrário, sobrepondo às questões clínicas, teorizou o caminho percorrido pela menina ao encontro da mulher. “Nesse percurso teórico, ele formulou que a mulher encontra uma saída em direção à feminilidade ao deslocar-se da inveja do pênis para o desejo de filho como substituto simbólico do falo almejado um dia, e do qual sentiu-se privada” (Alonso, 2002, p.166).

Desta forma, a Psicanálise de Freud une simbolicamente mulher e mãe como mais uma nuance do feminino. Em sua relação com o filho, o vê como tudo aquilo que precisou recalcar para se tornar mulher. Malvine Zalcborg (2007) explica: “no conceito mesmo de mãe fálica há a ideia de que atrás da mãe se esconde a mulher” (2007, p.67). Porém, a feminilidade se estabelece na distância subjetiva que a mulher se

encontra da posição de mãe e da figura de sua própria mãe, assumindo seu corpo, seu desejo e seu gozo como propriamente seus.

Klimt parece delinear este percurso com seus pincéis, como em *A Esperança I* (fig. 08) e *A Esperança II* (fig. 09). E de uma maneira notável em *As Três Idades da Vida* (fig.10), onde uma mãe segura ternamente seu filho; ambos adormecidos no sono do romance familiar. Uma mulher idosa, ao lado, com as mãos no rosto, nua e desalentada sugere o envelhecimento como etapa a surgir, o que ao mesmo tempo leva o expectador a se questionar a respeito da sua expressão de tristeza. Posicionada na direção da mãe, a mulher idosa parece lamentar. Ao fundo, a divisão horizontal sugere uma ampulheta, cuja areia dourada vai caindo ditando o inexorável do tempo, como indica o título da obra. Ali, a proximidade da morte faz a mulher refletir sobre si mesma. Sem os traços usualmente sensuais de seus outros retratos femininos, a mulher idosa se apresenta nua com os sinais da idade avançada, como aquilo que restou de seu próprio ser: o encontro com o real da morte.

Para Freud, a mulher “*permanece sempre mãe, na vida e na morte*” (Roudinesco, 2003, p.133), contudo Lacan separa a mãe e a mulher como posições que se sustentam separadamente e que podem se rivalizar. Acalentar sua feminilidade na maternidade se constitui uma ilusão uma vez que logo a mulher se deparará com sua questão que considerava resolvida. Lacan considera que a verdadeira mulher é aquela que coloca a maternidade num plano secundário ou em nenhum lugar em detrimento de sua feminilidade (Zalcborg, 2007).

Curiosamente, Klimt retrata a maternidade de uma mulher desnuda em *Esperança I* (fig. 08), evidenciando a púbis, os seios, o olhar que interroga o espectador. Parece transmitir a mensagem de que ainda que seja mãe, a mulher não deixou de existir, contrariando mais uma vez o pudor vienense de que a maternidade deveria ser recatada e escondida, posto que é o resultado direto do sexo. No quadro, um ser misterioso em formato de espermatozoide parece identificar o homem, o elemento masculino subtendido no ato de procriação, mas que aparece representado de modo animalesco, reportando o lugar simbólico que o artista atribui ao masculino em sua obra. A mulher encara o expectador e afaga seu ventre na esperança da vinda do filho, destacando o ato em si da espera. Daí o título da obra.

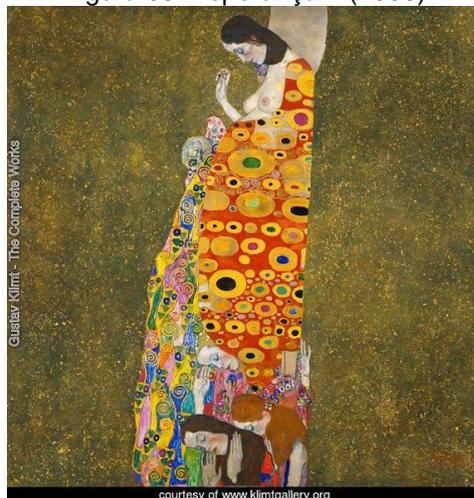
Já no quadro *Esperança II* (fig. 09), ele retoma o tema da maternidade, porém as personagens aparecem com ares de tristeza, cabisbaixas. O que lamentam? Interroga o artista.

Figura 08: Esperança I (1903)



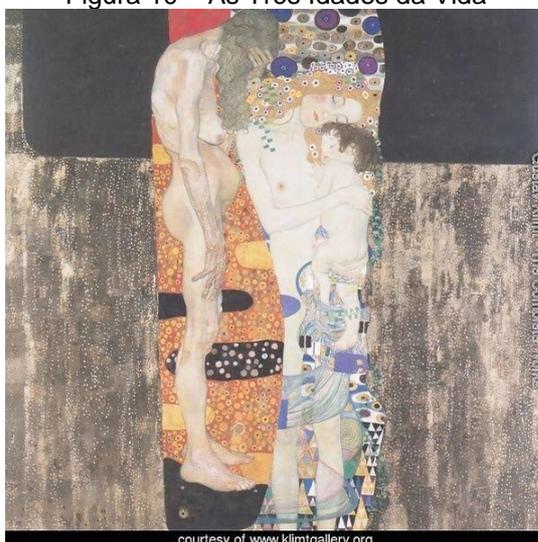
Fonte: <https://www.klimtgallery.org/Hope-I-1903.html>

Figura 09: Esperança II (1908)



Fonte: <https://www.klimtgallery.org/Hope-II.html>

Figura 10 – As Três Idades da Vida



Fonte: <https://www.klimtgallery.org/The-Three-Ages-Of-Woman.html>

Ainda que não fosse seu trabalho teorizar a respeito do feminino, Klimt conseguiu retratar aquilo que a Psicanálise compreendeu como sendo um “não-todo” da mulher. Ou seja, essa parte do feminino que não se inscreve sob uma lógica fálica e que lhe confere um gozo a mais. É disso que trata Klimt em sua obra. Suas mulheres, ainda que enquadradas, exalam de uma essência que transcende essa lógica dominante. Como nos retratos de Adele Bloch Bauer (1907), Sonja Knips (1898), Elisabeth Bachofen-Echt (1914) ou Johanna Staude (não concluído), dentre outros, observa-se recato e pudor, porém o olhar das personagens revela algo da mascarada feminina: estratégias do feminino de escamotear sua própria falta. Klimt captou essa essência em seu trabalho. Nada precisava ser dito. Sua arte o diz por si só.

## CONCLUSÃO

A obra de um artista não pode estar dissociada de seu mundo subjetivo e de sua função de estabelecer um laço social. Klimt afirmou: “Quem quiser saber algo sobre mim, deve observar cuidadosamente os meus quadros e tentar ver neles quem sou e o que quero fazer” (Cabo, 2007). Assim sua obra ganha um sentido de elaboração pessoal a respeito de seu mundo e de si mesmo.

Porém, considerando o aspecto social de seus quadros, é importante destacar que a exposição do corpo da mulher e daquilo que envolve sua feminilidade certamente serviram como uma voz audível daquelas que eram subjulgadas e incompreendidas em sua época. A arte atendia a este apelo e oferecia-se como lugar

de suporte para demandas psíquicas da mulher em sua busca por algo que a representasse em seu ser feminino.

Desse modo, Klimt consegue dar simbolicamente nos contornos e cores de seu trabalho algo da ordem do real, do inominável na mulher. Sua pintura cumpre o papel de assegurar que estes representantes simbólicos sejam objeto de apreciação, ainda que falar sobre eles não signifique que houve a apreensão plena do sentido latente naquela representação. O trabalho do artista ganha uma roupagem de censura ao revelar-se, bem como abre o espaço para identificações por parte do sujeito espectador, mas acima de tudo ganha a amplitude daquilo que incomoda, constrange ou emociona que é da ordem do inconsciente.

Como a própria Psicanálise, que trata da questão primordial do sujeito e sua relação com a castração e o objeto fálico, a pintura de Klimt coloca o espectador em contato com esta relação, ainda que mediada pelo imaginário visível da arte em si e que carrega tudo que o simbólico pode oferecer, mas não a cobrindo completamente. É essa parte descoberta, da ordem do real, indecifrável, que se apresenta ao sujeito como algo que o inunda, o envolve, numa tomada pulsional de elementos inomináveis. Ausência da qual se ocupa tanto a arte como a Psicanálise, indo além daquilo que é familiar na cultura, apresentando novos arranjos e novos sentidos.

No caso da arte, por não haver uma tradução única e total, seu sentido assume a interpretação pessoal e plural daquilo que está em questão no sujeito, tomando assim ares de uma metáfora de desejo. Para Klimt, a arte era seu sintoma.

## REFERÊNCIAS

- ALONSO, S., GURFINKEL, A. e BREYTON, D. (orgs). Figuras Clínicas do Feminino no Mal Estar Contemporâneo. São Paulo, Revista Psychê, Ano VIII, jan/fev, 2004.
- BULFINCH, T. O livro de ouro da Mitologia: histórias de deuses e heróis. 34ª ed., Rio de Janeiro, Ediouro, 2006.
- CABO, M., Klimt e a alteridade do feminino. Campinas, III Encontro de História da Arte – IFCH / UNICAMP [ATA], 2007. Disponível em <<http://www.unicamp.br/chaa/eha/atas/2007/CABO,%20Manan%20Terra.pdf>>. Acesso em: 02.set.2017.
- FREUD, S., Algumas Conseqüências Psíquicas da Distinção Anatômica entre os Sexos (1925). In: Obras Psicológicas Completas: Edição Standart Brasileira. Vol.XXI. Rio de Janeiro, Imago, 1982.
- \_\_\_\_\_, Escritores Criativos e Devaneio (1908), Rio de Janeiro: Imago, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmundo Freud, vol. IX, 1996.
- \_\_\_\_\_, Feminilidade (1933). In: Obras Psicológicas Completas: Edição Standart Brasileira. Vol.XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1982.
- \_\_\_\_\_, Sexualidade Feminina (1931), Rio de Janeiro: Imago, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmundo Freud, vol. XXI, 1996.
- KEHL, M. Deslocamentos do Feminino. 2ª Ed, Rio de Janeiro, Imago Editora, 2008.
- ROCHA, Z. Feminilidade e castração: seus impasses no discurso freudiano sobre a sexualidade feminina, Revista Latino americana de Psicopatologia Fundamental, vol. V, março de 2002. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-47142002000100128](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142002000100128)>. Acesso em: 30.ago.17.
- ROUDINESCO, Elizabeth. A Família em Desordem. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2003.
- Soler, C. O que Lacan dizia das mulheres. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005.
- SOUZA, T.P. O lugar do desejo feminino frente à violência. Belo Horizonte, Revista Reverso, vol.33, no.62, set. 2011.
- ZALCBERG, M. Amor Paixão Feminina. Rio de Janeiro, Elsevier Editora, 2008.

## **THE KLIMT'S WOMEN: THE REAL OF FEMININE**

### **ABSTRACT**

Freud's contemporaneous in the late nineteenth and early twentieth century, Gustav Klimt innovates in the field of plastic arts by portraying countless naked women, who face the viewer with a defiant look, in an atmosphere of unusual eroticism with the image of the Viennese woman of his days. His art evokes the composing aspects of woman's journey towards the feminine as described by Psychoanalysis, from Freud to Lacan. What psychoanalysis is concerned with - the relation of the subject to castration, and therefore lack - arises in the art of Klimt as symbolizations of the artistic image, yet widening to the dimension of the indecipherable. It is from the sense and the nameless that the questions of the feminine interpose thus revealing what the feminine nature is about.

**KEYWORDS:** Feminine. Art. Psychoanalysis. Phallus.

## **LES FEMME DE KLIMT: LE VRAI DU FÉMININ**

### **RÉSUMÉ**

Contemporain de Freud, à la fin du XIXe et au début du XXe siècle, Gustav Klimt innove dans le domaine des arts plastiques en portraitant d'innombrables femmes nues qui font face au spectateur avec un regard de défi, dans une atmosphère d'érotisme inhabituelle avec l'image de la femme viennoise de ses jours. Son art évoque les aspects constitutifs du parcours de la femme vers le féminin, comme décrit la Psychanalyse, depuis Freud à Lacan. Ce que la Psychanalyse est concernée - le rapport du sujet à la castration, et donc la manqué - apparaît dans l'art de Klimt comme des symbolisations de l'image artistique, tout en s'élargissant à la dimension de l'indéchiffrable. C'est à la place entre le sens et l'innommable que les questions du féminin s'interpose, dévoilant ainsi de quoi s'agit la nature féminine.

**MOTS-CLÉS:** Féminin. Art. Psychanalyse. Phallus.

Recebido em: 04-10-2017

Aprovado em: 15-12-2017

© 2017 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.psicanaliseebarroco.pro.br>

[revista@psicanaliseebarroco.pro.br](mailto:revista@psicanaliseebarroco.pro.br)

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO

Memória, Subjetividade e Criação

[www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php](http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php)

# FROM INCEST TO TRAGEDY - PSYCHOANALYTIC READING OF THE TALE, ANGEL LOST, FROM THE BRAZILIAN WRITER ARRIETE VILELA<sup>1</sup>

*Yvisson Gomes dos Santos<sup>2</sup>*

## ABSTRACT

This brief essay is intended to describe the subject of incest and tragedy, associated with femininity. In order to do that, the tale of the Brazilian and Alagoan woman writer, Arriete Vilela, *Lost Angel*, was used to make a concatenation between the literary field, together with the psychoanalytic field. Who is the writer and poet Arriete Vilela? She was born in Alagoas, Brazil, in the city of Marechal Deodoro. Through her work, published in books and journals, she has been acclaimed as a writer who talks about her persona with finesse and simplicity. We owe her much as she inserted the literature from Alagoas to her Caeté children. Of small body and smooth talk, Arriete Vilela surprises us with her strong Northeastern accented language, though she escaped from a minimal territoriality for larges spaces of literary representativity that enchants everyone in any of Brazil's corners. The text of this article involves a perspicacity of the researcher to see by the kaleidoscope of psychoanalysis and of literature what margins the tale *Angel Lost*.

**KEYWORDS:** Incest. Tragedy. Feminine. Psychoanalysis.

---

<sup>1</sup> Translation by Clarice Novaes da Mota, Ph.D.

<sup>2</sup> Ph.D in Education by the Federal University of Alagoas — UFAL (in Portuguese). Address: Dr. Passos de Miranda street, 44, Bebedouro, Maceió, AL. [yvissongomes@hotmail.com](mailto:yvissongomes@hotmail.com).

Who is the writer and poet Arriete Vilela? She was born in Alagoas, Brazil, in the city of Marechal Deodoro. Through her work, published in books and journals, she has been acclaimed as a writer who talks about her persona with finesse and simplicity.

We owe her much as she inserted the literature from Alagoas to her Caeté children. Of small body and smooth talk, Arriete Vilela surprises us with her strong Northeastern accented language, though she escaped from a minimal territoriality for larges spaces of literary representativity that enchants everyone in any of Brazil's corners.

This text was translated from Portuguese to English so that it could become known in other regions beyond Brazil. This article involves a researcher's sagacity to look through the lenses of psychoanalysis and literature what run deep in the story Lost Angel. Possibly, in just a fraction of seconds, we can be transported into the tragic/incestuous/playful game of a father with his daughter. We are left with a question: what is this story all about?

Arriete Vilela's short story looks upon the life of a female character who recreates her steps alongside the unhappy ways of her father. Stating it differently, the story examines a girl's female desire who ties herself to the paternal desire, thus taking her to several actions and thoughts fed by an elected relationship. The story's matrix centers upon a supposed incest, into a life that, except for the tie between father and daughter, renounced other worldly pleasures, and thus loses all meaning.

In this story, an eleven-years-old young woman goes daily<sup>3</sup> with her unlucky partner to an abandoned house. There, in their secrecy, soulful experiences of a very particular emotional development take place.

The mother, as usual, is an absent character, reason for the disgraces suffered by a father who feels abandoned, burdened by an unspeakable melancholy. The text's very tone demands the reader's complicity, as it shares with such attentive reader a sundering intimacy of a failed duo waiting for a maternal figure who could spare them of the pain through a self-remembering memory, that here could be understood in the sense:

---

<sup>3</sup> A subject who shares the fate of another person, the one who shares his or her beloved object.

[...] of dislocating to something else associated by continuity or examining the process as a whole, of a case of repression followed by a substitution for something closer (whether in space or time) (FREUD, 1899, p. 291)<sup>4</sup>

For psychoanalysis, one of the possible explanations for femininity and its difficulties, is bound to what has been known as the Oedipus Complex. The Theban trilogy, known as Oedipus King, Oedipus in Cologne and Antigona, reinvented human attitudes, desires and behaviors through the purification (catharsis) of feelings, giving them the perspective of a destiny that commands, without punishment, the threads of human life and death. Such tragic threads<sup>5</sup> become what is known as fatality, causality and the fulfillment of the god's wishes for commanding humanity, or, going a little further:

The word tragic, converted to an adjective, though it points toward several interpretative possibilities, is always ready to designate fatal destinies of a very well defined character, indicating something that goes beyond normal limits. This is the point where the excessive, the hubris, presents itself in its highest vigor (MELO, 2001, p. 37)<sup>6</sup>

According to the Oedipus Complex the first object for a girl should be her mother, but in this oedipal situation the girl's father becomes her love object, and one hopes that in the normal course of her development she finds a way to abandon the maternal object as her final choice of an object (FREUD, 1933, p. 134). The Brazilian woman's story can be seen as a paradox since the main character places herself both as a seduced toy and seducer, in her father's hands, thus forming an abnormal course of the incestuous relationship desiring chains, still not touched by interdiction, nor by the superego's cut when it acts as the catalyst of moral and ethical costumes that give base to the psychic and social outline of men.

---

<sup>4</sup> [...] de um caso de deslocamento para alguma outra coisa associada por continuidade ou examinando-se o processo como um todo, de um caso de recalçamento acompanhado de substituição por algo próximo (quer seja no espaço ou no tempo) (FREUD, 1899, p. 291).

<sup>5</sup> The word tragedy was originally created in Ancient Greece in succession to the lyrical and epic genre, its genesis demarcated in the cult of the god Dionysus, approximately in the fifth century before Christ. This society, holder of this genre of art, used to stage the behavior of the gods and humans, heroes and demigods, on a more than artistic level, was a true social institution.

<sup>6</sup> A palavra trágico, convertida em adjetivo, por mais que aponte diversas possibilidades interpretativas, está sempre pronta a designar destinos fatídicos de caráter bem definido, indicando algo que ultrapassa os limites do normal. Este é o ponto onde a desmesura, a hybris, apresenta-se em seu vigor maior (MELO, 2001, p. 37).

The story's structure in its literary meaning shows, through Moises' thinking, as "a dramatic fraction, the most important and decisive, of a continuity in which past and future have little or no meaning (...) to an unity that becomes evident due to the internal tension of the narrative plot" (1971, p. 21)<sup>7</sup>.

Lost Angel is a suggestive title, because of the feminine in action. "Angel derives from Latin angelus that means the intermediary being between God and men, a child dressed up in religious processions or a dead child" (LAROUSSE, 1992, p.62)<sup>8</sup>. It reminds us of the story's persona who resembles a character whose psychological matrix has something of divine, celestial, yet lost, tossed aside in the paternal eyes and desired by other men's eyes in her future life.

What she wanted was to know her father's soul, as her life was consumed by such purpose. I cite Vilela<sup>9</sup>:

She didn't go to school, did not have little friends, had never been to a birthday party(...). She knew very little about people, because her knowledge was restricted to one single reality: her father's soul. Whenever he was sad, she tried hard to minimize his pain: she caressed him, spoiled him, guessed his tiniest wishes (1997, p. A10)<sup>10</sup>.

The game of feminine desire is to become the phallus, the unveiled object, however "she finds the signifier of her own desire in the body of the one to whom its demand for love is directed" (LACAN, 1998: 701)<sup>11</sup>. The woman adorned by bodily fetishes destroys any possibility to be seen "raw naked", becoming the adornment of somebody else's desire - a sort of killer<sup>12</sup> or a perpetrator of the unbridled drives of life

---

<sup>7</sup> "uma fração dramática, a mais importante e a decisiva, numa continuidade em que o passado e o futuro possuem significado menor ou nulo [...] a uma unidade evidenciada pela tensão interna da trama narrativa".

<sup>8</sup> "Anjo vem do latim angelus que significa o ser intermediário entre Deus e os homens, criança vestida nas procissões ou criança morta" (LAROUSSE, 1992: 62).

<sup>9</sup> From this moment on citing the text of Arriete Vilela we will put only the page in which it is unique for all the citations of the short story (page A10). This was extracted from Caderno Gazeta Mulher, from the Gazeta newspaper of Alagoas, in 1997 (see References).

<sup>10</sup> Não freqüentava escola, não tinha amiguinhos, nunca fora a uma festinha de aniversário [...] Entendia pouco das pessoas, até porque o seu conhecimento restringia-se a uma única realidade: a alma do pai. Quando o sabia triste, esforçava-se para minimizar-lhe a dor: acariciava-o, mimava-o, adivinhava-lhe a menores vontades. (1997: A10).

<sup>11</sup> Ela encontra o significante de seu próprio desejo no corpo daquele a quem sua demanda de amor é endereçada" (LACAN, 1998: 701).

<sup>12</sup> The meaning of the word Other (in capital letters) says of "the place where psychoanalysis places, in addition to the imaginary concept, what, before and outside the subject, nevertheless determines it."

that keep her as a woman, mythical symbol that gives wings to the stories of suffering creatures.

In this tale, the girl resembles the mythical figure of the Greek Persephone, the one who had been kidnapped by Hades, the god of Tartarus, becoming his wife; in her suffering she goes through periods when she goes up to earth and then goes back down to hell. The story's eleven-year-old character feeds upon the pain of being the partner of a suffering parent, albeit struggling to lessen such sadness by trying to put herself in the absent mother's place, thus enlarging the complicities between the father and the girl. "Ah, the mother: a splinter in her soul. Gone away when she was still a little baby" (A10)<sup>13</sup>.

In the same text, as we go back to the pointed observations of Arriete's story, the tragedy of incest appears in the discourse made up by the author. In what way? The narrator gives us clues: "in the moments of her father's profound sadness, getting ready with her best little dresses to dance for him, the girl would dispense panties. And danced as an intuitive bird. An angel lost between heaven and hell" (A10)<sup>14</sup>.

Some aspects should be seen, to cite: tragedy as something of a childish sexual play; and the establishment of a fantastic cut of the crushed feminine. For the Viennese there are two German words that speak of the art genus: "Lustspiel, comedy, and Trauerspiel, tragedy" (FREUD, 1925, p. 152). The first one can be literally translated as pleasurable play, and the last as ludicrous play (the focus of this study).

Ludicrous play speaks of something childlike, because even with the tragic surrounding it, playing is a part of it. The girl in the story dances for her father – symbol of her desire – and in these gestures brings about the possibility of recreating primitive games of seduction and eroticism. "A tragic dance of a greater sense, whose permanence happens according to the agility of the father's fingers as he touches her" (A10). The fruit of the dual relationship is of acknowledged taste/knowing, showing itself through the libidinous causes of incest: the fingers touched her.

---

(CHEMAMA, R. Dicionário de Psicanálise. Trad. Franke Sttineri. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1995: 156, Free translation from Portuguese).

<sup>13</sup> "Ah, a mãe: uma farpa na sua alma. Fora-se quando ela era ainda um bebezinho" (p. A10).

<sup>14</sup> "Nos momentos de profunda tristeza do pai, ao vestir-se com o melhor vestidinho para dançar diante dele, a menina dispensava calcinha. E dançava feito ave intuitiva. Anjo perdido entre o céu e o inferno." (p. A10).

Another point is the very masked feminine. The character includes in her childhood the need to be seen by the father and to become his cursed sex partner. In this sense Lacan says: "it is to be the phallus, or yet, the signifier for the other's desideratum, that the woman will reject an essential part of her femininity, namely all her attributes, in the masquerade (1988, p. 203)."She is not just only a girl by herself, she is the provider of the paternal desire, mixed with the subjection of her desiring course that takes shape as a character/agonist of the other that makes her hesitate.

The story proceeds in its natural course, the father dies and she is delivered to her destiny. She becomes the woman of defeated men, like her father. The bereavement then shows up, or yet, reorders her itinerary of the maternal absence with the paternal absence. What was a playful game acquires characteristics of a clear melancholy. According to Freud, we know that in bereavement "the reality test revealed that the object no longer exists, demanding that all libido be removed from the ties to that object " (1925, p. 276). The character suffers the drama of really missing the first objects of her life, the parents, and when cursed by death resorts to its beginning: the feminine in suspension.

Pommier (1987, p. 33) affirms that the feminine brand "covers up the presence of an emptiness that demands its cause, and, under its mark, nothing is identified"<sup>15</sup>. An emptiness that exterminates the existence of femininity, giving new edges to it, new textures born into the skin of adornments "that are unessential and that surround the hole" (Ibid, p.33)<sup>16</sup>. The hole's divination is on the dancing of Arriete's girl, where the body is the depositary of breaks, cracks and ghosts.

In the words of the girl, who is now a thirty-years-old woman, rests the plea for help to the master of her life and death, the father. Dead and buried already, with few friends to give him homage, she begs: "Save me, father, because I only believe in you. You are the only loving being I know (A10)."<sup>17</sup>

The love she knew was the paternal love, in a version that translates its very perverse dialogue. Locating the father's name, the one repeated by the woman in this

---

<sup>15</sup> "recobre a presença de um vazio que exige sua causa, e, sob sua máscara, nada é identificado".

<sup>16</sup> "adornos inessenciais que margeiam o furo".

<sup>17</sup> "Salva-me, pai, porque só acredito em ti. És o único ser de amor que conheço" (p. A10).

story, make us to relive "the name that finds its identity, frees the tongue from its incestuous consequence" (POMMIER, 1987, p.129)<sup>18</sup>. Meanwhile, we discover that there is a "pereversion", a linguistic game between perversion and paternal (pere) version, a word that belongs to a Lacanian discourse.

The signifying game of desire and paternal version demonstrates the road that the woman-girl from the story has in her subjective constitution, that is to say that the return of the father in her psychic sphere is also the return of an unveiling (aletheia) that conspires her maneuvers there where it is possible to feel the lascivious and eminent loss of "her first love." The exit happens through the continuity of melancholic acts and from the principle that only through the twist of the tragic, her life, even so, will continue to be the same. So we read:

And then, without further remorse or pain nor hopes, she returns to everyday reality and fragments herself into nostalgia and sadness in the arms of defeated men who will never love her (...) (A10)<sup>19</sup>.

It remains to be said that the tragedy considered in this text is a fact that defies the literary imagination of the author, in which the subject of incest and sexual abuse underlies signs of the horror of us readers. Let us remain for hours with the reveries that make the reader's memorial friction in a relationship of complicity and silencing.

---

<sup>18</sup> "o nome que localiza sua identificação, desembaraça a língua de sua conseqüência incestuosa" (POMMIER, 1987, p. 129).

<sup>19</sup> E então, sem mais remorso ou dores, ou esperanças, ela retorna a cotidiana realidade e se vai fragmentando em saudade e tristeza nos braços de homens derrotados que nunca a amarão [...] (p. A10).

## REFERENCES

- CHEMAMA, Roland. Dicionário de Psicanálise. Trad. Franke Sttineri. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1995.
- FREUD, Sigmund. (1889) Lembranças encobridoras. Rio de Janeiro: Imago.
- \_\_\_\_\_. (1925) Escritores Criativos e devaneios. Rio de Janeiro: Imago.
- \_\_\_\_\_. (1933). Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise (Feminilidade). Rio de Janeiro: Imago.
- LACAN, Jacques. (1988). Escritos. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.
- LAROUSSE, Cultural. Dicionário de Língua Portuguesa. São Paulo: Nova Cultural, 1992.
- MELO, Denise Maurano. A Face oculta do amor: a tragédia à luz da psicanálise. Rio de Janeiro: Editora UFJF, 2001).
- MOISÉS, Massaud. Dicionário de Termos literários. São Paulo: Ed. Cultrix, 1974.
- POMMIER, Gerard. A Exceção Feminina: os impasses do gozo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.
- VILELA, Arriete. Anjo Perdido In.: Suplemento Gazeta Mulher: Gazeta de Alagoas, 18/jan, A10, 1977.

## **DO INCESTO Á TRAGÉDIA - LEITURA PSICANALÍTICA DO CONTO, ANJO PERDIDO, DA ESCRITORA BRASILEIRA ARRIETE VILELA**

### **RESUMO**

Este breve ensaio pretende descrever o tema do incesto e da tragédia, concomitantemente com a feminilidade. Para este expediente, o conto da escritora brasileira e alagoana, Arriete Vilela, Anjo Perdido, foi usado para fazer uma concatenação entre o campo literário, juntamente com o campo psicanalítico. Quem é a escritora e poeta Arriete Vilela? Trata-se de uma filha alagoana de Marechal Deodoro. Com suas escrita em jornais e livros publicados consagrou-se como aquela que falava sobre seu “eu lírico” com fineza e simplicidade. Devemos muito a ela pela inserção da literatura de Alagoas aos seus filhos caetés. De corpo pequeno e falar tranquilo, Arriete Vilela espanta-nos com sua linguagem de sotaque firme de nordestina, mas que saiu da territorialidade mínima para espaços maiores de representatividade literária que encante em quaisquer rincões do Brasil. Esse texto foi redigido em inglês com a finalidade de torná-la conhecida em outros locais além-Brasil. O tecido/texto deste artigo envolve uma perspicácia do pesquisador em ver pelo caleidoscópio da psicanálise e da literatura o que margeia o conto Anjo Perdido.

**PALAVRAS-CHAVE:** Incesto. Tragédia. Feminino. Psicanálise.

## **DE LA TRAGÉDIE INCEST - LECTURE PSYCHANALYTIQUE CONTE, ANGE PERDU, LE BRÉSILIEN ARRIETE VILELA ÉCRIVAIN**

### **RÉSUMÉ**

Ce bref essai est de décrire le thème de l'inceste et la tragédie, en même temps que la féminité. Pour cet appareil, l'histoire du Brésil et Alagoas écrivain Arriete Vilela, Ange perdu, a été utilisé pour faire une concaténation entre le champ littéraire, ainsi que le champ psychanalytique. Qui est l'écrivain et poète Arriete Vilela? Il est une fille de Alagoas Marechal Deodoro. Avec leur écriture publié dans les journaux et les livres a été acclamé comme celui qui a parlé de son "lyrique" avec finesse et simplicité. Nous sommes redevables à elle pour l'insertion de la littérature Alagoas à leurs enfants Caetés. Petit corps, et parler calme Arriete Vilela nous émerveille avec son fort accent du Nord et la langue, mais a laissé le minimum pour les espaces territorialité plus importants de la représentation littéraire qui envoûte dans tous les coins du Brésil. Ce texte a été écrit en anglais afin de le faire connaître ailleurs au-delà du Brésil. Le tissu / texte de cet article implique un chercheur à l'idée de voir le kaléidoscope de la psychanalyse et de la littérature qui borde l'histoire Ange Perdu.

**MOTS-CLÉS:** L'inceste. La tragédie. Femelle. La psychanalyse.

Recebido em: 12-07-2017

Aprovado em: 25-11-2017

© 2017 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.psicanaliseebarroco.pro.br>

[revista@psicanaliseebarroco.pro.br](mailto:revista@psicanaliseebarroco.pro.br)

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO

Memória, Subjetividade e Criação

[www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php](http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php)

# ENTRE A SOBREVIVÊNCIA E A SUBSERVIÊNCIA: O DESMANCHE DAS PRÁTICAS DE COACHING

*Guilherme Henrique Lima Barati*<sup>1</sup>

*José Roberto Montes Heloani*<sup>2</sup>

## RESUMO

Este artigo tem como objetivo investigar as contradições nas práticas de coaching. Constitui-se com base nos significantes tecidos pelos *Coaches* em entrevistas não estruturadas. Tem como referência o quadro teórico metodológico da Psicanálise lacaniana. Estabelece interlocução com autores da Psicologia Social e das Ciências Sociais de orientação marxista. Há na esfera do real algumas brechas, fendas, arranhões que deformam a imagem e colocam em xeque as referências identificatórias do que é ser bem-sucedido. Surgem aspectos pessoais e singulares que disparam processos deformadores bem como desidentificações. O mal-estar e o sofrimento são referências da emergência do sujeito e de suas rupturas. Práticas conservadoras trazem contradições e possibilidades de deformação, e desmanche.

**PALAVRAS-CHAVE:** Coaching. Contradição. Psicanálise. Idealização. Sofrimento.

---

<sup>1</sup> Guilherme Barati é doutor em Educação pela Unicamp e Mestre em Psicologia Social pela PUC-SP. É pesquisador membro do Núcleo de Estudos em Trabalho, Saúde e Subjetividade da Unicamp. Atua como psicanalista em consultório particular e desenvolve trabalhos de estudo e transmissão em psicanálise lacaniana. Rua José Maria Lisboa, 514, apartamento 51, Jardim Paulista, 01423-000, São Paulo, SP. [gbarati@uol.com.br](mailto:gbarati@uol.com.br). (11) 99131-4394.

<sup>2</sup> Doutor em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1991). Pós-Doutor em Comunicação pela USP e Livre-Docente em Teoria das Organizações pela UNICAMP. Professor Titular e pesquisador da Faculdade de Educação da UNICAMP. [rheloani@gmail.com](mailto:rheloani@gmail.com). (11) 99744-0051.

## INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo foi trazer à tona eventuais impasses e contradições envolvidos na prática do *Coaching*. Para tanto, iniciar-se-á por autores que pesquisem as possibilidades de ação, rupturas e criação diante de ideais padronizantes. E, com eles, será estabelecida uma interlocução com trechos de entrevistas dos *Coaches* pesquisados na pesquisa de doutorado do autor (BARATI, 2015).

O *Coaching* nasce para preencher lacunas na formação, tendo em vista que a alternativa de encaminhar para acompanhamento individualizado vem, muitas vezes, da ineficácia dos cursos de preparação dos trabalhadores para que eles alcancem suas metas. Assim, trabalhadores que necessitam de mais preparo são encaminhados para intervenção individualizada, o *Coaching*, porque precisam ser ainda mais eficazes nos seus cargos de gestão e apresentam dificuldades para mudar.

É suposto que se complemente a formação educacional trazendo o discurso do mestre (Lacan, 1992) de forma mais individualizada e que, pela relação entre *Coach* e *Coachee*, se produza algo além do que ocorreu nos cursos convencionais e, também, se garanta a adesão ao modelo de gestor esperado, cumpridor de metas. No entanto, ao tentar se preencher uma lacuna, outras surgem, pois como Lacan afirma, haverá sempre algo de inadmissível no sujeito.

No entanto, não se pode ser ingênuo. O sujeito é constituído socialmente, portanto, qualquer ruptura se dará contra aquilo que, paradoxalmente, forma-o. Trata-se de desconstruir aquilo que o construiu. Em outras palavras, trata-se de colocar em análise a imagem sintética, harmônica e ilusória que em alguns momentos o protege, mesmo que muito precariamente, da angústia do desamparo. A mesma imagem que protege também oprime e encarcera.

A mudança se dá no centro da engrenagem, formando uma contramola que resiste. A ruptura e a criação já nascem dilaceradas e em tempestade decepadas. Mas sempre há de restar vestígios não assimiláveis pela totalidade ideológica do que é tido como bem-sucedido. Sempre há de restar uma falta que deforma a imagem.

Serão destacadas ao longo deste artigo várias modalidades de ruptura, sem intenção de classificá-las como regressivas ou evoluídas, mas tão somente como rupturas. Nele aparecerão significantes que parecem estar a serviço de destituir algo que havia sido constituído tais como *desestruturação*, *desmanche* e *desserviço*.

## **METODOLOGIA**

O presente artigo se vale da pesquisa de doutorado de Barati (2015), cujo objeto foi o trabalho dos *Coaches*. Houve entrevistas não estruturadas com três sujeitos, nas quais se destacaram os casos de *Coachees* por eles atendidos.

A análise dos dados teve como referência a Psicanálise Lacaniana. Para tanto foram referenciadas as falas e escritos dos *Coaches*, revelando como se deu a cadeia associativa, bem como foram retratados elementos linguísticos estruturantes da sua fala: repetições, retroações, ressignificações, condensações e deslocamentos na produção do texto (BARATI, 2017).

O método da associação livre se coloca nos trechos das entrevistas, que foram transcritos exatamente da forma como ditos, evidenciando os significantes e seus efeitos de enunciação, articulados, em alguns momentos, de forma bastante singular e inusitada. O pesquisador se valeu da relação com os sujeitos participantes da pesquisa, ou seja, da transferência estabelecida com eles. A interpretação se deu por meio de perguntas, comentários e pausas baseados nos significantes em circulação e tinham como objetivo provocar associações.

## **ENTRE A FORMAÇÃO E A DEFORMAÇÃO DAS IMAGENS DE COMPETÊNCIA**

A imagem totalizante da competência e sucesso que desliza entre os significantes de felicidade e flexibilidade não se sustenta. Há na esfera do real algumas brechas, fendas, arranhões que deformam a imagem e colocam em xeque as referências identitárias do que é ser bem-sucedido. O corpo que aparece no espelho é estilhaçado em cacos quando refletido nas bordas do real. A deformação é tomada aqui como um significante no sentido psicanalítico, ou, em outras palavras, como algo que fere a imagem enganadora do estádio do espelho proposto por Lacan (1996).

E é exatamente na fala do Sujeito 3, cuja trajetória foi marcada pela fundação de um curso de formação de *Coaches*, que se depara com algo que resiste a qualquer tentativa pedagógica de formar um bom administrador de pessoas. Daí o fato de este *Coach* buscar inúmeras alternativas para soldar as fendas que insistem em aparecer.

O arsenal composto pela formação escolar, cursos de *formação em Coaching* e o ecletismo das técnicas usadas pelos *Coaches* “devidamente formados” parecem não garantir o resultado efetivo, qual seja: transformar o ser humano num perfeito

gestor de si. Já que a formação acadêmica não foi suficiente, passa-se à *técnica*. E, se a *técnica* não basta, passa-se à *Arte*: “*Arte* assim eu tô falando de um sentido muito mais amplo tá... Porque tem, tem algumas dimensões da vida que você consegue ser *treinado*. Para outras dimensões, você deve observar relações, dinâmicas de grupos, entender identidades, valores. Não é uma *técnica* que vai te ajudar. Você precisa ter é... Ser *artista* e você precisa ter alguém que te ajude a enxergar. É uma outra *formação*”. (Sujeito 3)

É aí que vem uma sucessiva criação de alternativas às *técnicas* ensinadas. Segundo o Sujeito 3, o repertório de respostas mais vasto só é adquirido pela própria *experiência* e, também, pelo uso de intervenções *artísticas*. No relato acima tem-se a criação de inúmeras alternativas a mostrar a ineficácia da *técnica*. Assim, vamos aos poucos encontrando entre os significantes pesquisados algum embrião de ruptura, uma falta inerente ao próprio dispositivo.

Nesse contexto, o pesquisador pergunta para o Sujeito 3 sobre o que ele pensa dos cursos de *formação* em *Coaching*. E ele coloca que o curso, por si só, não consegue formar o *Coach* para *enfrentar* as tempestades, a *ventania*, o *furacão* pelos quais o trabalhador passa. Tem algo nessa formação que vem de outro *lugar*...

Sim, eu acho curso de trezentos e sessenta horas... Me deixa arrepiada e pra gente muito jovem, sem experiência e sem muito mente aberta. Ok, mas não é só isso, sabe? Assim você precisa ter *repertório*, sabe? Você precisa ter *bagagem* pra você se firmar em algum lugar, só cria raízes assim, como imagem, sabe? Pra me sustentar a *ventania* que tá no lugar do outro, lá, pra lidar, ficar nos olhos do *furacão*... Tem umas horas que você tem que ficar ali, tem que *enfrentar* mesmo. (Sujeito 3)

Vale se perguntar se nesse caminho pode surgir uma abordagem paradoxalmente mais profunda e reflexiva vinda de um determinado *repertório*; se podem surgir significantes que entram em contradição com a solução rápida e prática requerida e que o próprio *Coaching* visava encontrar. A aprendizagem de gestão que não ocorre na sala de aula, mas numa sessão privada, fora da unanimidade do grupo, proporciona um campo da transferência e de tratamento de problemas não falados na correria cotidiana. Se essa transferência está a serviço do fortalecimento de uma resistência ou de uma ultrapassagem dela pelo seu manejo, as palavras dos sujeitos vão indicando-nos. Há indícios pelas falas do Sujeito 3 da apresentação de contradições deformadoras no centro da formação.

E, nesta pesquisa, apareceu outra denúncia da insuficiência do *Coaching* por parte daquele que o pratica, mostrando a possibilidade da emergência de uma posição

crítica e reflexiva. Tem-se como exemplo o Sujeito 1 a falar da necessidade de *desmanche* do *modelo tradicional de Coaching*. Para ele, a prática pode transformar-se num *desserviço* para o sujeito trabalhador, no sentido de ocultar *contradições* e, com isso, impedir reflexões libertadoras: “Uma que, por exemplo, que foi muito legal, que eu acho que ela fala muito do *desmanche* dos *modelos tradicionais de Coaching*. *Modelo tradicional de Coaching*: ouça o que seu cliente quer, respeite os objetivos que ele traga e faça planos de ação para que esses objetivos sejam viabilizados, certo? Eu *cago* para isso, eu acho isso o *pior* dos *desserviços* que você pode fazer por uma pessoa nesse sentido mesmo do contraditório do humano”.

O *contraditório* humano parece também perpassar os teóricos desse campo. A própria divergência quanto aos objetivos dessa prática pode deixar brechas para um trabalho que vá além da instrumentalização. Ferreira (2008) encontrou dois objetivos diferentes na contratação de *Coaching* na sua pesquisa. O primeiro, fortemente instrumental: desenvolver competências para cumprir metas. O outro objetivo parecia envolver algo além, ou seja, a relação do trabalhador com a sua carreira: pressupunha-se que os trabalhadores seriam melhores se buscassem um aprimoramento de suas características pessoais que, por sua vez, inevitavelmente, conduziriam a uma forma de trabalhar melhor.

A reflexão sobre soluções mais complexas, singulares e que leve em conta as relações no trabalho, pode, na sua mais absoluta contradição, estender-se para como o sujeito tem conduzido sua vida. Principalmente quando sua saúde e suas relações estão deterioradas (BARATI, 2007).

## **O CAMPO DOS IMPOSSÍVEIS: UM RESTO DESGOVERNADO**

Nessa seção será feita uma breve pausa nas falas dos *Coaches*, visando a um aprofundamento nos aspectos teóricos que constituirão a ideia de que no interior da engrenagem e das técnicas gestionárias que a fazem mover, há algo que possa ir além da mera repetição. Compreende-se a concepção de sujeito como submissão e invenção, e, portanto, deve-se abordar a possibilidade de ruptura do sujeito com as determinações sociais, mesmo que isso ocorra de forma breve. Assim, nas palavras de Enriquez (1997, p. 107): “É impossível analisar a conduta de um indivíduo sem referi-la àquela dos outros, uma conduta estruturada social e culturalmente. Isso não suprime de maneira nenhuma a ruptura que o sujeito pode ocasionar. Isso apenas a situa num contexto”.

A partir de uma interlocução entre a Sociologia e a Psicanálise, Sève (1989) coloca de forma categórica algo que pode ser visto como um verdadeiro paradoxo para quem fez uma leitura pouco aprofundada do texto de Marx: a individualidade humana é considerada no seu pensamento. É comum uma imagem grosseira de que o marxismo traz a ideia de determinismo sociológico e que os indivíduos seriam produzidos de forma seriada pelas condições de existência ou que a felicidade viria pela supressão da individualidade, da extinção da “personalidade”.

Na Ideologia Alemã (Marx; Engels, 2007) concebe-se que os indivíduos partem de si mesmos, nas suas relações mais imediatas e reais, tornando-se assustadora a questão de como essas mesmas relações passaram com o decorrer da História a ficar autônomas e contra eles. A divisão do trabalho, a propriedade e o antagonismo foram distanciando os homens cada vez mais de suas bases.

Ao invés de ver aí o determinismo, Sève (1989) propõe que a teoria seja usada como constatação crítica transformadora. Esta teoria torna possível se pensar algo que seria inconcebível pela ideologia reinante. O indivíduo não se opõe ao social como a ideologia faz supor, mas antes, ao contrário, ele se conecta e é capaz de desenvolver com base nela uma forma superior de convivência social.

Na visão de oposição colocam-se, de um lado, o mercado, as leis, as instituições e, de outro, o indivíduo estranho a si, cujo corpo biológico reduz as possibilidades de sua inserção histórico-social, cujas funções psíquicas que ele sedia são atemporais e assim apenas passíveis de serem condicionadas, mas não alteradas. Em cada momento histórico, as relações estabelecidas entre os seres humanos e a natureza vão se transformando numa formação social e, também, numa formação individual intrinsecamente relacionada. A “lei de individualidade” é uma dimensão essencial da coletividade. Quando uma determinada individualidade se concebe de forma separada, isso, por si, já representa referência de uma dimensão social que a convoca para tal posição. Assim: “[...] uma clivagem desse tipo não é senão a forma negativa de uma unidade sempre fundamental - já que o ser humano só pode constituir-se como indivíduo singular na sociedade” (Sève, 1989, p. 150).

Ao considerar a personalidade como unidade estável de condutas repetitivas e individualizadas que se dão num fluxo de acontecimentos contingentes, como há de se promover a invenção do novo? Marx e Engels (2007), em a Ideologia Alemã, colocam em questão os riscos do idealismo, da procura de uma essência que seja buscada na transcendência e não na materialidade das relações e de tudo o que foi

construído por meio delas ao longo da História. Nos vertebrados superiores, bem como no *Homo Habilis*, as habilidades acumularam-se ao longo das gerações, em ritmo lento da evolução biológica e com o genoma predestinando suas ações de forma geral.

Por outro lado, os atos pessoais são sempre mediados por uma realidade social que os antecede. As capacidades historicamente desenvolvidas encontram-se fora do organismo biológico. Este organismo serve como suporte, como pressuposição para que o sujeito receba essa herança externa e promova novas mudanças. Isso não exclui a consideração de condições de investimento na individualidade natural como o aparato biológico que suporta a inscrição nos sistemas parentais e linguísticos ou nas condições universais, naturais e restritivas como a sexualidade, o envelhecimento etc. Quando o homem chega à sociedade nos tempos atuais, se depara com muito mais do que ele mesmo seria capaz de absorver e, além do que já está disponível, deverá sofrer ainda mais transformações:

Foi graças a essa objetivação que se tornou possível a reprodução indefinidamente ampliada das capacidades humanas desenvolvidas. A sua base de transmissão não está, portanto, inscrita no programa psíquico da criança, mas se encontra socialmente descentrada em relação a ela, inclusive nas realidades não psíquicas, e é graças à sua apropriação parcial, psiquicamente mediada por outrem, que ela se individualiza humanamente por meio de uma biografia inesgotavelmente singular. Eis porque à simples individualidade vem sobrepor-se e superpor-se, no homem, a singularidade radicalmente mais complexa que a personalidade. (SÈVE, 1989, p. 155)

Portanto, a personalidade, vista pelo viés sociológico, vai além de traços cristalizados ou papéis sociais prescritos. É um sistema temporal de atividades que reúnem ao mesmo tempo aspectos pessoais e sociais. Influenciado pela leitura de Marx, Sève (1989) traz então a ideia de formas históricas de individualidade nas quais a personalidade encontra-se entre as variáveis de lidar com a biografia individual e os desafios da atividade material, no conjunto de relações sociais que são sua base e ponto de partida.

No campo socialmente estruturado dos possíveis que é esboçado por um sistema de formas de individualidade, cada indivíduo, a partir de suas capacidades e aspirações, de sua identidade e de seu imaginário, projeta, em troca, a sua prospectiva biográfica individual, sua própria forma de assumir a necessidade, de situar-se na contingência e de concretizar sua liberdade – dialética cuja complexidade ultrapassa “uma determinação social dos destinos pessoais”. (SÈVE, 1989, p. 162)

A singularidade entra nesse contexto como deslocamentos e transformações que o sujeito pode operar diante das aberturas e fechamentos próprios de cada

conjuntura, de cada momento histórico. Não se trata, portanto, de um simples meio ambiente que condiciona ou restringe, mas de contingências e necessidades que variam historicamente e são oferecidas às personalidades que, por sua vez, devem se haver com elas e tomar decisões.

A emancipação de que tanto se fala na Psicologia Social e que pode ser encontrada em Ciampa (1987) como metamorfose ou enquanto identidade pós-convencional em Habermas (1976), encontra pontos de interlocução na linguagem psicanalítica, seja pela experiência produtiva de indeterminação de Dunker (2015), seja pelo conceito lacaniano de destituição subjetiva, abordado por Quinet (1991). E o que se tem em comum a todos esses autores é a ideia de que se tornaria possível a libertação de traços que dizem ao sujeito quem ele é de forma cristalizante e definitiva, mesmo que seja somente por alguns momentos.

Quando o sujeito se depara com o esvaziamento de definições acerca da sua *ex-xistência*, a possibilidade surpreendente de invenção surge como efeito dessas desidentificações: “Por um lado, falta o significante que diria o que ele é. Os significantes identificatórios do sujeito têm na análise o destino de perderem função (ou pelo menos de terem sua função abalada), revelando-se tal como são: significantes que não definem o sujeito, mas aos quais ele está assujeitado. Não falta, porém, ao sujeito apenas o significante que o definiria, mas o próprio ser: o sujeito é falta-a-ser” (QUINET, 1991, p. 111).

Vale ressaltar que a destituição subjetiva se relaciona a um conceito clínico lacaniano que nos impele a buscar outros que se direcionam à sociedade. E para guiar essa busca há que se encontrar como elemento comum a ideia de um sujeito que se aliena e se separa; se identifica e desidentifica.

Na inserção social o sujeito experimenta e reflete sobre duas posições: o que eu devo ter para completar o Outro e o que o Outro deve ter para me completar. Numa das posições tem-se a colocação do sujeito como objeto de desejo e na outra tem-se esse mesmo sujeito se colocando como capaz de desejar um objeto e dizer o que espera dele. À medida que a destituição subjetiva se dá, os traços do objeto que guiam o sujeito ficam reduzidos, abandonados num certo grau de incerteza geradora de novas surpresas, de novos atos. Resta ao sujeito identificar-se, então, com um objeto esvaziado e, por isso, capaz de ir além do padrão repetitivo que visava ao seu preenchimento. Tal experiência consistiria na queda dos significantes que eram

mestres para o sujeito, ou, em outras palavras, na queda dos significantes que ocupavam a posição de Ideal supremo a ser atingido.

## **RUPTURAS PELO MAL-ESTAR E SOFRIMENTO: DESLOCAMENTOS ENTRE A SOBREVIVÊNCIA E A SUBSERVIÊNCIA**

O mal-estar é constitutivo do sujeito já que ele nasce num mundo que inicialmente não havia escolhido e do qual não tem como fugir. Mesmo que venha a deixá-lo, o registro de passagem permanece na memória dos outros, na história de sua família. Uma vez nascido, a condição de estar no mundo é inevitável. Assim, tem-se no mal-estar o primeiro registro de dor e liberdade, uma vez que esse mundo não se adapta totalmente ao sujeito que nele emerge, simplesmente pelo fato de já existir muito antes dele, trazendo-lhe uma série de determinações sociais e econômicas. Há vários motivos para estar mal nele. Freud (1980) deixa claro em “O mal-estar na civilização” que entre as principais causas desse mal estão o relacionamento com os outros, o corpo e a natureza indomável que nos subjuga.

Interessa frisar que é esse desencontro que produz mudança. E quando se fala disso não se fala da mudança consciente que, muito provavelmente, cai no cinismo e pode ser expressa da seguinte forma: tenho plena consciência disso, sou crítico, mas me mantenho na mesma. Nessa consciência plena temos apenas uma pseudolucidez, pois nada rompe. A consciência que fica a repetir suas mazelas como expectadora, fica reduzida a uma estratégia de evasão e ofuscamento que se satisfaz apenas com o reclamar. Com base na ideia de pseudoconsciência de Lasch (1983), Barati afirma:

A exposição que o sujeito faz acerca das experiências que colocam em questão a sua vida tem a finalidade de mostrar como um ser consciente das fraquezas mundanas e, com isso, capaz de alcançar certa superioridade em relação a elas. O ato pretensamente confessional e autêntico desemboca numa estratégia de evasão e ofuscamento que, muitas vezes, destitui as palavras proferidas de qualquer finalidade prática de mudança e ação efetiva (BARATI, 2007, p. 111).

Segundo Barati (2007), a mudança ocorre pela via do ato precipitado pela dor, livre do império verdade pronta, acabada e “consciente” sobre os fatos. Isso ocorre quando o escravo deixa de trabalhar para seu mestre e desliga-se, pede demissão da empresa. Nega o que o nega: “Mas talvez muitas palavras e saberes não adiantem nada. O trabalhador muitas vezes sabe que participa de relações sociais marcadas pela exploração, pelo desrespeito à vida e, no entanto, pode colaborar para isso na sua prática cotidiana. Talvez as mudanças mais efetivas aconteçam

surpreendentemente, sem que se saiba, na dimensão do ato, naquilo que ele comporta de ruptura, de desligamento” (BARATI, 2007, p. 192).

Se as palavras e os saberes constituídos não fornecem elementos suficientes e consistentes para abordar a mudança, resta-nos perguntar como faríamos para apreendê-la. A complexidade das investigações sobre a luta dos sujeitos por fragmentos de liberdade nas organizações coloca claramente os limites desse estudo. Ele não tem a pretensão de esgotar o tema. Mas, também, já possibilita refutar aqueles que sequer questionam sobre as possibilidades de pequenas rupturas no interior do mundo administrado, argumentando que qualquer mudança só viria de fora. Mas o que seria esse de fora? Todos nós nos encontramos inseridos no vínculo social que pressupõe o governo das pulsões em qualquer que seja o momento histórico e o lado externo guarda uma relação de continuidade com o interno.

De início, propõe-se que transformações possíveis sejam trazidas à tona pelo mal-estar e pelo sofrimento, bem como nas formas de concretização histórica deles: os chistes das narrativas cômicas e atos disruptivos das narrativas trágicas.

Ao descrever um romance cujo fim é a morte, Benjamin (1994) traz que há algo que envolve, sensibiliza o leitor, embora a tragédia seja iminente. Mas o que seria capaz de absorver o leitor se ele sabe que o romance terminará mal? Pode-se dizer que tal romance provoca a recuperação de uma tonalidade afetiva, capaz de ser reacendida no sujeito, por mais distante que tenha ficado dela ao longo de sua vida, ao adaptar-se às engrenagens administrativas e educativas. Algo escapa ao pedagógico. Há no compartilhamento da história a possibilidade de nos reconhecermos enquanto humanos e por isso lutar de forma solidária frente aos infortúnios da existência: “O romance não é significativo por descrever pedagogicamente um destino alheio, mas porque esse destino alheio, graças à chama que o consome, pode dar-nos o calor que não podemos encontrar em nosso próprio destino. O que seduz o leitor no romance é a esperança de aquecer sua vida gelada com a morte descrita no livro” (ibidem, 1994, p. 214).

Dunker (2015) fala do mal-estar enquanto uma angústia cuja percepção é deficitária, uma forma de desconforto vago e perturbador, sem causa imediatamente identificável e que se dirige ao estar no mundo. O autor estuda exaustivamente o termo empregado por Freud e nos traz a ideia de que o mal-estar diz do mal de sermos lançados num mundo “sem clareira”. Se nesse percurso encontramos-nos em lugares muito protegidos e limitados pela lei, ganhamos perdendo, já que abrimos mão da

intensidade que as experiências inesperadas podem trazer, de suas aventuras, sabores e descobertas; se, por outro lado, encontramos-nos em lugares cujos desejos emergem de forma imprevisível e criativa, perdemos ganhando, mas nesse caso o que se perde é a oportunidade de nos resguardar de riscos danosos ou fatais. Entre proteção e risco, ficamos quase sem lugar para estar, restando-nos, muitas vezes, estar mal. Oscilamos entre a perda da experiência se nos demitimos do risco; e, também da experiência da perda se com ele nos deparamos.

E, desse lugar, pensa-se o primeiro motor da ruptura neste artigo. Seguem-se as palavras dos *Coaches*, mostrando o quanto eles mesmos parecem não estar bem no lugar em que se colocam. Já que mal estão, ficam entre uma coisa e outra, expressando sua vacilação quando tentam localizar suas práticas.

O Sujeito 1, por exemplo, fala de *tormento* intenso que o impulsiona a buscar na *Astrologia* um *lugar* possível no início de sua história:

Por *questões pessoais* minhas, eu sempre fui um cara muito *atormetado emocionalmente*, nunca fui uma pessoa, é... Cujas visões do mundo *emocional* fosse simplista ou singela, sempre foram *questões* pra mim de ordem *mais dramática*, de qualidade *mais intensa* e, portanto, tinha uma busca *pessoal* associada a tudo isso e vou chamar, assim, a um *tormento* pessoal associado a tudo isso e também me levava a ter curiosidade e tudo mais e um desejo, por exemplo, de coisas que a *Astrologia* não fazia de compreensões e de profundidade que a *Astrologia* não trazia... (Sujeito 1)

E o Sujeito 1 passa da *Astrologia* para a *Psicologia*. No entanto, nessa busca de encontrar um *lugar*, o *mundo organizacional* surge como caminho e exige renúncia do desejado *mundo clínico*: “Nunca me passou pela cabeça trabalhar com RH quando tava me decidindo com a Psicologia, então tinha uma *ruptura* anunciada muito grande, associada de sair de um *mundo organizacional*, ir pro *mundo clínico* só que como os caminhos não são tão simples”.

Diante de uma *realidade cindida*, o *Coaching* surge como espaço intermediário entre o desejo de ser clínico que se mostrava distante do vivido e a oportunidade mais próxima de uma atuação organizacional: “Já tinha incômodos nessa época, eu queria atender pessoas mesmo, então num enquadre *clínico* que eu entendia, que tava muito *cindido* da minha realidade, do meu dia a dia. Eu tinha nessa época vontade de abrir uma *clínica*, um consultório e atender clinicamente, que eu achava o tipo de sintonia que eu tava não combinava tanto com isso. Aí surgiu a possibilidade do *Coaching*”.

Já o Sujeito 2 transforma-se em *Coach* após viver uma experiência *bem traumática* que o fez sair do banco em que trabalhava. A intensidade do mal-estar de

não se encontrar de acordo com o perfil desejado, fez com que ele falasse pela primeira vez que queria se valer dos seus *direitos* e ir *embora*. “Eu falei pela *primeira* vez: “Vou usar meu contato!”, a única que eu mereço, minha única exigência foi ser *mandado embora* com meus *direitos*. Foi bem *traumático* para mim, foi bem *forte*, aí que tomei uma decisão que *isso poderia ser fonte de trabalho*, mas não tava muito claro”.

O mal-estar da falta de um lugar minimamente aprazível transforma-se em sofrimento quando começa a ser nomeado e compartilhado, podendo, portanto, ser um fator de transformação (Dunker, 2015). O sofrimento será entendido como uma narrativa que clama por um fragmento de liberdade perdido e que: muda de acordo com o momento histórico; clama pelo reconhecimento de uma situação que impede ou obriga o sujeito a fazer algo, limitando, portanto, sua liberdade.

Somos capazes de sofrer com o sofrimento do outro, legitimando-o em nós mesmos. Dar ou não visibilidade ao sofrimento torna-se uma questão política, pois envolve dar relevo àquilo que determinada sociedade pretende transformar, tornando-o compartilhado, universal, um pedaço que precisa ser reinventado.

Resta perguntar: como se daria esse resgate do fragmento liberdade, do ponto de vista daquele que sofre? Geralmente estamos sujeitos a uma série de experiências improdutivas de determinação: mais metas, mais responsabilidade, mais competência. Segundo Dunker (2015), pode-se afirmar que sofremos por estabelecermos uma relação direta entre felicidade e identidade. Em outras palavras, fixamos aquilo que devemos ter para sermos felizes. Se isso vira algo padronizado, tido como ideal de funcionalidade, acaba por nos aprisionar.

No contexto desta exposição, poder-se-ia afirmar que o sujeito busca, no *Coaching*, o estabelecimento de traços identificatórios com ações sucessivas de planejamento, desenvolvimento, controle e avaliação. Supomos que se formos competentes e nos mantivermos como objeto de desejo das organizações, a plenitude será alcançada. No entanto, o *Coachee* não é tão plástico, submisso e flexível a qualquer exigência, como as teorias de gerenciamento supõem. Conforme afirma o Sujeito 1, a posição de *subserviência*, quando excessiva, deixa o sujeito desejante *fodido*. No entanto, ele é capaz de perceber e elaborar uma estratégia de resistência. A *subserviência* pode ser dita dessa forma: “Tudo bem. Eu tô fudido, eu tô aqui para você me ajudar a ser mais plástica, mais contida, mais vegetal que eu já sou” (Sujeito 1).

E estando *fodido*, para assegurar a *sobrevivência*, o trabalhador deve se defender de ficar ainda mais *fodido*, pois se assim continuar, paradoxalmente, pode acabar morrendo enquanto subjetividade. Pergunta-se se algum trabalhador recusaria explicitamente a recomendação para se submeter ao processo de *Coaching* como plano de desenvolvimento de competências estipulado pela área de Recursos Humanos. Muito pouco provável, pois num espaço administrado, o trabalhador seria considerado desmotivado, descomprometido e poderia perder o emprego.

No entanto, é possível resistir de forma velada, implícita, pela via do *cinismo*. Ele se submete aos planos de desenvolvimento do ponto de vista *comportamental* mais evidente, mas se rebela disfarçadamente por meio de pequenos atos disruptivos menos observáveis no cotidiano. Resta, assim, o *cinismo*, que na cadeia associativa do Sujeito 1, articula-se ao significante *sobrevivência*, expressando assim a possibilidade de resistência da subjetividade em relação às práticas adaptativas: “Enquanto ela tava me vendo a serviço de uma *adequação comportamental*, havia um *cinismo* muito grande e, ao mesmo tempo, o que é muito importante e repetitivo é uma *subserviência*, quer dizer, é um *cinismo* e vinculado com *subserviência*. O *cinismo* é a *sobrevivência* do eu, o cinismo representa o eu que ainda preserva *vivo* apesar de toda *subserviência*, só que a camada externa é a *subserviência*” (Sujeito 1).

O Sujeito 1 adverte que o *Coaching* pode constituir uma prática encarceradora se resumida à *aprendizagem de técnicas de comportamento* aceitáveis para atuação no *teatro organizacional*: “As pessoas acham que elas são *condenadas ao teatro organizacional* e que quando elas chegam ao trabalho de *Coaching*, muitas delas acham que elas estão ali para aprender *técnicas de comportamento* para se *adaptarem ao teatro organizacional* e uma das coisas que já fiz assim e às vezes *solenemente* é destruir esse, essa ideia”.

Quando o mal-estar se converte em sofrimento narrado, este dispositivo pode, contraditoriamente, levar a resultados que vão contra ele próprio. Por ser tão doloroso, o sujeito pode, no centro da engrenagem, encontrar uma contramola que resiste à sujeição obscena que reduz seu desejo a uma *bosta*, ao *vazio*. Na entrevista com o Sujeito 1 surgem palavras “feias” que tangenciam o real, palavras essas tão comumente suprimidas e recalçadas nas organizações. A obscenidade dos “palavrões” escandaliza e fere a estética das palavras bonitas e positivas que costumeiramente são ditas no cenário organizacional. As palavras marcadas pela tonalidade excessiva, ou seja, pelos palavrões, fazem emergir nesta passagem

elementos de deformação dos ideais organizacionais: “É uma *bosta*, um *artifício do artifício* ou é a *falsidade* colocada, não é? Quer dizer o jogo do, do, do comportamento que não leva a *lugar nenhum*, do *vazio* humano... Então pra mim a única coisa que faz sentido é você *recuperar* a, o, a *carga dramática* do papel que aquela pessoa tem dentro da organização” (Sujeito 1).

O comportamento produzido para o olhar do Outro pode conter, do ponto de vista não observável, algumas estratégias de escape. Assumindo posição ativa, em alguns momentos, o sujeito se vê capaz de desmontar a identificação com *comportamento plástico*. E o Sujeito 1 trouxe uma questão fundamental para o tratamento do trabalhador: *Qual o seu papel dentro da organização?*

Para além de estar restritamente agindo para o outro, que apenas leva ao *vazio*, à *falsidade* e ao *artifício*, o Sujeito 1 relata a importância da recuperação da *carga dramática* dos *gerentes* que ele atende como forma de saída. Há no trecho abaixo a preocupação com o resgate do *valor* do gerente no aspecto qualitativo, da sua *importância*, do seu *papel* na vida dos trabalhadores que compõem sua equipe:

*Obscena, é artificialidade obscena, obscena. É exatamente você estar agindo para o outro e não mais a partir de um eixo, de um papel que este sim tem um sentido dramático inclusive, o papel do gerente tem sentido dramático profundo e é bonito esse papel independentemente do que tá acontecendo...O papel do gerente é relevante... O papel do gerente é formativo também para a equipe que representa uma continuidade de modelo de autoridade, de aprendizado, o papel do gerente tem carga dramática bonita e humana aí colocada, ou não...*

Uma *Coachee* atendida pelo Sujeito 1 se tornou *diplomática* e atingiu a meta organizacional. No entanto, pode-se apreender ao longo desse processo elementos disruptivos e contraditórios. Se eles de fato trouxeram algum impacto mais significativo na vida da *Coachee*, somente entrevistas que se dessem em longo prazo poderiam mostrar. Nesta investigação, pode-se apenas levantar algumas contradições no processo e que podem abrir de forma lenta e silenciosa pequenas mudanças, tanto na *Coachee* quanto no *Coach*. Primeiramente vem a postura desafiadora da *Coachee* em relação a uma possível aula de comportamento exemplar: “Eu tô aqui pra você fazer eu ser mais boazinha. Você vai conseguir fazer eu ser mais *boazinha?*”. O Sujeito 1 se deu conta de que o *mau humor* de sua *Coachee* era a única coisa que lhe restava de subjetividade, de resistência aos imperativos produtivistas: “E ela veio aqui pra *capitular de uma vez*, para *acabar* com o *mau humor* dela que era a *única* manifestação da *subjetividade* que tinha ali e ela queria que eu fosse *cúmplice* dela...”.

E pelo humor, o Sujeito 1 trabalha sua posição *subalterna*:

Quando eu *desmonto* isso, essa relação e eu falo assim: “A relação não é essa, eu não tô aqui para isso”, estabelece aí relação com a parte *cínica*, aí tem *humor*, tem relação com a *diversão* ao: “Quer dizer então que não é isso?”. Então o sujeito volta a ser o sujeito, deixa de ser *subserviente*, deixa de ser aquele que tá ali como um *escravo comportamental* e passa a ter um lugar de novo na subjetividade... Quando a atividade começa já a aparecer, aí começa a aparecer as coisas... E o que foi aparecendo dessa mulher, foi espetacular, a primeira coisa que apareceu em letras garrafais é que ela se colocava numa posição completamente *subalterna* perante tudo e todos (Sujeito 1)

O elemento disruptivo e que parece remeter à ordem do inconsciente é a *diversão*, o riso, o chiste que surge ao falar da relação dela com autoridade. O bom *humor* brinca com o *mau humor*, sendo essa última metáfora de sua submissão.

Você tem que *falar 'não'*, mas como quem tem poder na situação de *dizer 'não'* e não como quem tá *acuado* ou tá *dizendo 'não'* no desespero porque se for desespero seu *'não'* vai sair forte, estridente, *mal-humorado* e *agressivo*, seu *'não'* tem que ser solene, tranquilo, você tem que dizer: *'Não, querido, eu não vou fazer porque isso é contra as normas, mas vamos lá, eu vou te ajudar, como que eu posso te ajudar?'*. Então, eu, eu faço essas falas para a pessoa que vem. É *divertido* porque a pessoa fica muitas vezes dando *risada*.

Quando se brinca com a *adequação do comportamento*, ela deixa de ser tão séria. Ao colocar a importância da criação de uma narrativa que fale da dor de ser *subserviente*, de ser *subalterno*, ou nas palavras da *Coachee*, do imperativo de se tornar “*boazinha*”, trabalha-se para que surja um *bicho* capaz de lutar por *outra base de relacionamento*.

Essa mulher, portanto, quando a gente *brincou*, quando a gente *brincou* com isso, né, com essa *adequação do comportamento* onde deixei muito claro para ela, mas ao contrário, que absolutamente ao contrário, que eu tava aqui para ajudá-la a ser muito *pior* do que era, e foi *mais ou menos* o que disse para ela, mas não foi nessas palavras, mas foi nessa direção, que eu tava aqui pra despertar o *bicho* que mora dentro dela e não pra *ensiná-la* a ser *boazinha* e aí a gente começou a estabelecer uma outra base de relacionamento.

O significativo *boazinha* parecia remeter a uma pessoa que *não diz não*. Pelas construções do Sujeito 1, a *Coachee* não passava de uma *falsa brava* que só ficava aguentando as *cagadas* dos demais. Seu único recurso era o *mau humor* no início do processo. Com o decorrer das sessões, o Sujeito 1 “*pôs*” a palavra “*não*” na boca de sua *Coachee* e a ensinou a pôr limites nos demais colegas, de forma diplomática. Ter *diplomacia* corresponde a dizer “*não*” *solenemente*, com educação, como alguém que usufrui de certo poder de forma estável e não precisa lutar para afirmá-lo: “Então

começou a ocupar lugar a *agressividade* e, para encurtar a história, junto com a *agressividade* veio a diplomacia. Essa mulher começou rapidamente, a podendo *dizer* “*não*”, ser extremamente diplomática”.

Há quem possa contestar dizendo que esteve nessa cena uma forma de manipulação psicológica muito mais sutil e perigosa do que o método estruturado de planejamento e ação controlada. Diante desse argumento há um elemento de refutação: o chiste. A piada mexe com algo da rebeldia, algo da ordem do real e sobre o qual não há mais controle. O próprio Sujeito 1, ao se lembrar do caso na entrevista, ria e manifestava algo fora da lógica administrada em transferência com o pesquisador.

Outro aspecto importante que vem a corroborar com o argumento de que há um trabalho na esfera do real é a emergência da *vergonha*. O Sujeito 1 afirma: “O que eu falei para essa mulher do chefe dela que você ficaria... Ficaria com *vergonha*... Como você deixou cara *pelado* aqui dentro... Cara pelado”. A vergonha é indicativa da divisão do sujeito. O constrangimento provocado por ela nos fala que se algo for exposto, a imagem poderá ser inevitavelmente arranhada, deformada. Antecipa-se o julgamento de ser pego *pelado*, descoberto pelo outro.

Na livre associação do Sujeito 1, surgem significantes *obscenos* e que seriam inadmissíveis para o contexto administrado. Emerge o discurso que destitui a boa imagem do patrão, o seu poder: “Ele é um *bunda mole, bunda mole*, você não percebe é que ele é um *bunda mole*, que ele é um *covarde*?” E a *Coachee* responde: “É verdade, ele é mesmo.”

O Sujeito 1 desmascara o chefe da sua *Coachee* de tal forma que ela possa também criar *coragem* para fazê-lo. Busca-se o contraponto. Quebra-se o espelho. Busca-se qualificar o que antes provocava medo de ser dito: a *estupidez*. Quem antes era *corajoso* passa a ser *covarde* e quem antes era *covarde* passa a ser *corajoso*. Propõe-se um esvaziamento das figuras de autoridade para que a *Coachee* consiga se posicionar com elas sendo também uma autoridade. Oscilam significantes como *covardia* e *coragem*: “Mas eu boto *coragem* na pessoa para *qualificar as estupidez*, as *estupidezes* que existem nas organizações e quando ela começa a *nomear, a qualificar, enxergar*, ela começa a *lidar* e aí a *estupidez* deixa de ser *tão estúpida*, a *covardia* do *chefe* deixa de ser *tão covarde* porque a própria pessoa *consegue* fazer o *contraponto*, consegue não deixar o cara abandonado na *covardia* dele”.

Também caberia aqui o argumento de que o Sujeito 1 serviu como um espelho de coragem segundo o qual a *Coachee* deveria se mirar e se modelar, forjando uma subjetividade que ali não existia. Isso é possível. No entanto, o elemento da vergonha e a *obscenidade* das suas palavras também podem provocar algo da ordem do real, fazendo vacilar o que seria o comportamento exemplar na sua pureza imaginária.

O Sujeito 3 também experimenta o constrangimento de se deparar com a obscenidade humana. Na sua formação como *Coach*, ela teve a tarefa de estudar a biografia de uma pessoa tida como notável e compartilhar com os demais *Coaches*. Ao se deparar com a narrativa biográfica da pessoa por ela escolhida, surgem elementos vergonhosos: uma *puta*, uma *artista*, enfim, um ser humano que foi capaz de romper com as amarras sociais, que arranhou a boa imagem, que se *rebelou*: “Ela é mais *rebelde* que eu. Ela foi uma mulher que me intrigou e muito porque era mais rebelde, mas era não... Era muito séria, sabe? Ela vivia o prazer é... Ela não se achava... Ela... E ela me intrigava. E surge a pergunta: Por que eu a escolhi? Será que eu me pareço com esse ser humano?”

Na sua formação de *Coaching*, o Sujeito 3 buscou a *arte* para enriquecer a *técnica*. E na escolha da biografia encontrou uma *artista*. O significante se desloca: da *Arte* para a *artista*. A história do outro tem algo de deformador e libertador e parece revelar algo de si mesmo: “E tinha o lado da *artista* que também era legal, também tinha o lado *puta* que me incomodava quando eu me colocava nessa história... Então esse lugar, você lidar com isso, com aquela singularidade dessa mulher e com todas as barras que viveu para ser quem ela era”.

De fato, há de se ter cuidado com a noção de indeterminação no contexto das organizações, pois no próprio conceito de competência há um espaço de indeterminação que suporia certa liberdade para o sujeito ser proativo e dar respostas inesperadas de acordo com seus conhecimentos, habilidades e atitudes. No entanto, quando se é obrigado a agir de forma proativa e inesperada, está-se antes de tudo, determinado. No conceito de competência, a indeterminação vira determinação (ZARIFIAN, 2003).

E não é disso que se está falando aqui, momento em que se evoca a experiência produtiva de indeterminação citada por Dunker (2015). Por experiência produtiva de indeterminação pode-se entender como habitar o espaço do não sentido, da ação espontânea e inesperada diante do outro. Muitas vezes, essa experiência advém de um episódio em que a negação do próprio desejo ficou muito evidente, tornando-se a

ação de resgate da subjetividade uma emergência. Tal vivência de negação extrema de si, paradoxalmente, pode, em alguns casos, criar condições de superação e de invenção.

Nas práticas de coaching, apresentam-se as competências desejáveis: a *agilidade*, a *agressividade* e a *flexibilidade* diante da *pressão*! No entanto, se o sujeito não disser *não* aos desejos de seu déspota, ele desaparece. Ele precisa dizer *não* em alguns momentos para se recuperar da exaustão provocada pelas demandas ininterruptas de seu mestre. Assim, ele deve ser *flexível* e parar de *não dizer não*. Para que o *Coachee* sobreviva nesse mundo em que não há limites na possibilidade de ser competente, ele precisa ser *flexível* inclusive nisso. Eis o paradoxo. Ele precisa *dizer não* ao ideal que lhe ordena para continuar a ser ordenado! Assim, ser *flexível*, ou seja, atender ao ideal moderno, o que envolve dizer *sim* e, em alguns momentos, *dizer não* a ele.

Isso será um operador essencial nos processos de flexibilização das subjetividades nos processos de *Coaching*, para que a formação não se perca na deformação, na exaustão e na impotência, pois se só houver *sim*, o sujeito vira puro objeto de desejo das organizações e se esvai na demanda delas. O sujeito que só diz *sim* às demandas, embora possa parecer o perfil ideal, não se sustenta em médio prazo, pois pode apresentar graves sintomas, adoecer e virar dejetos para a produção.

Assim coloca o Sujeito 3: “ele tava se sentindo tão oprimido, né, é ele, ele não tava ele não tava conseguindo *dizer ‘não’* pras demandas que tavam vindo pra ele. A partir dessas conversas ele se empoderou um pouco mais e começou *a dizer não*”. Mas esse *não* é enigmático. Ele concentra em si condensação de flexibilização e rebeldia. Há possibilidades de deformação no processo de formação.

O sofrimento, enquanto narrativa que aspira a liberdade, traz à tona a possibilidade de *dizer não* às demandas organizacionais como forma de luta. E isso pode trazer efeitos indesejados para o processo. Ao se deparar com a possibilidade de *dizer não* para sobreviver, talvez o trabalhador-*Coachee* deseje mais que sobreviva (de)formadora, talvez deseje vida (indeterminada). Será que “ser rápido, *agressivo*, *flexível*” são as características que absolutamente todos de fato gostariam de ter? Levante-se como questão se poderia sair da experiência de *dizer não*, um lento, assertivo, e rígido processo de pequenas rupturas pela via do sofrimento.

Se o sujeito se conforma à imagem grandiosa de um trabalhador com alto poder de venda proposto pela formação ideal, ele sai da categoria de produto indesejável,

mas corre o risco de desaparecer como produtor desejante. Em outras palavras, sai da condição de dejetivo, vira objeto, mas não surge como sujeito. Ele se conforma ao que a organização quer dele e consegue garantir sua sobrevivência pela venda de sua força de trabalho. Mas para além disso, como fica o seu desejo?

Indo também na direção de que a liberdade pode se dar no sofrimento da negação de si mesmo, Eagleton (1997) coloca que o estudo das possibilidades de emancipação envolve inevitavelmente lidar com seu avesso, ou seja, com o amor, com a identificação aos ideais que nos escravizam, com a sedução exercida por pseudogratificações. Assim, “qualquer forma de liberação política envolve, portanto, a mais difícil forma de todas as formas de libertação: o libertar-se de nós mesmos” (ibidem, p. 13).

Em alguns momentos, o avesso do amor pode provocar mudanças, pois o escravo, quando ama seu senhor, não consegue largá-lo. A *falta de reconhecimento* pode provocar rupturas se tal experiência for elaborada em narrativas futuras que permitam ao sujeito lidar com tal falta. Fala o Sujeito 2 sobre a experiência *traumática* que o levou a sair do banco: “Falta total de *reconhecimento*, o trabalho em si que eu executava era operacional demais, repetitivo demais, é... E nenhum *acolhimento* também da *gestão*, muito pelo contrário”.

Faltou *reconhecimento* e *acolhimento*. Sobrou trabalho *operacional* e *repetitivo*. Foi *demais*. Diante dessa experiência quantitativamente excessiva, o sujeito encontra condições de negar aquilo que lhe é *contrário*. Antes de ir *embora*, chega o momento de *lavar a roupa suja* com o patrão e trazer à tona uma *revelação*. O aspecto interessante do fragmento abaixo é que estar *fora do perfil* foi *libertador*, embora *doloroso*:

A gente conversou muitos episódios, foi uma lavagem de *roupa suja*, respeitosa, mas o que, ao mesmo tempo *libertadora* pra mim. Foi muito *doloroso* saber que ele me revelou que uma das etapas do processo seletivo na época, aliás, a última, foi uma entrevista ou uma atividade com psicólogas, né, e, ele me *revelou*, ele falou: “Você lembra que você passou por duas psicólogas? Você passou uma tarde com elas.” “Lembro” “Psicologicamente você foi *reprovado para esse cargo*. Você *não tem perfil*...”. (Sujeito 2)

Se há uma “lógica” na submissão pelas relações amorosas e idealistas, com base nos benefícios ilusórios obtidos, há também, contraditoriamente, outra lógica que pode se viabilizar na revolta, quando se adquirem condições de ir além, quando o sofrimento ultrapassa os limites e pode levar à extinção da vida. A crítica da ideologia

somente traz ressonância quando atinge a possibilidade da invenção de sentido, de resgate do sofrimento do sujeito enganado.

O Sujeito 2 prefere a Administração à Psicologia na sua prática: “porque o *Coaching* tem essa abordagem de trabalhar *rápido* e talvez essa abordagem de *análise* não tenha...” Volta-se para o *Coaching* com enfoque administrativo por tratar do lado saudável das pessoas e ser mais *rápido* e assertivo. E prefere deixar o lado *doente* para o enfoque psicológico que seria mais *lento* e contemplativo. Surge então um *Coachee* com histórico de *depressão*. Era o publicitário sonhador que não suportava a pressão de trabalhar cada vez mais rápido, deixando de lado a sua qualidade criativa. Nesse momento, o Sujeito 2 se preocupa. Questiona se deve de fato convocar esse *Coachee* a ser ainda mais eficaz, pois o lado *depressivo* pode piorar. Ele intui que seus sintomas *depressivos* constituem um limite aos imperativos administrativos e às vezes é melhor manter a terapia que o lentifica e acalma do que só passar pelo *Coaching* que acelera: “De repente ele larga e tem uma *crise*, eu não sei quê, né, sei lá, eu achei irresponsável, então eu fiquei contente de ter acalmado”. Há ali um sofrimento intenso diante da demanda de aceleração. Nesse sentido, o Sujeito 2 coloca que apesar de a Psicologia ser *lenta* em termos de resultado, é mais indicada para o sujeito que se encontra em estado-limite: “Até porque ele teve um quadro de *depressão* que eu encaro como uma *doença* que o *Coaching* já não curaria.”

A prática emancipatória também pode se dar simplesmente pela resistência do lado não adaptável, da propensão à incivildade e à tolice. “Em certo sentido, essa contradição performativa é a causa do desânimo; nas circunstâncias adequadas, porém, trata-se de uma contradição que pode levar a ordem dominante à ruína” (EAGLETON, 1997, p. 14).

Os gestores têm que se haver com as *cagadas* dos outros que não conseguem assimilar completamente aquilo que lhes é (de)mandado. E eles mesmos não dão conta de fazer o trabalho completamente, digerindo tudo o que tiveram que engolir. Sobram restos, tantos dos outros quanto dos próprios gestores. O *Coaching*, muitas vezes, pode estar a serviço de reciclar as sobras de sujeito que ainda “(r)esistem” ali, dadas pela contradição performativa, pelo desânimo, pelo *mau humor*. Mas nem sempre os *Coaches* se colocam como cúmplices dessa reciclagem dos *Coachees*. Fala o Sujeito 1 da importância de manter essa sobra de *subjetividade* que há em

todos os trabalhadores-*Coachees*, que insistem em desobedecer ao “patrão” produtivo.

Seja pelo caminho da Psicologia Social ao pensar a metamorfose ou pela Psicanálise ao apostar na destituição subjetiva presente na experiência de indeterminação, aposta-se num sujeito capaz de criar. Bertrand (1989) vai em direção a Althusser e aponta a importância da crença e sua dimensão imaginária na submissão à ideologia. No entanto, a sua diferença é acrescentar o lado transformador da ilusão e do desejo. O saber e o conhecimento sempre estarão atrelados à imaginação que impulsiona sua busca. O conhecimento não controla a imaginação, ainda mais quando o seu motor é o desejo de ser unificado.

Se o *Coaching* ficasse puramente gestionário, objetivo e mensurável, ele acabaria por perder sua força, seu apelo subjetivo. Num ciclo de planejamento, desenvolvimento, controle e avaliação, há que se planejar algo que não existe. Ao recrutar a força da imaginação, há possibilidade de surgirem forças e imagens que vão na direção contrária daquilo que se propunha: realizar a meta prevista. Algo é suscetível de transbordamento e transcendência.

Resta a pergunta: por que muitas representações sobreviveram por séculos, mesmo não trazendo nenhuma solução social material emancipatória, a exemplo do cristianismo? Certamente manteve-se vivo pela sua eficácia efetiva e não por resolver dificuldades reais, mas por aplacar a angústia, dando sentido e esperança. Assim: “As representações, para serem socialmente eficientes, devem ser subjetivamente eficientes” (BERTRAND, 1989).

A força da ilusão tem como base o desejo no qual o sujeito busca narcisicamente se reconciliar com o todo. Ora, o desejo visa ir além de qualquer realização, transbordando no seu oposto, ou seja, no excesso. Ele é ilimitado e, para além de realizações consumadas, busca sempre novas conquistas.

Assim, o Sujeito 3 constrói sua utopia marcada por uma dualidade: a formação do trabalhador para a produção, ao encaixá-lo em *fases esquemáticas da vida adulta*, e a deformação, ao buscar um *propósito* para a vida que coloque o *ritmo* e a *agenda* que marcam essa existência em questão, à procura do *antropo*, do *humano*. A ideologia aí se concretiza na sujeição da individualidade e, num movimento contrário, na individualização da subjetividade. O indivíduo vem a negar o sujeito. O sujeito negado vem, por sua vez, a negar o indivíduo. Eis a dialética em ação.

Nesse contexto, é importante resgatar o conceito de idealização: trata-se de uma adesão a um grande projeto que excede sua existência particular e limitada, guiado por uma imagem engrandecida, que vai além da satisfação de reivindicações. Ela fornece não só benefício material, mas o valor de signo que antecipa a realização dessa promessa, de forma ampla e intensa. Assim, os ideais sociais, quando mediados pelo valor narcisista, se alteram. O sujeito, ao fazer uma obra, espelha-se nela e se autotransforma, agindo igualmente sobre si mesmo. Em Marx isso aparece em significantes como *entusiasmo*, *cabeça* e *coração*: “Na ação histórica, não há apenas um aspecto funcional, instrumental, mas também estético; há lugar, em Marx – inclusive nos escritos da maturidade – para uma estética da ação histórica. Ora, toda ação estética tem um efeito subjetivo”. (BERTRAND, 1989, p. 25)

A ilusão pode ser bem ou malsucedida no sentido de levar os homens a agir e mudar. A determinação dessa diferença se dará pelos fatores que fundamentam o desconhecimento: se ele é universal leva às tragédias; se ele se baseia num mito operante, fornece-se nos modelos de apropriação do mundo real, visualizando nele aquilo que não existe, mas poderá existir.

Pela fala do Sujeito 1, a idealização da *saúde* aparece como o contrário da produtividade desmedida e que tornaria qualquer contribuição uma abstração perdida no meio de tantas outras. Envolve *respeito* pela própria produção, *valorização* das metas já realizadas, além de barrar a perspectiva de ficar à mercê como um *fantoche*. Do *fantoche*, objeto de desejo do outro que o manipula, tem-se uma reviravolta traduzida por certa resistência ao controle. Afirma o pesquisador com base nos fragmentos da entrevista: “*Respeito* é não ficar à mercê do outro como um *fantoche*...” Aí surge a noção de *saúde* neste relato: num *fantoche* disfuncional que, por ser disfuncional, recupera seu *valor*, o *valor* de *desejar*. O pesquisador coloca como enigma o que seria esse ideal de *saúde* e começa a construí-lo: “Talvez a questão da *saúde* está no quanto o sujeito faz fazer *valer* o desejo dele. O desejo e o, o quanto cada sentimento de *valor* existe dentro dele ou não e no quanto ele se *valoriza* enquanto profissional”.

Fala o Sujeito 1 em resposta a uma interpretação do pesquisador a *respeito* da *saúde*: “Ela entra com a coragem que falta e ele reage e as coisas começam a melhorar, então tem uma coisa que é quando a pessoa consegue colocar de maneira mais *saudável* no ambiente, o ambiente fica mais *saudável*”. E, portanto, *saúde* envolve *coragem* de não ser apenas um reflexo do que se espera: “*Saudável*, por

exemplo, no caso dela é se colocar de forma mais inteira, então tinha um lado dela completamente suprimido e que era o lado da decisão, da *agressividade*, da do se colocar, do se *respeitar*, né, então uma pessoa que não se *respeita*, que não se dá ao *respeito*, que não se faz *respeitar* é uma pessoa que tá com funcionamento muito precário.

Por isso, respeitar envolve considerar o desejo do sujeito e não simplesmente impor-lhe um querer padronizado: “Desde quando o que o cara *quer* é o que cara *quer*? Vamos lá! O *desejo* é o que ele professa como *desejo*? É esse o *desejo* do sujeito? Ou isso é exatamente a defesa do sujeito contra o próprio *desejo*?”. E requer uma escuta que vá além do explícito, do imediato: “Então você pega a fala explícita do cara e você acha que é tudo o que ele é. Isso é uma *estupidez* profunda, né? Isso para mim é uma *degradação* da abordagem do sujeito. Isso é um *desrespeito* a esse sujeito” (Sujeito 1).

O sujeito é marcado por modelos identificatórios que lhe possibilitam conceber uma imagem totalizante de si e de sua história. Essa autoconsciência, mesmo que imaginária, produz efeitos e condiciona atos vindouros. Para que de fato as mudanças vindas dessa ilusão sejam efetivas, cabe ir além dessa primeira elaboração *explícita*, desses primeiros e embrionários sinais de ruptura, buscando fontes ignoradas dessa representação. Há que incluir esses vestígios do Real na ordem simbólica.

O *valor* de um saber disruptivo apoia-se em alguns elementos da dimensão cognitiva que, por meio dela, traz a apropriação e aceleração de sua emancipação, embora isso nunca se dê puramente e, em contraponto, seja sempre recolocada a questão do imaginário que pode impulsioná-lo ou inibi-lo.

Há que resgatar algo que rege as práticas sociais e que fora instaurado sem a intervenção consciente dos homens. Nosso acesso a Isso se dá unicamente por meio de derivados acessíveis por meio do simbólico e concretizados nos costumes, na produção e na política. Trata-se de uma ordem externa e arbitrária que tivemos que adotar, sem que tivéssemos como predeterminá-las. Elas já existiam. E para atingir essa dimensão por meio da ordem simbólica, cabe-nos um trabalho constante de desvelamento das ilusões imaginárias que fixam identidades e nos impedem de ver movimentos e contradições dos seus efeitos nas instituições. Muitas vezes, tal cegueira epistemológica vem de uma concepção de que aquela prática é puramente emancipatória ou puramente conservadora. A ideologia se concretiza em ambas e

pode se valer de palavras revolucionárias para manter a prática ou palavras conservadoras para mudá-la (ŽIŽEK, 1996).

Nessa busca por vestígios deixados pelo real nos enlaçamentos com a ordem simbólica e a imaginária vão-se tateando as falas e atos. Na fala do Sujeito 1 o chiste se produz no momento da entrevista e o leva a baixar as barreiras do material censurado da sua relação com a *Coachee*. O pesquisador também ri. O ato da risada remete à possibilidade absurda de dizer não a esse Outro que nos submetia a uma condição de tudo ter que atender.

A prática do Sujeito 3, por exemplo, é a mais sincrética: mistura fragmentos da *Antroposofia*, da *Arte* e da *Administração*. Mas tem algo que se presentifica nessa aparente dispersão: a sua preocupação com o *ritmo*. Em tempos de aceleração sem precedentes, faz-se necessário refletir sobre como esse significante foi decisivo tanto para a sua formação como *Coach* quanto para o seu desligamento da organização de formação em *Coaching* que havia fundado. A diminuição do *ritmo* num trabalho de relacionamento interpessoal vivido pelo Sujeito 3 na consultoria em que trabalhava, despertou-o para o trabalho de *Coaching*. Por outro lado, uma intensificação do *ritmo*, aliada a condições materiais inadequadas, a fizeram deixar a organização que havia fundado, promovendo aí um ato de ruptura. O pesquisador fez dois recortes da entrevista. Em um deles, o Sujeito 3 problematiza a liberdade e fala que às vezes a solução é se *demitir, ir embora* da organização. Muito mais à frente ela admite ter deixado a instituição que fundara, pelo *ritmo* desumano: “O que naquele momento ali, quais são as escolhas que você tem que fazer, às vezes você tem que entrar em confronto mesmo, às vezes você tem que *ir embora, pedir demissão*, ok, e isso vai contribuir pra sua história e para a história daquela instituição e de todo mundo que tá em volta ali com essa hipótese”.

Haveria o seguinte aspecto a considerar nos processos de ruptura: o acesso ao conhecimento traz ambiguidades e possibilita ação transformadora por parte dos intelectuais (Eagleton, 1997). Na fala do Sujeito 1, aparece a complexidade do conhecimento *psicológico* que coloca em xeque a atuação administrativa instrumentalizada:

Um conhecimento de liderança, de conceito, do caralho e de *Psicologia* também, não é *psicanalítica*, mais *fenomenológica*, mais profunda, sensível... E ela pegava nossas discussões, ia sistematizando, tornando aquilo mais palpável e eu ia gostando menos do que ia produzindo porque tinha um viés muito *organizacional*, muito *estruturadinho*, até que chegou uma *hora* que eu disse assim: “*Não é nada disso que eu quero fazer! Tá tudo errado!*”.

Diante de tantas brechas, há no sujeito certo grau de resistência a ter uma vida desqualificada do ponto de vista subjetivo. O lado *sensível* e *profundo* coloca em xeque o lado *organizacional*, *sistemático* e *estruturadinho*.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Uma das contribuições deste artigo é deformar, desconstruir, desmanchar, desestruturar, enfim, colocar em xeque a ideia de que alguma prática possa ser puramente revolucionária ou conservadora. Para tanto, abordou-se brechas e contradições naquilo que pode parecer como o mais conservador. O raciocínio também serve para o oposto. E, desconstruindo opiniões já formadas, para futuras investigações talvez caiba olhar igualmente com crítica para práticas que se dizem unicamente transformadoras, deformando-as.

As possibilidades de rupturas são várias, tais como o sofrimento, o chiste, a irrupção de pensamentos vergonhosos, os mitos operantes na capacidade de imaginar... Assim, a personalidade enquanto traços cristalizados perde sua essência e é estilhaçada por experiências que trazem atos imprevistos. Surge na pesquisa o sujeito concebido como aquele que age e não só se submete às determinações sociais.

A investigação da prática de *coaching* poderia já trazer uma série de preconceitos, em se tratando de uma perspectiva psicanalítica que vai de encontro com a formação de um ego forte, inflado, administrador de exigências conflitantes. No entanto, o elemento de surpresa, sem o qual não se produz investigação em psicanálise, vem exatamente do caráter disruptivo do inconsciente e que coloca em xeque o eu imaginário onde se espelha os ideais de grandeza. Assim, exatamente numa prática que tem como princípio a produção de um administrador eficaz com base numa imagem totalizante, aparece um resto administrável.

Em um dos casos abordados, teve-se o desligamento pela via do ato e quem embora esteja no discurso do próprio sujeito, ele não se deu conta. Ele se demite, se separa das práticas que na esfera da consciência tanto valoriza. Em outro caso, a ruptura já vem em forma de pensamentos que trazem sofrimentos e divisão e o faz criar alternativas. E, em outro, o fato de estar fora do perfil previsto, uma má performance, um não reconhecimento o faz sair da servidão que os laços amorosos manteriam.

Para o surgimento de atos libertadores, muitas vezes, tem-se o gatilho de situações que ferem o sujeito do ponto de vista narcísico. Sua imagem no espelho é arranhada, dividida, quebrada... Todos eles tiveram em comum a passagem por uma experiência de perda que se tornou um motor subjetivo de mudança.

Não há um lugar privilegiado no espaço social que faça o ser humano se separar de suas determinações, dos ideais que lhe submetem. No entanto, há que se apostar no poder de invenção do sujeito, ponto este que justifica o papel dos psicanalistas na clínica e na pesquisa. O surgimento de experiências de indeterminação, e cuja versão no consultório se daria pela destituição subjetiva, é um dos temas mais importantes a serem explorados em futuros artigos e pesquisas, ficando, neste momento de concluir, o convite para novas produções que abram questões acerca do potencial libertador do sujeito.

## REFERÊNCIAS

- BARATI, G. H. L. Mal-estar e laço social nas organizações empresariais: um estudo de caso. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007.
- BARATI, G. H. L. Impasses e perspectivas do Coaching: a psicanálise e seu avesso na (de) formação do trabalhador. São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, 2015.
- BARATI, G. H. L. Fundamentos para pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais: metodologia e conceitos. Düsseldorf: Novas Edições Acadêmicas, 2017.
- BENJAMIN, W. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BERTRAND, M. O homem clivado: a crença e o imaginário. In: SILVEIRA, P.; DORAY, B. (Eds.). Elementos para uma teoria marxista da subjetividade. São Paulo: Vértice, 1989. p. 15-40.
- CIAMPA, A. D. A estória do Severino e a história da Severina. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- DUNKER, C. I. Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros. São Paulo: Boitempo, 2015.
- EAGLETON, T. Ideologia. São Paulo: Boitempo, 1997.
- ENRIQUEZ, E. A organização em análise. Petrópolis: Vozes, 1997.
- FERREIRA, M. A. Coaching: um estudo exploratório sobre a percepção dos envolvidos. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.
- FREUD, S. O mal-estar na civilização. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- HABERMAS, J. Para a reconstrução do materialismo histórico. São Paulo: Brasiliense, 1976.
- LACAN, J. Livro 17 - O Averso da Psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- LACAN, J. O estádio do espelho como formador do eu. In: ŽIŽEK, S.; LACAN, J.; ALTHUSSER, L. (Orgs.). Um mapa da ideologia. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p. 97-104.
- LASCH, C. A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- MARX, K.; ENGELS, F. A ideologia alemã. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- QUINET, A. As 4+1 condições da análise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.
- SÈVE, L. A personalidade em gestação. In: SILVEIRA, P.; DORAY, B. (Orgs.). Elementos para uma teoria marxista da subjetividade. São Paulo: Vértice, 1989. p. 147-178.
- ZARIFIAN, P. O modelo da competência: trajetória histórica, desafios atuais e propostas. São Paulo: Senac, 2003.
- ŽIŽEK, S. Como Marx inventou o sintoma? In: ŽIŽEK, S.; LACAN, J.; ALTHUSSER, L. (Orgs.). Um mapa da ideologia. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- ŽIŽEK, S.; LACAN, J.; ALTHUSSER, L. Um mapa da ideologia. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

## **BETWEEN SURVIVAL AND SUBSERVIENCE: THE DISMANTLING OF COACHING PRACTICES**

### **ABSTRACT**

This article aims to investigate the contradictions in coaching practices. It is based on the signifiers woven by Coaches in unstructured interviews. It has as reference the theoretical methodological framework of the Lacanian Psychoanalysis. Establishes interlocution with authors of Social Psychology and Social Sciences of a Marxist orientation. There are in the sphere of the real some gaps, cracks, scratches that deform the image and call into question the identifying references of what it is to be successful. Personal and singular aspects arise that trigger deforming processes as well as deidentifications. Malaise and suffering are references to the emergence of the subject and his ruptures. Conservative practices bring contradictions and possibilities of deformation, and dismantling.

**KEYWORDS:** Coaching. Contradiction. Psychoanalysis. Idealization. Suffering.

## **ENTRE SURVIE ET SOUMISSION: LE DÉMANTÈLEMENT DES PRATIQUES DE COACHING**

### **RÉSUMÉ**

Cet article vise à étudier les contradictions dans les pratiques de coaching. Il est basé sur les signifiants tissés par les entraîneurs dans des interviews non structurées. Il a pour référence le cadre méthodologique théorique de la psychanalyse lacanienne. Établit une interlocution avec les auteurs de la psychologie sociale et des sciences sociales d'orientation marxiste. Il y a dans la sphère du réel des lacunes, des fissures, des rayures qui déforment l'image et remettent en question les repères identitaires de ce qu'elle doit réussir. Des aspects personnels et singuliers surgissent qui déclenchent des processus déformants aussi bien que des désidentifications. Malaise et souffrance sont des références à l'émergence du sujet et à ses ruptures. Les pratiques conservatrices apportent des contradictions et des possibilités de déformation et de démantèlement.

**MOTS-CLÉS:** Coaching. Contradiction. Psychanalyse. Idealization. Souffrance.

Recebido em: 16-11-2017

Aprovado em: 02-12-2017

© 2017 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.psicanaliseebarroco.pro.br>

[revista@psicanaliseebarroco.pro.br](mailto:revista@psicanaliseebarroco.pro.br)

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO

Memória, Subjetividade e Criação

[www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php](http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php)

# FREUD, LACAN E A HIPER-REALIDADE NA TRANSMISSÃO DA PSICANÁLISE

*Daniel Migliani Vitorello<sup>1</sup>*

## RESUMO

O objetivo do artigo é abordar alguns paradoxos sobre a transmissão em psicanálise. Uma vez que a transmissão do saber psicanalítico é regulada pela transferência, tratou-se de apontar, em primeiro lugar, que a transferência pode se tornar um instrumento de controle, ou ainda, uma relação de poder transvestida de discurso analítico. Em segundo lugar, na teoria da técnica, buscou-se mostrar, através do ensino de Freud e Lacan, que muitas vezes o que se transmite é da ordem de um ideal, ou ainda, de um simulacro, enquanto que a realidade da prática clínica fica invisível. Assim, foi possível associar a transmissão da técnica em psicanálise com a noção de hiper-realidade de Baudrillard, já que para esse autor, quando se passa a se relacionar mais com o simulacro do que com a realidade, desloca-se assim para uma hiper-realidade que se apresenta mais real que a própria realidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Transmissão da psicanálise. Transferência. Hiper-realidade.

---

<sup>1</sup>Psicanalista. Graduado em Psicologia e Filosofia. Mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Doutor em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo.

## TRANSFERÊNCIA E TRANSMISSÃO

Em meados de 1920, Freud escrevia ao seu futuro biógrafo, Ernest Jones, sobre o reconhecimento da psicanálise como ciência: “Tenho certeza de que, dentro de algumas décadas, meu nome será esquecido, mas que nossas descobertas sobreviverão” (Carta de 12 de janeiro de 1920 a Ernest Jones). Hoje, podemos perguntar se a previsão de Freud não se realizou de forma inversa às suas expectativas, a ponto de Foucault (1970/2010) lembrar que em algum momento seria importante estudar o papel que Freud desempenha no saber psicanalítico que, certamente, difere muito de um Newton na Física, como também do papel que pode desempenhar um autor no campo da filosofia, ainda que seja um Kant que está na origem de um novo paradigma filosófico.

Por que na transmissão da psicanálise se acentua a figura daquele que podemos chamar de transmissor? O famoso “Freud explica” ou “disse Lacan” não deixam de corroborar o questionamento. Quais dispositivos estão em jogo que sustentam essa nuance na transmissão da psicanálise? Quais os efeitos que isso traz, ainda hoje, para o campo psicanalítico?

Seria necessária uma arqueologia para entender o solo do conjunto de sistemas de pensamentos que tornam possível a construção e a perpetuação de alguns dogmas que se cristalizam, sobretudo na técnica psicanalítica, e cuja consequência foi e ainda é a padronização de um estilo de psicanalisar: o analista foi se tornando excessivamente silencioso, sóbrio e asséptico, a ponto de ser possível cunhar a expressão “cara de analista”. É necessária, também, uma genealogia para entender como os discursos se presentificam e atuam concretamente sobre a comunidade analítica.

Enveredar por esta via transbordaria os objetivos e o tamanho de um trabalho como esse, de modo que nos contentaremos em abordar simplesmente alguns paradoxos acerca da transmissão em psicanálise. Trata-se, por um lado, de apontar o que ela pode vir a se tornar em alguns momentos, isto é, uma relação de poder transvestida de discurso analítico, enquanto que, por outro, na teoria da técnica, muitas vezes se transmite o que é da ordem de uma hiper-realidade.

Freud em uma das suas recomendações sobre a posição do analista durante a sua prática, usou a seguinte metáfora:

Ele [o analista] deve voltar seu próprio inconsciente, como um órgão receptor, na direção do inconsciente transmissor do paciente. Deve ajustar-se ao paciente como um receptor telefônico se ajusta ao microfone transmissor. Assim como o receptor transforma de novo em ondas sonoras as oscilações elétricas na linha telefônica, que foram criadas por ondas sonoras, da mesma maneira o inconsciente do médico é capaz, a partir dos derivados do inconsciente que lhe são comunicados, de reconstruir esse inconsciente, que determinou as associações livres do paciente (Freud, 1912b/1996 p. 129).

Dentre outras coisas, um ponto que podemos pinçar a partir daí e considerar quase que unânime dentro da psicanálise é que esta se realiza não através da cena, mas de uma Outra cena que se manifesta ou se transmite de alguma forma. Por sua vez, a transmissão do saber psicanalítico não se faz diferente. Talvez o fundamental não seja o que foi falado ou esteja escrito, mas algo da ordem de um recalque. Algo da dimensão de uma Outra cena. Nesse sentido, não basta simplesmente ler Lacan ou Freud, por exemplo, e não se afastar dos seus ensinamentos para se ter o domínio do saber psicanalítico. Mais ainda, caso assim ocorra, qualquer prática que se sustente a partir daí corre o risco de se tornar um logro, uma fraude. Ou pior, um eterno faz-de-conta.

Uma das formas de se avançar sobre esse tema e abordar algumas perspectivas que se abrem a partir daí, é através da emblemática criação do que ficou conhecido como Comitê Secreto. Tratou-se de um grupo formado pelos discípulos de Freud que, a partir de uma sugestão de Sándor Ferenczi, deveriam ser analisados pessoalmente por Freud para preservar uma suposta pureza teórica e não adulterá-la por complexos pessoais. A partir daí, eles se estabeleceriam em diferentes centros onde ficariam responsáveis pela formação dos iniciantes. Segundo Kupermann (1996), essa proposta revela tanto a origem da formação psicanalítica quanto o seu próprio malogro, ou seja, o saber psicanalítico se transmite a partir da análise pessoal de modo que sua transmissão é regulada pela transferência. Mas não só, pois é a transferência à Freud, controlada em uma análise com o mestre, que seria a melhor forma de evitar adulterações teóricas.

Nesse sentido, percebe-se o poder da manipulação da transferência não apenas para o trabalho analítico, mas inclusive para o bom andamento da comunidade psicanalítica. Todo aquele que propusesse inovações teóricas que fugissem do agrado do mestre seria expulso da horda psicanalítica. Jung, Adler e Ferenczi que muitas vezes são renegados porque considerados traidores ou desertores da nobre causa analítica, demonstram isso.

A transferência se torna um instrumento de controle, e a padronização da formação que se sucede a partir daí se sustenta, muitas vezes, pelo exercício de um poder. Consequentemente, parece ter ocorrido, pelo menos em um momento da história do movimento psicanalítico, a criação de uma espécie de axiologia psicanalítica. Ou seja, o bom analisante ou analista é aquele que tinha ou tem, com a referida causa psicanalítica, uma boa transferência: muitas vezes o acrítico aos dogmas que, doravante, começavam a se cristalizar principalmente a partir da publicação dos textos técnicos de Freud. O ruim passa a ser aquele que demonstra, a partir de uma perspectiva, uma má transferência, ou pior, uma transferência negativa: o mal analisado e, portanto, não preparado para a etiqueta e os protocolos psicanalíticos. A partir daí, o que restava, e resta ainda, aos bons discípulos é repetir e perpetuar a transferência pelo seu correlato: fazer novos discípulos.

O dispositivo analítico, desde então, carrega um paradoxo: “a transmissão da análise seria a maior ameaça para a própria análise, se o meio transmissor como tal supõe que se reforce a transferência ao invés de dissolvê-la” (Roustang, 1987, p. 38). Ou seja, se não é possível liquidar a transferência, como se tornar psicanalista alienado ao Outro? Pois, se se permanece reforçado na transferência enquanto analisante, não se se anula enquanto analista?

Lacan (1970/2003), por sua vez, tentou resolver o paradoxo fazendo-o passar do terreno do trabalho de transferência à transferência de trabalho. Desde 1964, ano de criação da Escola Freudiana de Paris, Lacan já buscava uma resposta para o problema da formação, da análise e do reconhecimento dos analistas, o que culminou nos princípios estabelecidos na Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola (Lacan, 1967/2003). E um destes princípios é exatamente a controvertida liquidação da transferência que teria como destino a já citada transferência de trabalho. Na ocasião, disse Lacan (1964/2003): “o ensino da psicanálise só se pode transmitir de um indivíduo a outro pelas vias de uma transferência de trabalho” (p. 242). Ou seja, enquanto que em uma psicanálise terapêutica a transferência deveria se dissolver pela dessuposição de saber atribuída ao analista, a transferência de trabalho se tornaria o meio de acesso ao saber psicanalítico e seu fundamento ético. Todavia, se a transferência de trabalho pode contribuir positivamente para uma comunidade psicanalítica, também é preciso reconhecer que se criou novos impasses. Por exemplo, se a transferência é o meio de acesso ao saber psicanalítico, isso acontece “indefinidamente, já que a

transferência está associada a um trabalho. Quanto mais transferência, mais trabalho e portanto mais saber” (Roustang, 1988, p. 9). Da mesma forma que a referida transferência de trabalho, para Lacan, não se destinava a qualquer analista, “mas ao diretor de Escola. ‘O ensino’ tratava-se do dele, reproduzido e difundido pelos alunos que ele havia formado” (p. 9).

Ou seja, qual transferência de trabalho se impõe? Aquela que significa trabalhar para o mestre e perpetuar a sua vontade e o seu ensino? Nada menos curioso que a posição militante que aparece em alguns psicanalistas que são tentados, através da palavra do mestre, fazer da psicanálise, senão uma religião, no mínimo uma doutrina. Mais ainda, por vezes, a manipulação da transferência em nome da transferência de trabalho, torna-se o meio e a manutenção da própria clínica. Nesse sentido, não haveria uma impostura nessa manipulação? Seduz-se na transferência e alimenta-a. O efeito não pode ser outro a não ser a transmissão do mesmo e a perpetuação do discurso do mestre.

Há nitidamente um gozo e uma tendência na psicanálise para a conservação desse lugar do mestre ou, se quisermos, do lugar do Pai – os analistas não estão livres daquilo que eles apontam e estudam com tamanha veemência. Basta tomarmos como exemplo algumas instituições que, como já apontado, funcionam estruturalmente como verdadeiras Igrejas: evangelização, devoção aos Deuses da psicanálise e, é claro, a manutenção dos padres da paróquia. Aos fiéis catequisados cabe portar as bíblias cuja compreensão, através dos grupos de leitura, revelará a verdade. Para além disso, presencia-se muitas vezes a tentativa de alguns mestres sedutores tentarem colonizar – em nome da psicanálise – algumas regiões e se colocarem como verdadeiros jesuítas. O curioso nesse tipo de relação sustentada pela transmissão é aquilo que Birman, ao modo de La Boetie, chama de “relação de servidão à figura do líder”

No caso da IPA, essa servidão está relacionada à figura dos didatas. Já em relação às instituições lacanianas, trata-se de uma certa figura do chefe a quem se deve uma certa obediência teórica, ética etc. As pessoas que circulam nesses grupos têm pouco poder crítico em relação ao líder, seja este o didata sejam os professores que lecionam nessas instituições. Isso acaba por criar um efeito que pode ser chamado de uma submissão masoquista, justamente porque o funcionamento da estrutura pedagógica da instituição e o funcionamento da estrutura terapêutica são muito superpostos e articulados.<sup>2</sup>

Ora, o que sustenta essa relação senão a manipulação da transferência que descrevemos acima? Obviamente que há, como aponta Roustang (1988), em toda relação de mestre e discípulo, algo de uma relação afetiva e de dependência que perpassa o que podemos chamar de transferência. No entanto, enquanto que nessas relações é o saber que é o meio de transmissão – de modo que o discípulo pode se desvincular do mestre caso tenha alcançado o saber –, ao contrário, na psicanálise, dada a continuidade da posição de mestre e o seu caráter transmissor, os discípulos se transformam em meros e eternos... discípulos. “Por sua vez, o mestre que, cansado de lutar consigo mesmo no seio do seu próprio pensamento, o converte em instituição, só poderia cercar-se de mediocridades, pois só estas poderão mantê-lo na ilusão de sua firmeza (Roustang, 1988, p. 6).

Por isso que os pequenos mestres da psicanálise zombam de qualquer discurso que, como este, tentam descortinar o seu velho truque. É que na superficialidade se disputam posições, interesses narcísicos e se exerce o poder sobre o outro. Tudo o que não é espelho é considerado tolo e menor. Realmente, muitos parecem nutridos desde a infância, como sugeriu Roustang (1988), com a mamadeira da psicanálise. Fazem dela, no mínimo, uma visão de mundo e não sabem nada além de Freud e Lacan. Estes que, por sua vez, não deixam de ocupar o lugar do Pai.

## **TOTEM E TABU DA HORDA PSICANALÍTICA**

Sobre esse tema, Schneider (1993), em seu trabalho Trauma e filiação em Freud e em Ferenczi, traz uma importante contribuição. A autora entende que o paradigma da filiação, pelo menos em Freud, remete a uma teoria da identificação que funciona como um pivô para conceber a transmissão psicanalítica de geração em geração e

---

<sup>2</sup> Recuperado em: <http://www2.uol.com.br/percurso/main/pes29/29Entrevista.htm>. Acesso em: 02 maio. 2015.

verticalmente. A autora lembra a definição da identificação dada por Freud em *O ego e o Id* (1923/1996), no qual funciona concomitantemente como uma injunção e uma proibição. Trata-se, ao mesmo tempo, do imperativo: “Você deveria ser assim (como o seu pai)”, e da proibição: “Você não pode ser assim (como o seu pai), isto é, você não pode fazer tudo o que ele faz; certas coisas são prerrogativas dele” (Freud, 1923/1996, p. 47, grifos do autor).

Nesse sentido, essa teoria marca “um único modelo, o modelo do pai, e é frente a esse modelo do pai que se erigem um sinal positivo e um sinal negativo” (Schneider, 1993, p. 32). O lado positivo marca um processo de transmissão que enfatiza o lado da continuidade e da reiteração identitária, já o lado negativo determina que só o pai tem o direito de ser o modelo de todos. Conceber dessa forma a transmissão da herança teórica é também reforçar o caráter imortal do pai revestido de mestre. No entanto, como preservar o pai da ameaça de assassinato, haja vista, como lembra Schneider (1993), que para Freud nenhum pai morre de morte natural? “Seria preciso embalsamá-lo, mumificá-lo de alguma maneira, permitindo que se conserve de maneira indefinida através das gerações. Na instituição, todo um conjunto de forças vai promover a transmissão integral dessa herança do pai” (p. 33). Ainda segundo a autora, nos estudos que Freud faz sobre os processos psíquicos, “o próprio vocabulário deixa pressentir a importância do tema da filiação: o inconsciente produz *abkömmlinge* (‘rejetons’, literalmente descendentes), o que o coloca [Freud] como ancestral originador de vastas linhagens” (p. 33).

Ora, Wundt, citado por Freud (1913/1996), escreve que “o animal totêmico é também geralmente considerado o animal ancestral do grupo em questão. ‘Totem’ é, por um lado, um nome de grupo e, por outro um nome indicativo de ancestralidade” (p. 114). E nessa mesma linha de raciocínio, e se apoiando em Frazer, Freud diz que “os membros de clã totêmico chamam-se a si mesmo pelo nome do totem e geralmente acreditam serem realmente descendentes dele” (p. 112, grifos do autor), como por exemplo, freudianos, lacanianos ou winnicottianos. Nesse sentido, comparando as análises de Freud sobre a Igreja e o Exército em *Psicologia de Grupo e Análise do Ego* (1921/1996), *Totem e Tabu* (1913/1996), e o projeto da constituição de uma sociedade de psicanálise exposto em *A história do movimento psicanalítico* (1914b/1996), constata-se, nestes textos destacados, uma curiosa relação: o pai como o elemento que corporifica a comunidade e que é o verdadeiro objeto de idealização de homens e mulheres como descendentes que são de um ancestral em

comum. Sendo assim, cremos poder estabelecer uma analogia entre esse lugar que ele ocupa na “horda psicanalítica” com um totem. O próprio Freud (1913/1996) nos revela que o totem nada mais é que um representante do Pai. No entanto, para além de um totem, esta palavra convoca uma outra: tabu.

Freud em uma carta endereçada à Ferenczi se queixava dos efeitos que suas recomendações técnicas produziam nos analistas. Para ele: “Tudo aquilo de positivo que alguém deveria fazer deixei ao tato, o resultado foi que os analistas obedientes não perceberam a elasticidade das regras que propus e se submeteram a elas como se fossem tabus” (Freud citado por Figueiredo, 2008, p. 16). Partindo da etimologia da palavra, ao mesmo tempo como algo sagrado, impuro e proibido, Freud (1913/1996) postula que os tabus se expressam principalmente em proibições. “O tabu é uma proibição primeva forçadamente imposta (por alguma autoridade) de fora” (p. 51) contra atividades para as quais haveria forte inclinação. E em outro trabalho, Freud (1918a/1996) afirma que um tabu se institui quando se teme algum perigo.

Na mesma carta citada acima, ele confessa que as recomendações sobre a técnica eram essencialmente de natureza negativa, cujas diretrizes giravam em torno de proibições. Ou seja, nesses textos, o seu procedimento foi o de proibir ou coibir certos procedimentos entre analistas e analisantes. E como uma espécie de posição oficial para se referir à posição do analista e, talvez, para enobrecer a psicanálise entre as ciências, ergueu-se o princípio de abstinência e seus protocolos correlatos: neutralidade e frieza. As metáforas utilizadas por Freud (1912a/1996) nesse mesmo período acerca da posição do analista não deixam de corroborar essas noções. São, por exemplo, a do cirurgião que coloca de lado todos os seus sentimentos e a do espelho opaco que não mostra nada exceto o que lhe é mostrado. O analista, ao contrário da *via di porre* (1905a/1996), nada colocaria.

É verdade que os artigos de Freud passaram a vigorar como uma espécie de cartilha, na qual a responsabilidade por esse desvio recai sobre o leitor. No entanto, o próprio Freud não deixou de contribuir com o seu desejo para que isso ocorresse, de modo que a técnica psicanalítica se tornou realmente um tabu. Ora, se como vimos um tabu se ergue contra os anseios a que se estão expostos, no caso da técnica, quais são eles a quem os psicanalistas em sua atividade estão à mercê e que, portanto, devem ser controlados? O que Freud temia?

Freud publicou, entre 1911 e 1915, uma série de textos dedicados à produção de algumas “recomendações” sobre a técnica psicanalítica: Conferências introdutórias sobre psicanálise (1917/1996), a última das Novas conferências introdutórias sobre psicanálise (1933/1996), os seus últimos trabalhos, como Análise terminável e interminável (1937/1996), Construções em análise (1937/1996), e Esboço de

psicanálise (1938/1996), também tratam dessas questões, embora de modo menos incisivo e negativo. Enfim, lendo esses textos, pode-se sustentar que a maioria das recomendações estavam pautadas na tentativa de manter a assepsia do analista, ou se quisermos, de corrigir ou impedir algo que os psicanalistas ainda hoje não suportam muito bem: a irreduzível tensão ou contaminação da posição ou o lugar que ele ocupa com tudo o que ele presentifica, isto é, sua equação pessoal, sua individualidade, sua subjetividade que iremos sintetizar aqui através da noção do ser do analista. Ou seja, há, ainda, uma espécie de asfixia de toda interrogação sobre o papel do ser do analista, por exemplo, em detrimento do acento colocado unilateralmente sobre a sua função, posição ou lugar.

Para Freud (1905a/1996), uma parte do “sucesso” do trabalho analítico – e também por sua ambição científica marcada pela via di levare – dependia do princípio de abstinência. Ao contrário de Breuer, Freud não temeu e, portanto, não recuou perante as intempéries da transferência amorosa, mas ao mesmo tempo criou diversos artifícios para neutralizá-la. Ou seja, pode-se sustentar que os objetivos desse princípio, para além de barrar as satisfações substitutas na transferência como compensação de gozo e entrave para o desejo, também servia para controlar a contratransferência que deveria ser sobrepujada. Pondera Freud (1915/1996): “Em minha opinião, portanto, não devemos abandonar a neutralidade para com a paciente, que adquirimos por manter controlada a contratransferência (...). O tratamento deve ser levado a cabo na abstinência” (p.182).

Pode-se supor, portanto, que Freud, na transmissão da técnica, tentou corrigir essa irremediável e fatal “contaminação” da posição do analista pelos efeitos do seu ser. No entanto, o resultado foi a produção daquilo que podemos chamar de uma espécie de hiper-realidade da técnica.

## **TRANSMISSÃO E HIPER-REALIDADE**

Por exemplo, e como notou Kupermann (2010), o texto Recordar, repetir e elaborar (1914) e o caso clínico do Homem dos lobos publicado como História de uma Neurose Infantil (1918b/1996) são contemporâneos. No primeiro texto, Freud recomenda ao analista, paciência. Nas suas palavras e ao abordar o processo de elaboração, diz ele: “esta elaboração das resistências pode, na prática, revelar-se uma tarefa árdua para o sujeito da análise e uma prova de paciência para o analista” (1914a/1996, p. 171). Quanto ao segundo texto e dado o estancamento da análise,

Freud recorreu à medida de fixar um limite de tempo para a mesma. No início de um novo ano de trabalho, o paciente foi informado que aquele deveria ser o seu último ano de análise, não importando o que ele conseguisse produzir no tempo que lhe restava. Ora, dentre outras coisas, pode-se supor que a falta de paciência de Freud também o fez limitar, enquanto analista, o referido tempo de análise do jovem russo.

De um lado, o que o Freud recomendava e escrevia, do outro, o que acontecia realmente na sua relação com os seus pacientes, isto é, o que ele era enquanto analista. Diversos autores já mostraram essa discrepância entre o Freud que recomendava e aquele que analisava. Sanches (1994) denomina esse movimento de duplo vínculo de transmissão.

Nesse sentido, é o ideal e, portanto, o faz-de-conta ou o ilusório que foi manifestamente transmitido através dos escritos técnicos, enquanto que o latente, ou seja, a “verdadeira” prática clínica de Freud, ficou não oficial e invisível. Como uma nota falsa, transmite-se e, portanto, autentica-se a técnica ilusória de modo a torná-la “verdadeira”, enquanto que a técnica “verdadeira” se torna um simulacro quando alguém ousa fazer diferente. A partir daí, o pseudo ideal de neutralidade só fez atormentar, como uma espécie de superego, os analistas preocupados em atingir esse mesmo ideal. Muitas vezes, o efeito não foi outro senão a caricatura de analista.

Por sua vez, essa faceta parece se repetir na postura de Lacan. Na sessão de 12 de fevereiro de 1964 do Seminário 11, Lacan comenta o fort-da, isto é, o jogo de carretel do neto do Freud. Lacan (1953/1998) já havia abordado este jogo enquanto uma alternância simbólica pensável unicamente no campo do significante. Significante que carrega uma função mortífera – presença-ausência – para efetivamente constituir no sujeito a eternização do seu desejo. Ou seja, a ausência, a falta que o simbólico impõe é condição para a presença do desejo.

No entanto, como aponta Guyomard (2010) no seu artigo *Le signifiant vivant*, Lacan não era totalmente estrangeiro acerca de algumas condições que, segundo o autor, seriam no mínimo necessárias ao funcionamento deste jogo. Isto é, para que se constituísse realmente um jogo e não uma mera repetição seria necessário estabelecer uma relação, já que “a linguagem nunca está sozinha” (p. 109).

Prova disso, foi a retomada do jogo de carretel, no seminário citado, acompanhado de uma breve noção que ele introduziu. Ou seja, ao falar de uma criança traumatizada, Lacan (1964/1998) dá um nome para que o traumatismo se

apagasse e a função simbólica da linguagem se tornasse possível, a saber, “significante vivo” (p. 64). Ora, os desdobramentos, a partir daí, não são poucos.

O momento no qual essa expressão surge é o pai Lacan que fala, e da sua criança. Ocorre que, ao comentar o referido jogo, Lacan diz que este visa não o que está lá enquanto “representado – pois é o jogo mesmo que é o Repräsentanz da Vorstellung” (p. 63). E então ele pergunta: “o que se tornará a Vorstellung quando, novamente, esse Repräsentanz da mãe – em seu desenho tachado de toques, de guaches do desejo – vier a faltar?” (p. 63) É nesse momento que uma lembrança pessoal parece lhe saltar aos olhos. Momento no qual o laço pai-filha, por que é da sua filha que se trata, “é tão carnal e tão significante” (Guyomard, 2010, p. 109)

Eu vi, também eu, vi com meus olhos arregalados pela adivinhação maternal, a criança, traumatizada com a minha partida a despeito de seu apelo precocemente esboçado na voz e daí em diante mais renovado por meses e meses – eu a vi, bastante tempo ainda depois disso, quando eu a tomava, essa criança, em meus braços – eu a vi abandonar a cabeça sobre meu ombro para cair no sono, o sono unicamente capaz de lhe dar acesso ao significante vivo que eu era depois da data do trauma (Lacan, 1964/1998, p. 63-64).

Neste momento da sua vida, Lacan se encontrava em uma vida dupla. De um lado, três crianças, do outro, uma filha. E quando ele se ausentava, esta o chamava. Pode ser curioso, mas esta criança traumatizada, devido à falta de resposta aos seus apelos, e ainda, devido às ausências do próprio pai, parecia encontrar, sobre o corpo deste, a possibilidade de retomar o contato com o significante vivo, isto é, com o vivo no significante que ele era.

Nesse sentido, não seria antes a partir do que o significante pode ter de vivo, que a sua função mortífera pode efetivamente operar e se desdobrar no jogo da cadeia significante? Ou seja, a falta que o simbólico impõe na sua função mortífera – presença-ausência – “só pode jogar a partir do momento onde, entendemos bem o que diz Lacan, houve, não alguma coisa de presente – porque presente é sempre em relação ao par presença-ausência –, mas alguma coisa de vivo” (Guyomard, 2010, p. 110, tradução livre). Para morrer deveria bastar, primeiramente, estar vivo.

A partir daí, no que concerne ao traumatismo, a reparação seria possível através do contato com o que é literalmente vivo, isto é, com o significante vivo. A possibilidade para uma vida psíquica, de simbolização e sonhos, depende, por vezes, da contingência de poder abandonar a cabeça sobre outro ombro para cair simplesmente no sono e retomar o contato com o que é vivo. Não esqueçamos que é Lacan quem

fala de uma criança traumatizada que encontra conforto em uma presença viva, isto é, com o que é vivo no significante.

Ora, e quanto ao campo da análise? O que nos impediria de pensar a partir dos mesmos pressupostos? Ou seja, a reparação de um traumatismo não se daria, antes, através do contato com o significante vivo? Com o que está literalmente presente?

Por esta via, isto se apresenta no mínimo contraditório, quando comparamos o Lacan pai e o Lacan analista. Pois, o que dizer da posição cadavérica do analista que Lacan (1955/1998), na mesma época, defendia? Postula ele

Isso quer dizer que o analista intervém concretamente na dialética da análise se fazendo de morto, cadaverizando sua posição, como dizem os chineses, seja por seu silêncio, ali onde ele é Outro, Autre com A maiúsculo, seja anulando sua própria resistência, ali onde é o outro, autre com a minúsculo. Em ambos os casos e sob as respectivas incidências do simbólico e do imaginário, ele presentifica a morte (p. 431).

Da mesma forma, no texto *Direção do tratamento e os princípios de seu poder e sob o tópico Quem analisa hoje?*. Lacan retomou a ideia através de uma metáfora entre a análise e o jogo de bridge

Com isso, antes, o analista convoca a ajuda do que nesse jogo é chamado morto, mas para fazer surgir o quarto jogado que do analisado será parceiro, e cuja mão, através de seus lances, o analista se esforçará por fazê-lo adivinhar: é esse o vínculo, digamos, de abnegação, imposto aos analistas pelo cacife da partida na análise (...). Mas o que há de certo é que os sentimentos do analista só têm um lugar possível nesse jogo: o do morto; e que, ao ressuscitá-lo, o jogo prossegue sem que se saiba quem o conduz (Lacan, 1958/1998, p. 595).

Ou Lacan só tinha pacientes neuróticos e bem estruturados, ou uma parecida discrepância, como vimos acontecer com Freud, ocorria entre um Lacan que analisava e um Lacan que escrevia e falava, ainda que, por raras vezes, suas lembranças o traíssem. Ou seja, tratar-se-ia, novamente, de um hiper-realismo da técnica? Ou se tratava, antes, do projeto de instituir a Psicanálise como ciência do real?

Para Ginestet-Delbreil (1989), os objetivos de Lacan eram outros, ou seja, para a autora, ele pretendia combater algumas receitas técnicas em voga na época, como por exemplo, a identificação ao eu forte do analista. Quanto a isto, quem não estaria de acordo? Ocorre que, se Lacan não procurava dar receitas, ou antes, se seus anúncios pretendiam evitá-las, eles próprios se cristalizaram e se tornaram, por sua vez, aquilo que se pretendia combater.

Não se trata, obviamente, de negar que, por vezes, o analista possa cadaverizar sua posição, mas marcar que não se pode reduzir, de modo unívoco, o analista ao

lugar de morto. Principalmente quando essas receitas técnicas se cristalizam em alguns conceitos que impedem de levar em conta as especificidades de cada analisante. Por exemplo, “na medida onde o Simbólico foi confundido com a ordem de linguagem e destacado de sua ancoragem no Imaginário” (Ginestet-Delbreil, 1989, p. 33, tradução livre), a falta-a-ser, bem como outros conceitos, tornaram-se uma receita técnica, pois como dizia Lacan (1958/1998), o analista “faria melhor situando-se em sua falta-a-ser do que em seu ser” (p. 596). É verdade que com a introdução do nó borromeano, o simbólico perde sua coordenada transcendental e passa a se sustentar conectado com o imaginário e com o real. O que não impediu, por outro lado, que aqueles mesmos conceitos continuassem a funcionar enquanto referências mestras.

Através do relato que Lacan (1964/1998) nos oferece sobre a sua criança traumatizada, e na medida em que a falta-a-ser é correlata com a função mortífera do significante, parece que naquele momento ele respondeu de outro lugar, isto é, através de uma presença viva – através mais do seu ser do que da sua falta-a-ser – que inclusive deu acesso àquela criança, ao significante vivo que ele era.

Portanto, é nesse sentido que cremos poder aproximar a técnica transmitida pelos textos com uma espécie de hiper-realidade. Para Baudrillard (1991), quando se passa a se relacionar mais com o simulacro do que com a realidade, desloca-se assim para uma hiper-realidade, na qual acontece um aperfeiçoamento daquela. A hiper-realidade passa a ser um simples reflexo e um simulacro daquilo que outrora foi a realidade, de modo que a hiper-realidade se apresenta de modo mais real que a própria realidade, ou seja, hiper-real. É o que acontece também, quando uma teoria só aborda a pseudo pureza do lugar do analista, dando-lhe, por exemplo, cada vez mais um tom matemático. Dessa forma, o inerente paradoxo da situação analítica não aparece mais e é mesmo interdito aparecer sob a pena de cair em acusações de psicologismo.

## REFERÊNCIAS

- BAUDRILLARD, Jean. Simulacros e simulações. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.
- FIGUEIREDO, Luis Claudio. "Presença, Implicação e Reserva". In FIGUEIREDO, Luis Claudio & COELHO JUNIOR, Nelson, 2008. Ética e Técnica em Psicanálise. São Paulo: Escuta.
- FOUCAULT, Michel. (1970). A ordem do discurso. São Paulo: Loyola, 2010.
- FREUD, Sigmund. (1905a). Sobre a psicoterapia. In S. Freud, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1905b). Fragmento da Análise de Um Caso de Histeria. In S. Freud, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1912a). Recomendações aos Médicos que Exercem a Psicanálise. In S. Freud, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1912b). A dinâmica da transferência. In S. Freud, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1913). Totem e Tabu. In S. Freud, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1914a). Recordar, Repetir e Elaborar. In S. Freud, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1914b). A História do Movimento Psicanalítico. In S. Freud, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1915). Observações Sobre o Amor Transferencial. In S. Freud, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago.
- \_\_\_\_\_. (1917). Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise. In S. Freud, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1918a). O tabu da virgindade. (Contribuições à psicologia do amor III) In S. Freud, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1918b). O homem dos lobos. In Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1923). O Ego e o Id. In S. Freud, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- GINESTET-DELBREIL, Suzanne. Soyez neutre et bienveillant, gardez le silence équivoquer l'interprétation: impératifs catégoriques de l'analyse. Revue du Collège de Psychanalystes. Paris. 30: 31-37, 1989.

GUYOMARD, Patrick. Le signifiant vivant. Les lettres de la Société de Psychanalyse Freudienne. Paris. 24: 99-112, 2010

KUPERMANN, Daniel. Transferências cruzadas: uma história da Psicanálise e suas instituições. Rio de Janeiro: Renvan, 1996

\_\_\_\_\_. A via sensível da elaboração: caminhos da clínica psicanalítica. Cadernos de psicanálise. Rio de Janeiro. 32(23): 31-45, 2010.

LACAN, Jacques. (1953). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. (1955). A coisa freudiana. In Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. (1958). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. (1964). O seminário: Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. (1964). Ato de fundação. In Outros escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

\_\_\_\_\_. (1967). Proposição de 9 de Outubro de 1967 sobre o psicanalista da escola. In Outros escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

\_\_\_\_\_. (1970). Radiofonia. In Outros escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

ROUSTANG, François. Um destino funesto. Rio de Janeiro: Taurus, 1987.

\_\_\_\_\_. Lacan: Do equívoco ao impasse, Rio de Janeiro: Campus, 1988.

SANCHES, Gisele Paraná. Sándor Ferenczi e a ampliação dos limites terapêuticos da psicanálise. Percurso. São Paulo, 4(10): 40-44, 1994.

## **FREUD, LACAN AND THE HYPERREALITY IN THE TRANSMISSION OF PSYCHOANALYSIS**

### **ABSTRACT**

This article aims to address some paradoxes about the psychoanalysis's transmission. Once the transmission of psychoanalytic knowledge is regulated by the transfer, we first pointed that the transfer can become an instrument of control, or even a power relationship disguised of analytic discourse. Second, in the technical theory, we attempted to show, through Freud and Lacan's teaching that often what is transmitted is in the order of an ideal, or even a simulacrum, while the reality of clinical practice stays invisible. Thus, it was possible to associate the transmission of the technique in psychoanalysis with the Baudrillard's notion of hyperreality. For this author, when we beginning to relate more with the simulacrum than with reality, it moves for a hyper-realidade that appears more real than reality itself.

**KEYWORDS:** Transmission of psychoanalysis. Transfer. Hyperreality.

## **FREUD, LACAN ET L'HYPERRÉALITÉ DANS LA TRANSMISSION DE LA PSYCHANALYSE**

### **RÉSUMÉ**

L'objectif de cet article est de traiter certains paradoxes sur la transmission de la psychanalyse. Une fois la transmission du savoir psychanalytique est réglementée par le transfert, ce fut de souligner, en premier lieu, que le transfert peut devenir un instrument de contrôle, ou même une relation de pouvoir déguisé en discours analytique. Deuxièmement, dans la théorie de la technique, nous avons tenté de montrer, à travers de l'enseignement de Freud et de Lacan que, souvent, ce qui est transmis est de l'ordre d'un idéal, ou même un simulacre, alors que la réalité de la pratique clinique reste invisible. Ainsi, il était possible d'associer la technique de transmission de la psychanalyse avec la notion de l'hyperréalité de Baudrillard, que pour cet auteur, quand on passe à se rapporter plus avec le simulacre qu'avec la réalité, on se déplace bien pour un hyperrealité qui apparaît plus réel que la réalité elle-même.

**MOTS-CLÉS:** Transmission de la psychanalyse. Transfer. Hyperréalité.

Recebido em: 03-09-2017

Aprovado em: 20-11-2017

© 2017 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.psicanaliseebarroco.pro.br>

[revista@psicanaliseebarroco.pro.br](mailto:revista@psicanaliseebarroco.pro.br)

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO

Memória, Subjetividade e Criação

[www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php](http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php)

# AS VICISSITUDES DA PSICANÁLISE NAS CLÍNICAS-ESCOLAS E SERVIÇOS DE PSICOLOGIA

*Bruna Adames<sup>1</sup>*

*Gustavo Angel<sup>2</sup>*

## RESUMO

O presente artigo objetiva promover reflexões acerca dos desafios e possibilidades da psicanálise nas universidades a partir do método psicanalítico. A clínica-escola se destaca como espaço privilegiado para a criação de estratégias de intervenções e o exercício da prática clínica psicanalítica. No tocante à metodologia utilizou-se uma revisão de literatura nas bases nacionais e um percurso na obra freudiana em especial nos artigos sobre a técnica. Verificou-se que, mesmo com as vicissitudes explicitadas pelo método psicanalítico concebido por Freud, é possível repensar a prática psicanalítica nos atendimentos em clínicas-escola.

**PALAVRAS-CHAVE:** Serviços de Psicologia. Psicanálise. Clínicas-Escola.

---

<sup>1</sup> Graduanda de Psicologia pelo Centro Universitário de Brusque (UNIFEBE). Estagiária de Psicologia do Fórum da Comarca de Brusque – TJSC. Rua Adelina Zirke, 367, Águas Claras, 8353-617, Brusque, SC. [brunaadames@hotmail.com](mailto:brunaadames@hotmail.com). (47) 99987-8322.

<sup>2</sup> Psicólogo. Mestre em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá. Professor Universitário no Centro Universitário de Brusque (UNIFEBE). Psicólogo Clínico na Prefeitura Municipal de Brusque. Rua Dorval Luz, 123, Santa Terezinha, 88352-400, Brusque, SC. [gustavoangeli@gmail.com](mailto:gustavoangeli@gmail.com). (47) 99654-3353.

## **INTRODUÇÃO**

O presente artigo aborda aspectos do exercício e da prática clínica acadêmica nas clínicas-escolas sob a luz do método psicanalítico. Objetiva-se promover reflexões acerca da arte do ensino, bem como desafios e possibilidades da psicanálise nas Instituições de Ensino Superior. Desta forma, questionamos a prática da psicanálise no contexto universitário; o método de intervenção psicanalítico aplicado às clínicas-escolas; os efeitos e a aplicabilidade da abordagem psicanalítica em novos contextos. Questionamentos estes, que se fizeram presentes na vivência dos estágios e suas orientações na Clínica Escola e Serviços de Psicologia (CESP), localizada em um município de médio porte na Região do Vale do Itajaí- SC.

De acordo com Romera e Alvarenga (2010), a relação entre a psicanálise e sua aplicação no âmbito universitário tem sido polemizado e problematizado quanto a qualidade do ensino e transmissão da psicanálise. Sendo assim, diversas opiniões emergem e se contrastam, desde as que abordam o caráter inefável desse saber, a irreduzibilidade de sua transmissão à experiência analítica, até aquelas que sugerem a apresentação didática de conceitos teóricos, métodos e técnicas.

Entretanto, Oliveira e Tafuri (2012) evidenciam que as considerações sobre o método interventivo no cenário acadêmico sob a ótica da psicanálise, e o lugar do analista/estagiário neste procedimento/intervenção psicoterapêutico(a), impulsionam ações peculiares e subjetivas de cada profissional/supervisor durante o processo. Deste modo, o cenário institucional acadêmico transpõe diversas esferas de trabalho que se efetivam no interior da clínica-escola de psicologia, no qual se produz efeitos sobre as instâncias de trabalho de supervisão de atendimento clínico, bem como sobre os estagiários e pacientes (BARATTO, 2006).

Neste sentido, a estrutura dos assuntos e reflexões aqui implementadas dar-se-á por meio dos seguintes aspectos: o funcionamento, a prática e a experiência de estágios vigentes regulamentados em clínicas-escola, tendo por referência a Clínica Escola e Serviços de Psicologia (CESP); considerações elucidadas por Freud sobre a técnica psicanalítica em seus artigos sobre a técnica (FREUD, 1912a/1996; 1913/1996); e por fim, as possibilidades e desafios encontrados no meio acadêmico ao tratar-se de atendimentos psicoterapêuticos na clínica-escola com a práxis psicanalítica.

## **A DINÂMICA DA CLÍNICA-ESCOLA E SERVIÇOS DE PSICOLOGIA SOB VIGÊNCIA DOS ESTÁGIOS CURRICULARES**

Os Serviços Escola caracterizam-se como espaços apropriados para a formação profissional e a consolidação das competências propostas pelas diretrizes curriculares à prestação de serviços à comunidade. Os objetivos dos Serviços Escola corresponde a promoção de condições materiais, físicas, administrativas e pedagógicas para a realização dos estágios obrigatórios do curso de Psicologia, ou seja, visa prestar serviços à comunidade e propiciar pesquisas nos diversos campos de atuação do psicólogo (CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DE SÃO PAULO, 2010).

Sendo assim, o público alvo, no caso, os usuários da clínica-escola, são indivíduos economicamente carentes, tendo em vista que o acompanhamento psicoterápico é realizado de modo gratuito. Entretanto, possui peculiaridades e desafios de acordo com as normas institucionais, como por exemplo, o término dos atendimentos em processo de férias letivas, ou ainda, o fim do estágio para o acadêmico, e portanto, o usuário ao explicitar interesse em dar continuidade no processo terapêutico, terá de retornar a fila de espera, até que novamente seja chamado de acordo com a disponibilidade dos estagiários iniciantes.

Ao chegar na clínica o indivíduo passa pelo processo de acolhimento, no qual um dos estagiários de plantão ira recebê-lo e subsequente verificar sua queixa, e desta forma, o indivíduo passa a aguardar na fila de espera e será chamado conforme disponibilidade referente aos dias e horários, tanto do estagiário que realizará o atendimento, quanto do próprio indivíduo que está no aguardo dos serviços da clínica-escola.

Os acolhimentos tem duração equivalente a uma sessão de atendimento clínico (cinquenta minutos) e visam promover um espaço de escuta psicológica, bem como, favorecer um ambiente acolhedor aos indivíduos que buscam pelos serviços da clínica-escola. Realiza-se neste procedimento o preenchimento da “Ficha de Acolhimento”, que se faz presente as(os) respectivas(os) questões/dados: a) número do prontuário; b) nome do estagiário responsável; c) nome do supervisor deste estagiário; d) data da realização do acolhimento; d) perfil do usuário; e) telefones para entrar em contato com o usuário; f) quem indicou os serviços da clínica; e por fim, g) a queixa/relato do usuário.

A prática de acolher não está isenta de referenciais teóricos clínicos, pois se apresenta como uma avaliação psicológica inicial e breve, possui características e funções complexas. Cabe ressaltar que esta é uma prática que possibilita a utilização de diversos instrumentos que são definidos durante o processo e de acordo com a queixa (HERZBERG; CHAMMAS, 2009).

A estratégia do acolhimento aprimora e substitui o processo de triagem, prática cujo termo significa selecionar, escolher e separar. Distinto de triar, o processo de acolher expressa receber as pessoas que procuram o serviço com disponibilidade para escutar e valorizar as suas particularidades, e subsequente promove condições para que o sofrimento destas pessoas possa ser terminante e para que o projeto terapêutico possa ser elaborado (CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DE SÃO PAULO, 2010).

Após o acolhimento e encaminhamento para fila de espera, o indivíduo ao ser contatado, inicia então, as(os) sessões/atendimentos, ou seja, um processo psicoterapêutico. Antemão ao início do tratamento psicoterápico, é elucidado ao usuário/paciente as regras que dizem respeito ao funcionamento da clínica-escola enquanto parte integrativa de uma instituição de ensino. Ressalta-se que as faltas devem ser justificadas diretamente a secretaria da clínica e que quando contrário, a ausência do usuário por três vezes consecutivas resultará no desligamento automático dos serviços oferecidos pela clínica-escola.

Ao falar de atendimento psicológico, se faz necessário compreender a diretriz presente no Conselho Regional de Psicologia –art. 9 e 10 (2010) que diz respeito ao sigilo profissional, na qual o código de ética determina que:

Art. 9º – É dever do psicólogo respeitar o sigilo profissional a fim de proteger, por meio da confidencialidade, a intimidade das pessoas, grupos ou organizações, a que tenha acesso no exercício profissional. Art. 10 – Nas situações em que se configure conflito entre as exigências decorrentes do disposto no Art. 9º e as afirmações dos princípios fundamentais deste Código, excetuando-se os casos previstos em lei, o psicólogo poderá decidir pela quebra de sigilo, baseando sua decisão na busca do menor prejuízo. Parágrafo único – Em caso de quebra do sigilo previsto no caput deste artigo, o psicólogo deverá restringir-se a prestar as informações estritamente necessárias.

Por fim, ainda sobre o que tange a psicoterapia, e o estagiário/acadêmico na aplicabilidade do atendimento e estágio, dar-se-á sob a perspectiva das diversas abordagens psicológicas, na qual o acadêmico poderá escolher a sua (linha

filosófica/método interventivo), cujas supervisões são deliberadas com os respectivos professores/orientadores da instituição de ensino.

## **O ENSINO UNIVERSITÁRIO E A PRÁTICA CLÍNICA A LUZ DO MÉTODO PSICANALÍTICO**

Tem sido cada vez mais frequente a prática de ensinar a psicanálise fora do contexto da formação analítica. Desta forma, a psicanálise se destaca pela possibilidade de produzir questionamentos e um saber sobre todo e qualquer fenômeno humano, como também, um eixo do conhecimento sobre o sujeito a partir do centro de sua humanidade-fragilidade. Cabe ressaltar que independentemente do local onde se efetiva é possível pensar no método psicanalítico (HERMANN, 1994 apud ROMERA; ALVARENGA, 2010). Desta forma, realizamos um percurso nos escritos freudianos sobre a técnica objetivando compreender as singularidades do exercício da psicanálise, e posteriormente, refletir sobre a articulação entre clínica-escola e a clínica psicanalítica.

Em *Recomendações aos médicos que exercem a Psicanálise*, Freud (1912a/1996) apresenta elaborações sobre o método e a técnica da psicanálise, esclarece que as diretrizes expostas são frutos de uma experiência pessoal ao longo de muitos anos de prática. As orientações freudianas não são fixas ou rígidas, podendo ser modificadas e adaptadas de acordo com cada situação. Neste sentido, convida o analista a questionar e construir seu próprio estilo e caminho dentro da psicanálise.

Devo, contudo, tornar claro que estou asseverando é que esta técnica é a única apropriada à minha individualidade; não me arrisco a negar que um médico constituído de modo inteiramente diferente possa ver-se levado a adotar atitude diferente em relação a seus pacientes e à tarefa que se lhe apresenta (FREUD, 1912a/1996, p.125).

De acordo com Freud (1912a/1996), o analista deve favorecer um espaço ao analisando que este lhe permita falar tudo o que vier à mente, sem restrições ou preocupações de seguir uma sequência de raciocínio lógico. A partir do método psicanalítico, se espera promover uma escuta do inconsciente, dito de outro modo, o analisando é convidado a falar daquilo que não sabe que sabe, "[...] não é apenas o que ele sabe e esconde de outras pessoas, ele deve dizer-nos também o que não sabe." (FREUD, 1940/1996, p. 201). Desta forma, ou seja, Freud (1912a/1996) apresenta a regra de ouro da psicanálise, a associação livre.

É imprescindível que o analista se dispa de qualquer pré-julgamento e que sua ansiedade, bem como seus desejos, sejam analisados, tendo em vista que o que importa é o desejo do paciente, no qual o analista não deve acelerar o processo.

Ao efetuar a seleção, se seguir suas expectativas, estará arriscado a nunca descobrir nada além do que já sabe; e, se seguir as inclinações, certamente falsificará o que possa perceber. Não se deve esquecer que o que se escuta, na maioria, são coisas cujo significado só é identificado posteriormente (FREUD, 1912a/1996, p. 161, grifo nosso).

Do mesmo modo que o paciente deve relatar tudo o que sua auto-observação possa perceber, e impossibilitar todas as objeções lógicas e afetivas que procuram induzi-lo a fazer uma seleção dentre elas, similarmente o analista deve pôr-se em posição de fazer uso de tudo o que lhe é dito para fins de interpretação e identificar o material inconsciente oculto, sem deslocar sua própria censura pela seleção de que o paciente abriu mão (FREUD, 1912a/1996).

No que refere ao analista, de acordo com Freud (1912a/1996), este por sua vez, deverá passar por estudos teóricos, psicanálise pessoal, prática clínica e supervisão. Este será o modelo e processo referencial no que diz respeito a formação e aptidão da aplicabilidade da prática. Dito de outro modo, o exercício da psicanálise implica, para além dos estudos teóricos, a análise do próprio inconsciente e uma prática clínica supervisionada, objetivando fazer trabalhar os conceitos fundamentais da psicanálise dentro de um caso clínico e a construção de um estilo e de um manejo clínico.

No texto *Sobre o Início do Tratamento* (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise), Freud (1913/1996) menciona que a análise propriamente dita não ocorre nos primeiros atendimentos, apesar do tratamento iniciar com a escolha de um analista e até mesmo nos acordos ao telefone, é necessário ainda, de acordo com Freud (1913/1996), ligar o paciente a seu tratamento e a figura do analista. No referido momento inicia-se as entrevistas preliminares com o paciente, ou seja, a implicação do paciente em sua própria história e sofrimento, como também, o estabelecimento de uma transferência.

A queixa do paciente deve ser transformada em demanda de análise, o sujeito que se queixa, está apenas dizendo o quanto os outros o fazem sofrer, é apenas vítima das situações e não se implica com o seu desejo. A passagem das queixas para demanda é marcada pela formulação de uma questão, responsabiliza o sujeito por suas escolhas e seu tratamento. Neste sentido, a implicação do sujeito em sua

história e a formulação de uma demanda são os primeiros passos da clínica psicanalítica, dito de outro modo, o início de um tratamento (QUINET, 2009).

Neste sentido, chegamos ao tão comentado divã da psicanálise. O paciente poderá ser convidado a deitar-se no divã quando for capaz de produzir uma demanda de análise, com sua implicação em sua queixa, a construção de uma questão. “Se a cama é para dormir e sonhar, o divã é para relatar e despertar” (QUINET, 2009, p.48).

Freud (1913) realiza algumas considerações sobre o tempo e o dinheiro no processo analítico, e afirma que cada processo terapêutico é único e sendo assim, cada analisando terá seu devido tempo. Logo, ao comparar o mesmo tempo para dois pacientes possibilitará caminhos distintos, ou seja, o que poderá vir a ser pouco tempo para um determinado analisando, será o suficiente para outro. Cabe ao analista portanto, respeitar que o sujeito tenha seu tempo e, permitir que o analisando caminhe conforme seu envolvimento no processo. “A pergunta sobre a duração do tratamento é quase impossível de responder, na verdade” (FREUD, 1913/1996, p.171), tendo em vista que o neurótico pode transformar sua dinâmica e fazer progressos lentos ao longo do tratamento.

Quanto ao dinheiro, ou ainda, honorários pago ao analista, segundo Freud (1912a/1996) considera-se relevante e apresenta benefícios no processo analítico, cita que por este motivo o analista deve-se abster de propiciar tratamento gratuito seja a pessoas desconhecidas, ou ainda, amigos e familiares. O tratamento de forma gratuita amplia frequentemente algumas das resistências do neurótico, assim como, propicia aumento no número de faltas em virtude do valor que o paciente destina ao atendimento remunerado.

Se faz importante mencionar, que existe uma diferença significativa entre as palavras valor e preço, quando referidas a uma análise. Para Freud (1913/1996) o pagamento é visto como um investimento e marca a possibilidade de se engajar ou não no processo terapêutico. Novamente, ressalta-se a subjetividade do sujeito, pois ocorrerá uma interpretação deste quanto ao valor atribuído às sessões, visto que este poderá pagar um preço barato pelo atendimento, contudo não atrelar valor para tal, ou ao contrário, pagar um preço caro, cujo valor do benefício é significativo. Assim como nos aponta Freud (1913/1996), caro é ser ignorante.

Inteiramente à parte do fato de nenhuma comparação ser possível entre a saúde e a eficiência restauradas, por um lado, e um moderado dispêndio financeiro por outro, quando adicionamos os custos incessantes das casas de saúde e do tratamento médico e contrastamo-los com o aumento de eficiência e de capacidade de ganhar a vida que resulta de uma análise inteiramente bem sucedida, temos o direito de dizer que os pacientes fizeram um bom negócio. Nada na vida é tão caro quanto a doença – e a estupidez (FREUD, 1913, p. 168).

Por fim, no texto “A Dinâmica da Transferência” Freud (1912b/1996) expõe o conceito, bem como o manejo da transferência em processo analítico. De acordo com o Freud (1912b/1996), sob perspectiva do paciente o analista é colocado em um lugar que não lhe pertence, ou seja, o analisando passa a transferir para o analista a pessoa que lhe provem seus conflitos, ou ainda como a pessoa que lhe traz a salvação. De acordo com Laplanche e Pontalis (2001, p.514), a transferência é “o processo pelo qual os desejos inconscientes se atualizam sobre determinados objetos no quadro de um certo tipo de relação estabelecida com eles. Trata-se aqui de uma repetição de protótipos infantis vivida com um sentimento de atualidade acentuada”.

A transferência, permite a associação de elementos que estão separados (analista e analisando). Logo, uma análise só é possível a partir da transferência.

Conversamos a transferência amorosa, mas a tratamos como algo irreal, como uma situação a ser atravessada na terapia e reconduzida às suas origens inconscientes, e que deve ajudar a pôr na consciência, e portanto sob o controle, o que há de mais escondido na vida amorosa do paciente” (FREUD, 1915/1980, p.183).

Por outro lado, Freud (1912b/1996) explicita que a transferência também implica num ponto de impasse e resistência para que o analisando não fale à respeito de si. Isto pode ser ilustrado, por exemplo, quando o analisando não deseja “magoar” o analista, e conseqüentemente o sujeito evita expor suas vulnerabilidades e angústias, e menciona apenas o que sob sua interpretação irá satisfazer o analista. Subseqüentemente poderá se falar em “Resistência Transferencial”, a qual Roudinesco e Plon (1998) designam como um conjunto de reações manifestas no analisando em contexto de tratamento, no qual se criam empecilhos no desenrolar da análise.

Pode-se explicitar que, a transferência é por si mesma, um impasse contraditório, uma vez que, sem ela, não seria possível conceber uma análise, mas, na sua presença, o tratamento corre o risco de ser interrompido, pondo em ameaça essa mesma análise. Deste modo, a transferência pode vir a ser concebida como um motor na análise, pois, desempenha a função de impulsionar as associações, contudo

ressalta-se que o analista tem de ter o manejo necessário para manter o equilíbrio e metaforicamente este motor não emperre.

A partir do modelo metodológico que caracteriza a psicanálise explicitado acima é possível perceber as peculiaridades de sua aplicação. Ao analisar os textos supramencionados, questionamos aqui, a possibilidade da aplicabilidade da psicanálise na contemporaneidade do âmbito universitário? No subtítulo a seguir será possível discutir e se propor a refletir sobre sua aplicabilidade, bem como seus desafios.

## **A PRÁTICA NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO E O MÉTODO PSICANALÍTICO: POSSIBILIDADES E DESAFIOS**

A clínica-escola de psicologia tem inúmeras facetas que a distinguem de uma clínica psicanalítica particular. Qual é a viabilidade de atuar no contexto universitário a partir de uma ética que é própria à psicanálise? De que modo o fazer acadêmico incide no que se propõe como o ensino da psicanálise?

Em relação ao manejo e o estabelecimento da transferência nas instituições de ensino, o paciente não escolhe o profissional que irá lhe atender, e sim, a instituição que supõe poder lhe ajudar. A transferência diz respeito em primeiro plano à instituição e não ao estagiário, visto que os pacientes buscam os serviços em virtudes de recomendações explicitadas pelo discurso social como sendo de boa qualidade de ensino. Ou seja, percebe-se que a busca de tratamento para o sofrimento psíquico numa instituição não é realizada de modo aleatório, sem quaisquer critérios (BARATTO, 2006).

Solé (2007) aponta que nestas circunstâncias a demanda, o pedido de ajuda que o paciente realiza, se dirige à instituição, e não, a um profissional. É trabalho do analista, a partir da transferência do paciente com a instituição, produzir um vínculo ou laço com este paciente. Se em um primeiro momento o usuário possui a clínica-escola como referência de atenção e cuidado em saúde, em um segundo tempo, pode vir a reconhecer um estagiário como possibilidade de auxílio para seu sofrimento. De acordo com Solé (2007, p. 26), “mesmo que a instituição seja um nome de referência capaz de provocar a transferência, servir de suporte para uma suposição de garantia e de saber, a psicanálise só será possível a partir da singularização de uma transferência [...]”, ou seja, que a transferência possa se estabelecer com a instituição,

com um profissional/professor da equipe, para assim, ser dirigida a um analista/estagiário dentro da unidade de ensino.

A psicanálise nos ensina que os laços transferenciais são singulares, construídos um a um, o jeito ou a forma de lidar e falar com um paciente ou o lugar que o usuário coloca o profissional da psicologia em sua fala não será da mesma forma para todos os indivíduos, com alguns, uma determinada intervenção pode funcionar e com outro ser um fracasso. Ou seja, a experiência do paciente com cada um dos estagiários poderá provocar novas questões e olhares sobre a sua história e queixas.

Cabe lembrar que questionar a aplicabilidade da psicanálise nas universidades envolve questionar a implicação e participação do paciente nesse processo. Figueiredo (1997) aponta que a psicanálise pode acontecer em várias modalidades, não estando restrita ao consultório ou ao divã, entretanto, não basta que seja oferecido às pessoas um serviço de psicologia ou que se atenda nas clínicas-escolas a partir de uma escuta clínica. A psicanálise pode interessar ou não, vai depender de cada sujeito, de cada história. O estagiário pode acolher o paciente, escutar sua história, verificar um conflito e produzir questões com o paciente, porém, o paciente pode permanecer na mesma posição subjetiva que chegou, sem se questionar sobre sua participação na história e nas queixas que relata.

A indagação da gratuidade dos atendimentos clínicos é híbrida e de intricada resolução. Assim como destaca Freud (1913/1996, p. 168) “os acordos quanto ao tempo e ao dinheiro são de suma importância no início do tratamento”. Segundo Freud (1913/1996), o tratamento de modo gratuito não se realça aos olhares de quem o vê, e subseqüentemente pode vir a intensificar ainda mais algumas das resistências do neurótico, ou ainda a desvalorização do mesmo. Ocorre que tal reflexão incide na dinâmica do funcionamento das atuais clínicas-escola, onde o número de faltas são constantes. Não raro, ocorrem desistência ou desligamento por faltas injustificadas de pacientes, ocorrendo ainda, atrasos em sessões ou ausências numerosas e significativas. (BARATTO, 2006).

Porém, cabe ressaltar, que se o paciente não paga em dinheiro por seu tratamento em um clínica-escola, o pagamento é realizado com a presença e com o relato de sua história. A moeda numa instituição de ensino não poderia ser repensada como a oferta de experiências de intervenções e de escuta por parte do estagiário na

vida e na história do paciente? O paciente, de fato, não realiza um pagamento à instituição ou estagiário ao ser o material de análises e pesquisas?

Freud (1912b/1996) recomenda que o analista não tome nota do que está sendo dito ou ouvido ou ainda que se escreva a respeito de um caso clínico quando já concluído, anotações para fins científicos. Entretanto, na clínica-escola, ao término de cada atendimento o estagiário tem por obrigatoriedade, o preenchimento de dois documentos: Registro Documental e, Prontuário Psicológico. Além do mais, outros materiais são produzidos, como por exemplo, relatórios finais de estágio ou de conclusão de curso. Portanto, ocorre que as anotações são realizadas antes do caso/atendimento ter sido finalizado, o que contrapõe as recomendações freudianas. Desta forma, seria possível escrever sobre o caso clínico sem inviabilizar em análise a escuta de novos e outros caminhos? Uma produção escrita que não concluísse a história e o andamento da prática analítica? Escrever não poderia permitir a abertura de um novo olhar? Reescrever com o paciente sua história?

Quanto ao tripé supramencionado, referido por Freud (1912b/1996), este por sua vez, não necessariamente se faz presente na realidade acadêmica. Pois, o acadêmico está em formação teórica, raros são os que fazem análise e as supervisões ocorrem de acordo com a logística estipulada por cada professor orientador, que não necessariamente terá realizado o tripé.

[...] mas quem não se tiver dignado tomar a precaução de ser analisado não só será punido por ser incapaz de aprender um pouco mais em relação a seus pacientes, mas correrá também perigo mais sério, que pode se tornar perigo também para os outros (FREUD, 1912b/1996, p. 166, grifo nosso).

Por fim, explicita-se ainda, que o estagiário deve ser opaco aos seus pacientes e, como um espelho, não mostrar-lhes nada, exceto o que lhe é mostrado (FREUD, 1912b/1996). Cabe se questionar, como lidar com a ansiedade contemporânea de propiciar alívio ao sofrimento psíquico daqueles que buscam incansavelmente a cura de seus sintomas? Ou ainda, como enfrentar a exigência e diretrizes da clínica-escola que encontram-se sob responsabilidade dos estagiários, cuja instituição do suposto saber deverá apresentar resultados à sociedade.

A inserção e a prática da psicanálise nas universidades é um aposta na possibilidade de transpor as barreiras e os desafios das normativas e burocracias e construir um espaço de escuta do sujeito do inconsciente, neste sentido, os estágios e as disciplinas não se destinam a conclusão do processo de formação, entretanto, podem permitir o início de estudos e o interesse pela prática psicanalítica.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como exposto no início do presente capítulo, o ensino da psicanálise possibilita questionamentos complexos tendo-se em vista que a oriunda prática que dela advém, possui uma lógica que não se sujeita à padronização requerida por qualquer processo de institucionalização. Propomos aqui, então, questões que possibilitaram reflexões críticas acerca das incidências dos impasses, desafios e possibilidades que pontuam a relação entre a psicanálise e o contexto das clínicas-escola.

Verificou-se ainda, que mesmo com as peculiaridades do método psicanalítico concebido por Freud, é possível repensar a prática psicanalítica nos atendimentos em clínicas-escola, quando o responsável por sua aplicação atenta-se às supracitadas regras que possibilitam o funcionamento do processo analítico, ou seja, quando leva-se em conta a transferência, a interpretação, associação livre, atenção flutuante, o inconsciente.

Por fim, os dados deste estudo agregam a tônica do conhecimento existente, bem como possibilitam reflexões para que outras pesquisas possam vir a ser contempladas. Neste sentido, ressaltamos o inevitável questionamento ético e a construção de um caminho singular dos (futuros) profissionais da Psicologia: Qual é a clínica possível, no contexto universitário, a partir da psicanálise?

## REFERÊNCIAS

BARATTO, Geselda. Reflexões sobre a Transferência e a Prática clín. Ia da Psicanálise na experiência de Clínica-Escola de Psicologia. Florianópolis, 2006. 217 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DE SÃO PAULO. Recomendações aos Serviços-Escola de Psicologia do Estado de São Paulo: compromisso ético para a formação de psicólogos. Mar. 2010. Disponível em: <[http://www.crpsp.org.br/porta1/comunicacao/servicos\\_escola/servi%C3%A7os\\_escola.pdf](http://www.crpsp.org.br/porta1/comunicacao/servicos_escola/servi%C3%A7os_escola.pdf)>. Acesso em: 01 jun. 2017.

FIGUEIREDO, Ana Cristina. Vastas confusões e atendimentos imperfeitos: a clínica psicanalítica no ambulatório público. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

FREUD, S. A dinâmica da transferência. In: \_\_\_\_\_. Edição Standard Brasileira Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, Original Publicado em 1912/1996. (Vol. XII).

\_\_\_\_\_. Esboço de psicanálise. In: \_\_\_\_\_. Edição Standard Brasileira Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, Original Publicado em 1940/1996. (Vol. XXIII)

\_\_\_\_\_. Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In: \_\_\_\_\_. Edição Standard Brasileira Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, Original Publicado em 1912/1996. (Vol. XII)

\_\_\_\_\_. Sobre o início do tratamento. In: \_\_\_\_\_. Edição Standard Brasileira Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, Original Publicado em 1913/1996). (Vol. XII)

\_\_\_\_\_. Observações sobre o amor transferencial. Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise. In: \_\_\_\_\_. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, Original Publicado em 1915/1980. (p. 208-221; Vol. XII)

HERZBERG, Eliana; CHAMMAS, Débora. Triagem estendida: serviço oferecido por uma clínica escola de Psicologia. Universidade de São Paulo-SP, v. 19, n. 42, jan./abr. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v19n42/13.pdf>> Acesso em: 01 jun. 2017.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. Vocabulário da psicanálise. 4ª ed. Tradução de D. Lagache; Direção de P. Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

OLIVEIRA, Nadja Rodrigues de; TAFURI, Maria Izabel. O método psicanalítico de pesquisa e a clínica: reflexões no contexto da Universidade. Rev. latinoam. psicopatol. Fundam., São Paulo, v. 15, n. 4, p. 838-850, Dec. 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-47142012000400007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142012000400007&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 02 jun. 2017.

QUINET, A. As 4 + 1 condições da análise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.

ROMERA, Maria Lúcia Castilho; ALVARENGA, Cérise. O ensino da psicanálise na universidade: do legado de um impossível à invenção de possibilidades. Jornal da Psicanálise, São Paulo, v. 43, n. 79, p. 187-199, 2010. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-58352010000200014](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352010000200014)>. Acesso em: 01 jun. 2017.

ROUDINESCO, Elizabeth; PLON, Michael. Dicionário de psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

SOLÉ, Maria Cristina Petrucci. Transferências. Correio da APPOA, Porto Alegre: Artes e Ofícios, n. 159, jul. 2007.

## **THE VICISSITUDES OF PSYCHOANALYSIS IN SCHOOL CLINICS AND PSYCHOLOGY SERVICES**

### **ABSTRACT**

This article aims to promote reflections about the challenges and possibilities of psychoanalysis in universities based on the psychoanalytic method. The school clinic stands out as a privileged space for the creation of intervention strategies and the practice of psychoanalytic clinical practice. Regarding the methodology, a literature review was used in the national bases and a course in the Freudian work, especially in the articles on the technique. It was verified that, even with the explicit vicissitudes by the psychoanalytic method conceived by Freud, it is possible to rethink the psychoanalytical practice in the attendances in school clinics.

**KEYWORDS:** Psychology Services. Psychoanalysis. Clinics-School.

## **LES VICISSITUDES DE PSYCHANALYSE DANS LES ÉCOLES ET DES SERVICES MÉDICAUX PSYCHOLOGIE**

### **RÉSUMÉ**

Cet article vise à promouvoir la réflexion sur les défis et les possibilités de la psychanalyse dans les universités de la méthode psychanalytique. La clinique de l'école comme un espace privilégié pour la création de stratégies d'intervention et l'exercice de la pratique clinique psychanalytique. En ce qui concerne la méthodologie utilisée est une revue de la littérature sur une base nationale et une route dans l'œuvre de Freud en particulier dans les articles techniques. Il a été constaté que, même avec les vicissitudes explicites par la méthode psychanalytique conçue par Freud, il est possible de repenser la pratique psychanalytique dans les cliniques de soins à l'école.

**MOTS-CLÉS:** Les services de psychologie. La psychanalyse. École clinique.

Recebido em: 02-08-2017

Aprovado em: 28-10-2017

© 2017 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.psicanaliseebarroco.pro.br>

[revista@psicanaliseebarroco.pro.br](mailto:revista@psicanaliseebarroco.pro.br)

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO

Memória, Subjetividade e Criação

[www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php](http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php)

# NOTAS SOBRE TRANSTORNO OBSESSIVO-COMPULSIVO A PARTIR DE UM CASO CLÍNICO EM PSICOTERAPIA PSICANALÍTICA

*Elson Eneas Cavalcante Bezerra<sup>1</sup>*

*Cleber Lizardo de Assis<sup>2</sup>*

## RESUMO

O Transtorno Obsessivo-Compulsivo é um transtorno crônico que afeta 2% da população e está associado aos transtornos de ansiedade, que causam sofrimento e trazem prejuízos significativos na rotina e no relacionamento social do indivíduo. As obsessões podem ser compreendidas como pensamentos ego-distônicos recorrentes, enquanto as compulsões são ações que devem ser feitas para alívio da ansiedade. O presente artigo apresenta um caso clínico de uma paciente com pensamentos e comportamento obsessivos de verificação. O atendimento foi com base na teoria psicanalítica e foram realizados na Clínica-Escola de uma faculdade privada. Facilitadas por intervenções verbais do terapeuta, ocorreram insight, retificação subjetiva e processo de cura dos sintomas do transtorno. Conclui-se que a clínica psicanalítica constitui-se num importante dispositivo de escuta e tratamento do Transtorno Obsessivo-Compulsivo que vem se configurado na contemporaneidade como uma forma frequente de mal-estar mental, com especial relevância para os componentes psicosexuais como base etiológica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Transtorno Obsessivo-Compulsivo. Neurose. Transferência. Sexualidade. Psicoterapia Psicanalítica.

---

<sup>1</sup> Graduado em Psicologia. Faculdades Integradas de Cacoal UNESC-RO. [Elson\\_psicanalise@hotmail.com](mailto:Elson_psicanalise@hotmail.com).

<sup>2</sup> Psicanalista. Mestre em Psicologia/PUCMG. Doutorando em Psicologia/Psicnálise - USAL-AR. Docente do curso de Psicologia, Faculdades Integradas de Cacoal UNESC-RO. Autor de Culpa e Desculpa – O sentimento de culpa e a pós-modernidade, Cenas – O cotidiano sob olhares da Psicologia e da Psicanálise, dentre outros. Rua dos Esporte, 1038, Incra, Cacoal, RO. [kebelassis@yahoo.com.br](mailto:kebelassis@yahoo.com.br)

## **INTRODUÇÃO**

O Transtorno Obsessivo-Compulsivo é considerado um transtorno crônico que afeta 2% da população, pois sua classificação no DSM-IV - Manual Diagnóstico de Doenças Mentais (APA, 1994) e está associado aos transtornos de ansiedade, trazendo prejuízos significativos na rotina e no relacionamento social do indivíduo. Segundo Gazzola (2005), o Transtorno Obsessivo-Compulsivo começou a ser delineado no século XIX pela psiquiatria francesa como um constructo clínico.

Já numa perspectiva psicanalítica, para Freud (1923), as obsessões podem ser reconhecidas como ideias, imagens e/ou pensamentos que invadem a consciência de forma repetitiva, que pode aparecer relacionado ao comportamento de verificação, também de forma compulsiva e como mecanismo para aliviar uma ansiedade.

Na sequência, apresentamos um caso clínico de uma paciente com pensamentos e comportamento obsessivos de verificação, a partir de atendimento de orientação psicanalítica realizados numa Clínica-Escola de uma faculdade privada.

## **MÉTODO**

### **APRESENTAÇÃO DO CASO:**

A paciente E.S<sup>3</sup> tem 22 anos, trabalha como auxiliar administrativa e faz curso superior, mora com os pais e namora há oito meses e passa a maior parte do tempo na casa do namorado. Procura se distanciar do contato dos seus pais, pois não têm uma boa relação entre si. Seu pai sempre esteve ausente em sua vida e, segundo ela, nunca lhe deu nenhum presente. Dentro do âmbito familiar afirma que nunca recebeu orientação sexual, pois o pouco que soube foi na rua, e com pessoas inexperientes, que ficavam incentivando-a para que perdesse a virgindade.

A paciente procurou o atendimento na clínica-escola relatando que sempre quando vai sair de casa tem que conferir todas as tomadas, janelas, portas e registro do gás, mesmo sabendo que esta tudo organizado, pois tem o pensamento de que, se não conferir as coisas, a casa vai pegar fogo, apesar de não ter vivenciado algo dessa natureza.

---

<sup>3</sup> Diversos elementos de identificação serão omitidos para proteção do sigilo da paciente.

Outra queixa relatada na primeira sessão foi o fato de não ter tido nenhum tipo de carinho do pai, pois o mesmo não apresentava afeto a ela, mas apenas para seus irmãos, momento em que chora e diz ter nascido de uma gravidez indesejada, pois sua mãe tomou medicamento para abortá-la. As únicas lembranças que tem do pai no período da infância é dele batendo na mãe, e ela, com medo de apanhar saindo correndo para se esconder.

A paciente relatou que esses pensamentos e comportamentos de verificação ocorrem desde os 10 anos de idade, gerando ansiedade e como forma de aliviar essa ansiedade, ele verifica os objetos. Na maioria das vezes quando vai para o trabalho, volta para casa para conferir as tomadas, portas e registro do gás, pois tem o pensamento de “se eu não voltar para olhar, a casa vai pegar fogo”.

E.S relatou ainda que, quando tinha 10 anos, seu irmão foi cozinhar ovos, esqueceu o fogo ligado e isso quase resultou em incendiar a casa, sua mãe brigou muito com ele e disse para todos os filhos para prestar mais a tensão. A partir desse evento E.S relata ter começado a conferir as coisas, com medo de acontecer algo de errado, e ser a principal culpada.

A cada atendimento a paciente E.S trazia elementos o qual pudéssemos organizar e trabalhar com mais precisão. Na segunda sessão a paciente trouxe novamente o que já havia verbalizado na entrevista inicial, relacionado ao comportamento de verificação, pois quando surgia o pensamento relacionado às tomadas, janelas e registro do gás, por mais que soubesse que estava tudo organizado, não conseguia controlar esse pensamento e isso desencadeava grande ansiedade, e como suporte para aliviar essa ansiedade, verificava todas as tomadas, janelas e registro do gás.

## **PROCEDIMENTOS**

A abordagem teórica utilizada para compreender e tratar o caso é de base psicanalítica, sendo supervisionado por um professor-supervisor, num formato de Psicoterapia Psicanalítica, sendo realizadas 22 sessões onde foram colocados em prática as principais técnicas como associação livre, neutralidade, abstinência, amor à verdade e atenção flutuante (Freud, 1923).

Além das técnicas fundamentais foi praticado e reforçado no enquadre, elementos como a regra do sigilo e a construção de um contrato terapêutico que possibilitasse uma aliança terapêutica, para que a paciente pudesse falar livremente

o que lhe viesse à mente, assim facilitando o andamento da psicoterapia com a obtenção de insights, elaboração de conteúdos traumáticos inconscientes e que se manifestam sob a forma de sintomas.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Segundo Cordioli (2004) as obsessões estão relacionadas a pensamentos, idéias, imagens, palavras, frases, números ou impulsos que se manifestam na consciência do indivíduo de forma repetitiva e persistente. E na maioria das vezes estão acompanhadas de medo, angústia, culpa ou desprazer. Isso geralmente causa muita aflição, e como forma de se libertar dessa aflição, o indivíduo toma novas medidas. Uma dessas medidas é a compulsão, que pode ser definida como comportamentos ou atos mentais voluntários ou involuntários executados em resposta a obsessão ou também em virtude de regras que para a pessoa deve ser seguida de determinada maneira. Essa compulsão alivia momentaneamente a ansiedade, então sempre quando a mente do indivíduo é invadida por uma idéia aflitiva, ele realiza esses rituais como forma de aliviar uma tensão nervosa.

A paciente se queixa de não ter recebido nenhum tipo de afeto por parte do pai, pois a mesma considera esse fato como o mais significativo prejudicial em sua vida. Relatou que os seus dois irmãos receberam total carinho do pai, e ela se identifica como a rejeitada, pois surgiu de uma gravidez indesejada, sua mãe tomou medicamento para poder abortá-la. A paciente relatou que quando fala algo para os pais se orgulhar dela, o mesmo diz que ela não fez mais do que obrigação.

A partir dessa fala da paciente, foi indagada pelo psicoterapeuta sobre como se sente ao que respondeu, sentir um total desconforto e grande ansiedade, porque sempre quando está em casa é criticada e rejeitada sem motivo, e como forma para se esquivar dessa situação passa a maior parte do tempo na casa do namorado.

Para Freud (1894), os neuróticos antes do adoecimento desfrutaram e gozaram de boa saúde mental. Porém em algum momento de sua vida aconteceu um evento significativo traumático, ou seja, seu ego foi confrontado com uma experiência, uma idéia ou sentimento que suscitou um afeto aflitivo gerando grande trauma, e se manifestando em forma de sintoma.

A paciente atribui à culpa de tudo o que está ocorrendo com ela hoje, ao pai, pois na infância vivenciou várias vezes o pai batendo na mãe, pois o pai ficava a maior parte do tempo fora. As únicas lembranças que tem do pai é ele fora de casa, traindo

a mãe, bêbado e batendo na mãe. E ela para não apanhar junto corria para o mato, permanecendo por horas e horas escondida.

A paciente relata não ter tido orientação sexual em casa, pois o pouco que aprendeu foi com as amigas que já não eram mais virgens, e as mesmas ficavam incentivando-a a ter relações sexuais. Aos 15 anos teve a primeira tentativa de relação sexual com um garoto, mas porém não foi uma experiência satisfatória, pois o garoto não foi compreensivo, e depois dessa experiência só conseguiu ter relações sexuais com outro garoto, depois dos 18 anos, época em que freqüentava a igreja. Depois dessa experiência sexual o garoto a abandonou. Ela acreditava não ser bem vinda por não ser virgem, pois sempre ouvia de seu pai que uma mulher que perdeu a virgindade antes do casamento é como uma prostituta, o que a deixava inferiorizada e muito culpada.

Para Freud (1905), a partir de sua teoria sobre o trauma sexual, a origem da neurose refere-se a uma fantasia inconsciente, efeito de um acontecimento psíquico carregado de afeto como uma ficção de uma cena traumática. A paciente justifica que sempre confere as tomadas, portas e registro do gás, porque se algo de errado acontecer, não que ser a culpada.

De acordo com Freud (1988) a característica fundamental na neurose obsessiva é a ligação com o sentimento de culpa; os neuróticos obsessivos usam objetos para aliviar ou até mesmo resolver seus conflitos internos, movidos por essa culpa inconsciente, que pode se deslocar sob a forma de pensamentos e comportamentos ritualísticos que fornecem certo alívio ao psiquismo.

A paciente relata sentir medo, de deixar de verificar as tomadas, o gás e as portas, e algo de ruim acontecer, como alguém roubar a casa, a casa pegar fogo, daí procura evitar a ocorrência disso para futuramente não ficar com o sentimento de culpa.

Segundo Freud (1923), as obsessões podem ser denominadas como ideias, imagens, pensamentos que invadem a consciência de forma repetitiva, já o comportamento de verificação surge de forma compulsiva como mecanismo para aliviar uma ansiedade, o que fornece um caráter egodistônico a esses tipos de sintoma. Essas obsessões estão associadas a pensamentos do tipo: “ a tomada do ferro está ligada, e a partir desse pensamento o indivíduo cria várias outras ideias: “se eu não verificar, a casa vai pegar fogo e eu serei a culpada”, o que cria mais ansiedade

e como forma para alívio dessa ansiedade, sempre quando se tem o pensamento obsessivo, surge o comportamento compulsivo de verificar.

No entanto, é importante salientar que pensamentos e comportamentos obsessivos podem existir, de forma isolada, apenas pensamentos ou apenas sentimentos. Ou seja, segundo Baer e Jenike (1986), as queixas dos pacientes com transtorno-obsessivo compulsivo, se situam em cinco categorias tais como: rituais envolvendo checagem, rituais envolvendo limpeza, pensamentos obsessivo não acompanhado de compulsões, lentidão obsessivas e rituais mistos.

Durante as sessões a paciente relata ser uma pessoa totalmente organizada, pois se os objetos de casa não estiverem todos em ordem e limpo, isso desencadeia sintomas como ansiedade, ficando trêmula, sudorese e com o pensamento de que se não organizar, as pessoas ao visitá-la irão lhe identificar como relaxada e sem higiene. Sempre quando tem visita em casa, as pessoas a elogiam caracterizando-a como limpa e organizada. Mas em seus relatos a paciente argumenta que nunca recebeu apoio e elogio dos pais, e o fato das pessoas irem à sua casa e elogiarem, isso reforça seu comportamento de limpeza. Notamos nitidamente, um forte desejo de reconhecimento e por isso a ferida narcísica em não receber todo o amor que espera dos pais, o que em certa medida, é ofertada a outrem. A demanda do sujeito neurótico é, nesse sentido, sempre amorosa, sempre sexual, mesmo numa fantasia de não ser amada/desejada pelos pais.

Sobre o tal caráter inconsciente do conteúdo que fundamenta o TOC notemos o que nos diz o DSM-IV que o define como uma experiência traumática como um evento que envolve a morte real ou ameaça à integridade física própria ou de outra pessoa, tendo como resultado o medo intenso, desamparo ou horror (APA, 1994).

Segundo Rasmussen (1992), o transtorno de estresse pós-traumático está relacionado a experiências traumáticas, as quais, estudos demonstram que o TOC também pode ser associado, por mecanismos ainda não elucidados (e aqui, hipotetizamos sobre seu caráter especialmente inconsciente).

Ainda nessa linha do estresse, para Horowitz (1975), as condições de estresse exercem total influência em relação ao aumento da frequência de pensamentos intrusivos. Uma tendência da memória de evento traumático é seu retorno à consciência, proporcionando grande ansiedade no indivíduo e um total desconforto. Manifestando-se em forma de sintoma, do tipo: comportamento de verificação, então sempre quando surge o pensamento obsessivo, surge o comportamento compulsivo.

Mas de acordo com Freud (1907), podemos considerar que os sintomas neuróticos são originados de um processo de recalçamento pelo superego de conteúdos proibidos do Id ao ego, causando sofrimento. Permanecendo inconscientes esses conteúdos sexuais e/ou agressivos, fazem emergir o sintoma como sinal. Um forte desejo sexual reprimido poderá sofrer um represamento orgânico da libido e ter como sintoma, a ansiedade, o sentimento de angústia e de desamparo e, na maioria das vezes, esses conteúdos não estão manifestos na consciência, estando latente inconscientemente, mas se manifestando sob a forma de sintomas.

Nesse sentido, segundo Freud (1918), o sintoma neurótico teria origem em um mecanismo de defesa no qual o ego recalca uma idéia intolerável para ao ego. Essa idéia consiste na recordação de um trauma sexual que não necessariamente precisa ser real, mas de cunho fantasístico.

Ainda de acordo com Freud (1923), a menina tem uma esperança em relação ao pai, mas sendo a função central do pai de representar a lei que proíbe a realização do impulso incestuoso e a satisfação desejada, isso impossibilita a realização dos desejos sexuais da menina, o que pode ser vivido como trauma e que pode se manifestar em forma de sintoma.

Ao analisar o caso da E.S percebe-se a grande correlação com essa concepção de Freud, pois a paciente ao longo dos atendimentos se referia ao pai de forma angustiada, argumentando que o mesmo desde a infância nunca teria lhe proporcionado carinho, que era ausente e nunca teria lhe dado um presente como uma roupa ou uma boneca, o que nos remete à mesma cena descrita como de Cecile e sua boneca recebida do pai (vide filme “Freud além da alma”).

Durante as sessões foi realizado um aprofundamento maior, em relação a esse sentimento de perda e insegurança, mesmo que de caráter irreal e fantasístico, posto que para o psiquismo a fantasia é a verdade para o sujeito. Focando nos conteúdos relacionados à sexualidade, foi possível observar durante as sessões que no momento em que falava sobre fatores sexuais, a paciente não falava com tanta propriedade verbal, se esquivando para outros assuntos, e sempre quando a fala era direcionada para as questões sexuais, comentava que não queria falar sobre isso, daí a necessidade de focar nesse assunto para a identificação de conteúdos latentes e proibidos que se manifestavam sob a forma de sintomas.

Numa perspectiva econômica e dinâmica do psiquismo, o Ego ocupa uma posição de pivô, tendo que servir a três senhores exigente ao mesmo tempo: o id, o

superego e a realidade. Portanto, quanto mais intensos forem os conflitos entre essas três instâncias, mais energia psíquica é exigida para sua resolução, restando cada vez menos energia para o indivíduo executar outras atividades (Davidoff, 2001).

Nesse sentido, podemos dizer que a saúde mental exige uma organização egoica, que proteja o indivíduo contra a angústia e ansiedade, caso contrário, o indivíduo pode se desestruturar diante dos muitos conflitos entre id, superego e essa realidade.

Com base nesse conceito podemos levantar a hipótese de que a paciente se encontrava com um ego incapaz de protegê-la contra a angústia e ansiedade, onde os mecanismos de defesa do ego diante das exigências do Id, do Superego e da própria realidade, apresentavam-se como ineficazes diante dos conflitos.

A racionalização é um processo pelo qual o indivíduo procura apresentar uma explicação coerente, do ponto de vista lógico, ou aceitável, do ponto de vista moral, para uma idéia ou sentimento inconsciente (Laplanche, Pontalis, 2001). Esse mecanismo de defesa possibilita ao indivíduo diminuir a dor e a frustração de eventos desagradáveis e a se sentir bem consigo mesmo e com a vida (Davidoff, 2001).

A sublimação é considerada como um dos mecanismos de defesa mais positivos, pois o mesmo faz com que uma pulsão de origem sexual seja descarregada por atos e comportamentos socialmente aceitáveis, como o trabalho, as atividades artísticas e as investigações científicas (Laplanche e Pontalis, 2001).

A paciente relatou que estava preocupada em relação ao concurso público e estava estudando muito, pois se levantava de madrugada para estudar e no momento em que estudava diminuía sua tensão, pois não tinha mais o pensamento de que iria reprovar se sentia aliviada. Como esse alívio era algo gratificante para ela, então passava a maior parte do tempo estudando, assim colocando em extinção essa tensão nervosa provocada pelo momento em que não estudava.

Alguns desejos são impedidos de chegar ao nível do ego, isto é, desejos cuja existência o “eu” sequer toma ciência devido à censura das barreiras morais internalizadas pela pessoa; nesse sentido, o superego atua como protetor do ego, pois sem ele as pulsões tornariam insuportável a vida do indivíduo em sociedade.

Sobre a condução do tratamento, Freud (1995) salienta sobre a importância da ocorrência transferencial entre o paciente com o terapeuta, resvalando ser um processo importante para a ocorrência da cura dos sintomas do paciente.

Ainda em relação ao manejo do caso, em seus aspectos técnicos, destaca-se o uso de intervenções verbais pelo psicoterapeuta psicanalítico, que visam a clarificação e esta intervenção por parte do terapeuta proporciona o assimilação e interpretação.

Através das intervenções verbais, a paciente na obtenção de insights, podendo comparar seu comportamento passado com o momento atual.

Foram ainda, resguardados os elementos éticos como o sigilo, a confidencialidade e uma relação empática entre psicoterapeuta e paciente.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em relação à evolução do caso, na primeira sessão a qual foi feita uma entrevista inicial com a paciente E.S a mesma se apresentava ansiosa, com sudorese e trêmula, mas nas sessões seguintes, a paciente não apresentava tais sinais e sintomas de ansiedade, falando livremente e sem receio.

Em relação à queixa inicial, percebe-se uma maior segurança por parte da paciente, pois nas primeiras sessões a paciente ficava ansiosa apenas em olhar para as tomadas da sala, sendo que atualmente a paciente até coloca a mão na tomada, relatando que a tomada não a incomoda com a mesma frequência de antes do início do tratamento psicológico.

Diante do que foi relatado nas sessões, foi possível uma melhor compreensão a partir de conceitos teóricos de base psicanalítica, produzindo um aprendizado amplo em termos teórico e técnico em relação ao setting terapêutico, colocando em prática nos atendimentos clínicos as teorias aprendidas no contexto sala, e observando os efeitos desses conceitos a partir dos resultados obtidos com a paciente.

Na 19<sup>o</sup> sessão a paciente não se queixava mais do comportamento de verificação, relatando que isso já não era mais problema e que passava por uma fase ótima, ao investigar essa fase, a paciente relatou que esta tendo um bom relacionamento com os pais e que sua vida mudou radicalmente, atribuindo esse melhoramento ao tratamento terapêutico.

A partir da 20<sup>a</sup> sessão foi comunicado para a paciente que poderiam ser finalizados os atendimentos, posto que a mesma apresentava melhoras e sem as queixas iniciais ao que paciente, manifestou o desejo de continuar e o medo de os sintomas voltassem novamente, quando o psicoterapeuta sinalizou a possibilidade de nova busca da clínica, mediante essa demanda. Essa dificuldade da paciente em

aceitar o encerramento das sessões, mesmo sabendo que não está necessitando mais de psicoterapia, é devido ao fenômeno transferencial.

Segundo Freud (1995), a transferência é o deslocamento do sentido atribuído a pessoas do passado para pessoas do nosso presente, possuindo um caráter inconsciente e sendo fundamental para o processo de cura.

Na psicanálise, a transferência é um fenômeno que ocorre na relação entre o paciente e o terapeuta, quando o desejo do paciente irá se apresentar atualizado, com uma repetição dos modelos infantis, as figuras parentais e seus substitutos serão transpostas para o analista, e assim, sentimentos, desejos, impressões dos primeiros vínculos afetivos poderão ser vivenciados na atualidade. O manuseio da transferência é a parte mais importante da técnica de análise.

Através da psicoterapia de base psicanalítica, identificou-se, portanto que os conteúdos trazidos pela paciente como queixa principal, em especial, aqueles ligados ao Transtorno Obsessivo-Compulsivo não se manifestava mais. Com isso passou-se a trabalhar com a paciente o encerramento das sessões, verificando com a paciente as mudanças ocorridas, onde sua queixa inicial era o comportamento de verificação, e no momento não apresentavam mais como demanda.

Conclui-se que a clínica psicanalítica constitui-se num importante dispositivo de escuta e tratamento do Transtorno Obsessivo-Compulsivo que vem se configurado na contemporaneidade como uma forma frequente de mal-estar mental, com especial relevância para os componentes psicosexuais como base etiológica.

Quanto à elaboração da perda transferencial do psicoterapeuta-estagiário, essa se constituiu o elemento decisivo para a paciente, posto que se constitui numa perda de objeto amoroso, mas que deve ser elaborado com a vida e para além do consultório.

## **REFERÊNCIAS**

- ASSOCIAÇÃO DE PSIQUIATRIA AMERICANA. DSM-IV. Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais, 1994
- BAER, L. & JENIKE, M. A. Introduction. In: Jenike, M. A.; Baer, L &. Minichiello, W. E (eds.). Obsessive compulsive disorders: Theory and management (p. 1-9). Littleton, Mass.: PSG, 1986
- CORDIOLI, A. V. Vencendo o Transtorno obsessivo-compulsivo: manual da terapia cognitivo-comportamental para pacientes e terapeutas. Porto Alegre: Artmed, 2004
- DAVIDOFF, L. Introdução à Psicologia. Makron Books. São Paulo, 2001
- FREUD, S. (1894). As Neuropsicoses de Defesa. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. III, Rio de Janeiro, Imago, 1988.
- \_\_\_\_\_(1896). Observações Adicionais sobre as Neuropsicoses de Defesa. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. III, Rio de Janeiro, Imago, 1988.
- \_\_\_\_\_(1905). Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. VII, Rio de Janeiro Imago, 1988.
- \_\_\_\_\_(1907). Atos obsessivos e práticas religiosas. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. V. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- \_\_\_\_\_(1918). A neurose obsessiva. In: Edição Standard Brasileiro das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. V. XVII, p. 71-80, Rio de Janeiro: Imago, 1969
- \_\_\_\_\_(1923). O ego e o id. In: O ego e o id e outros trabalhos (1923-1925). Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, Vol. XIX, p. 15-80, 1996.
- GAZZOLA, R. Estratégias da Neurose Obsessiva. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005
- GONZÁLES, C. H. Aspectos genéticos do transtorno obsessivo compulsivo. Revista Brasileira de Psiquiatria, v. 23, supl. 2, p. 38-41, 200
- HOROWITZ, M. J. Intrusive and repetitive thoughts after experimental stress. A summary. Arch. Gen. Psychiatry., v. 32, n. 11, p. 1457-1463, 1975
- NESTADT, G.; SAMUELS, J.; RIDDLE, M. A family Study of obsessive-compulsive disorder. Archives of General Psychiatry, v. 57, n. 4, p. 358-363, 2000
- RASMUSSEN, S. A; EISEN, J. L. The Epidemiology and differential diagnosis of obsessive compulsive disorder. J Clin Psychiatry, 53:4-10, 1992

## **NOTES ON OBSESSIVE COMPULSIVE DISORDER FROM A CLINICAL CASE IN PSYCHOANALYTIC PSYCHOTHERAPY**

### **ABSTRACT**

The Obsessive Compulsive Disorder is a chronic disorder that affects 2% of the population and is associated among anxiety disorders, which cause suffering and bringing significant losses in routine and social relationships of the individual; Obsessions can be understood as ego-thoughts dystonic applicants, while compulsions are actions that must be done to relieve anxiety. This article presents a case of a patient with obsessive thoughts and behavior verification. The service was based on Psychoanalytic Theory and were performed on teaching clinic of private colleges. Facilitated by verbal therapist interventions occurred insight, subjective rectification and curing the symptoms of the disorder process and concludes that the psychoanalytic clinic constitutes an important listening device and treatment of Obsessive-Compulsive Disorder that has been set in contemporary times as frequent form of mental malaise, with special relevance to the psychosexual components as etiological basis.

**KEYWORDS:** Obsessive-Compulsive Disorder. Neurosis. Transfer. Sexuality. Psychoanalytic Psychotherapy.

## **NOTES SUR LE TROUBLE OBSESSIONNEL-COMPULSIF D'UN CAS CLINIQUE EN PSYCHOTHÉRAPIE PSYCHANALYTIQUE**

### **RÉSUMÉ**

Le Trouble Obsessionnel-Compulsif est un trouble chronique qui affecte 2% de la population et est associé parmi les troubles anxieux, qui font souffrir et qui porte les pertes importantes dans les relations de routine et sociales de l'individu; Obsessions peuvent être comprises comme ego-pensées demandeurs dystoniques, tandis que les compulsions sont des actions qui doivent être faites pour soulager l'anxiété. Cet article présente le cas d'un patient avec des pensées obsessionnelles et vérification de comportement. Le service a été basé sur la Théorie Psychanalytique et ont été effectuées sur clinique d'enseignement des collèges privés. Animé par des interventions verbales thérapeute s'est produit aperçu, de rectification subjective et guérir les symptômes du processus de désordre et conclut que la clinique psychanalytique constitue un dispositif d'écoute importante et le traitement du Trouble Obsessionnel-Compulsif qui a été mis à l'époque contemporaine comme forme fréquente de malaise mental, avec un intérêt particulier pour les composants psycho comme base étiologique.

**MOTS-CLÉS:** Trouble Obsessionnel-Compulsif. Névrose. Transfert. Sexualité. Psychothérapie Psychanalytique.

*Notas sobre Transtorno Obsessivo-Compulsivo a partir de um Caso Clínico em  
Psicoterapia Psicanalítica*

Recebido em: 18-08-2017

Aprovado em: 10-11-2017

© 2017 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.psicanaliseebarroco.pro.br>

[revista@psicanaliseebarroco.pro.br](mailto:revista@psicanaliseebarroco.pro.br)

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO

Memória, Subjetividade e Criação

[www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php](http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php)

**MELLONI, M. T. S.. RIO DE JANEIRO (1937-1959) UMA  
PSICANÁLISE POSSÍVEL. RIO DE JANEIRO; CIA. DE FREUD; 2010**

***Janaína Bianchi de Mattos<sup>1</sup>***

O livro “Rio de Janeiro (1937-1959) Uma Psicanálise Possível” foi elaborado a partir da dissertação de mestrado de Maria Teresa Saraiva Melloni, defendida no curso de Pós Graduação em História das Ciências e da Saúde da casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz, com o título: “O Movimento Psicanalítico no Rio de Janeiro (1937-1959): um processo de institucionalização”, sob a orientação de Cristiana Fachinetti”.

Ao longo do livro fica evidente a intenção da autora em estabelecer uma compreensão analítica e histórica acerca da constituição do movimento psicanalítico no Rio de Janeiro, para tanto, primeiramente ela faz um corte temporal, delimitando o espaço histórico em que tal instalação<sup>2</sup> ocorre e em seguida passa a definir as vias pelas quais isso se deu.

Em seu primeiro capítulo, Maria Teresa, verificará como se organizou a questão com a saúde e as políticas públicas a partir da virada para o século XX, momento em que o país estava em busca de um ideal de nação moderna, ao mesmo tempo em que ainda se mostrava às voltas com a instabilidade do início do regime republicano em que se apresentava uma acentuada desordem social. Com a crise econômica mundial de 1929, uma instabilidade política social exigiu que o Brasil modificasse seu perfil no meio internacional; posteriormente, com o estado-novo (1937-1945), houve um desenvolvimento institucional e intelectual das ciências, onde recursos foram disponibilizados na área de assistência social, com objetivo de organizar a população.

Mas é só a partir de 1930, na era Vargas, que a política social passa a ser incorporada definitivamente como atribuição do estado. Neste período havia muitas

---

<sup>1</sup> Coordenadora de Ensino Corpo Freudiano Escola de Psicanálise – núcleo Dourados. Mestre e doutoranda pelo programa de pós graduação em psicanálise na Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ. Ministra seminário permanente sobre os destinos da Pulsão. Exerce atividades clínicas em psicanálise. Apresenta como temas de maior interesse o corpo, a escrita e a fantasia segundo a psicanálise.

descobertas científicas no campo da hereditariedade, e uma delas, o Neolamarckismo, influenciou intensamente os estudiosos da época, que passaram a entender que a suposta deteriorização da constituição física e moral do brasileiro era causada pela transmissão hereditária de uma bagagem genética modificada pela incorporação de caracteres adquiridos no meio. Sendo assim, as ciências recém-chegadas da Europa eram consideradas a salvação para alcançarmos o modelo de uma nação desenvolvida, de modo que foi assim que a eugenia, que seria um recurso para o aprimoramento racial, iniciou seu movimento no Brasil apoiada pela higiene mental. Desta forma haveria uma esperança para uma nova psiquiatria que sustentasse o lema: “Ordem e Progresso”.

Ao longo da década de 1920 passaram a ser contestadas no país as teorias lamarckistas, quando foi colocada em questão a influência do ambiente na constituição genética, assim a eugenia mendeliana foi tomando gradativamente este espaço. Em meio a este complexo contexto, a psiquiatria passou a fazer uma interpretação bastante subjetiva das idéias de Freud, em que os interesses institucionais e locais e as preocupações políticas que envolviam a saúde mental da época pudessem ser intencionalmente favorecidos por tais conceitos.

Em 1950, a Organização Mundial de Saúde (OMS) e a Organização Pan-americana de Saúde (OPAS) redefiniram o conceito de saúde como “bem estar físico, mental, psíquico e social”. Em 1953, ano em que o Brasil enfrentava um clima de tensão política no governo de Getúlio Vargas, foi aprovada em caráter de urgência a lei 1920, criando o Ministério da Saúde.

No segundo capítulo a autora irá constatar que os interesses nacionais da época marcaram de maneira indelével tanto as ciências em geral como a medicina e a psiquiatria. Juliano Moreira estava à frente deste movimento e utilizava-se da “classificação de moléstias mentais do professor Emil Kraepelin” adaptando-a a realidade brasileira.

Na década de 1920 o foco de ação da psiquiatria passou a ser a prevenção; neste período a crescente valorização da cientificidade por parte da teoria mendeliana, juntamente com as crises sociais que apontavam que as medidas sanitárias e educativas que estavam sendo utilizadas no país para eliminar a degeneração não estavam sendo eficazes, teve sérias conseqüências no Brasil, principalmente para o grupo de Juliano, que passou a entender que a única solução seria a eugenia

“negativa”, isto é, a esterilização dos degenerados, o exame pré-nupcial obrigatório e o controle de natalidade.

Ao longo deste processo algumas mudanças a nível estatutário ocorreram: a nomenclatura “alienado” havia cedido lugar a “psicopata” (1927), foi então substituída em 1941 por “doença mental”, refletindo um processo de mudança no modo como os problemas com o psíquico eram interpretados. O psiquiatra passaria a ter papel de cura das doenças biológicas e não mais dos indivíduos. Desta forma, ocorreu que o discurso psicanalítico teve que conviver com a tendência organicista da psiquiatria e com a expectativa de adaptação do sujeito a civilização.

Por conta da ligação verificada entre a psiquiatria e os mecanismos reguladores do comportamento social, a assistência ao mental teve destaque nas políticas públicas, e foi desta forma que a psicanálise ocupou um lugar privilegiado no sentido de auxiliar a psiquiatria a compreender tanto os desvios do comportamento social, quanto os conteúdos delirantes dos psicopatas.

Melloni aponta que no Brasil a psicanálise entrou por dois caminhos: Rio de Janeiro e São Paulo. Entre os cariocas foi difundida em meio aos psiquiatras de Juliano Moreira; já em São Paulo, a proximidade de Durval Marcondes com a poesia, a literatura e a semana de arte moderna de 1922, aproximou a psicanálise da intelectualidade paulistana e do movimento modernista.

Maria Teresa ressalta que o país sofria importantes mudanças sociopolíticas na década de 1920, o que fez com que proliferasse um grande número de instituições ligadas ao tema da saúde. Neste período, Marcondes sofria desprestígio da psiquiatria paulista, enquanto Juliano Moreira se via muito prestigiado, de modo que o primeiro considerou interessante se aliar ao segundo com a finalidade de dobrar a confiança dos paulistas e ampliar a frente em favor da psicanálise no país.

Criou-se assim a seção carioca da SBP (Sociedade Brasileira de Psicanálise), presidida por Juliano; em junho de 1928 foi lançada a revista brasileira de psicanálise\* e em 1929 a SBP chegou a ser reconhecida provisoriamente pela IPA, fato que mereceu a saudação explícita de Freud. (Fachinetti, 2008:3, p. 79).

Como foi dito anteriormente, em São Paulo, a psicanálise não teve espaço no meio psiquiátrico, ficando apenas no campo da intelectualidade paulistana. O fato de ter perdido a disputa pela cátedra de psiquiatria e a direção do hospital Juqueri, Durval não alcançou o prestígio no meio médico e acadêmico que seriam necessários para conferir credibilidade à psicanálise, o que acabou permitindo que tais espaços

ficassem preenchidos pelos ideais organicistas e higienistas que passaram a utilizar a teoria psicanalítica de forma bastante estranha e surpreendente.

Justamente neste momento em que Durval Marcondes via fracassar sua última esperança em realizar um projeto para formação de analistas, este recebe de Max Eitingon\*, presidente da IPA, um manual que descrevia as características de um sistema para formação de psicanalistas no qual a SBP deveria se enquadrar. No entanto, Marcondes se deparou com a realidade de que tal direcionamento não interessou aos membros de nenhuma das duas sessões das sociedades de psicanálise de modo que acabou por fechar a entidade que havia fundado, encerrando em 1930 as atividades da primeira sociedade de psicanálise do Brasil e da América Latina (Sagawa, 2008, p. 82).

Assim mesmo, Durval e seu pequeno grupo não desistiram; sem apoio local buscaram associar-se a IPA de modo a adquirir maior credibilidade a psicanálise. Deste modo, após a leitura do “manual” da IPA, Durval passou a tentar trazer ao Brasil um psicanalista didata. Após várias tentativas, finalmente a IPA decide mandar a psicanalista didata Adelheid Koch que estava pretendendo emigrar da Europa, para exercer suas funções no Brasil. (Sagawa, 2002:67, p. 85).

Melloni então parte de todas estas constatações extremamente significativas para levantar a suposição que o processo de institucionalização da psicanálise no Brasil, a partir deste momento, seguiu rumos distintos em São Paulo e no Rio de Janeiro.

No Rio de Janeiro pôde ser observado que alguns conceitos freudianos fundamentais foram utilizados de forma particularizada pelo meio psiquiátrico; isto se deve em partes ao fato de a tradução das obras completas de Sigmund Freud para o português ter sido feita a partir do inglês, e não do original alemão, o que acabou ocasionando alterações significativas em alguns conceitos. Assim, a teoria Freudiana foi utilizada mais como instrumento auxiliar para investigação da etiologia da alienação do que propriamente uma teoria em si mesma, de forma que os fragmentos e textos escolhidos pudessem servir a este propósito que em última instância seria o de garantir uma população sadia que corroborasse para o projeto de nação. (Ponte, 1999) p. 87.

A autora considera ainda que, diferente do que ocorria em São Paulo, não houve no grupo carioca qualquer manifestação de interesse na formação psicanalítica,

mantendo-se neste local apenas aquilo que Freud chamou de prática da “psicanálise selvagem” (Freud, 1910/1969: 218, p. 98).

Na capital paulista, a entrada da psicanálise e a formação de psicanalistas se deram pela iniciativa de Durval Marcondes e alguns interessados. Já no Rio de Janeiro, desde o início, ela entrou pela porta das instituições, apadrinhada por muitos psiquiatras que ocupavam cargos nos órgãos públicos.

Inicialmente, houveram algumas tentativas frustradas em trazer um psicanalista didata para o Rio de Janeiro, de modo que Walderedo Ismael de Oliveira e Danilo Perestrello decidiram ir para Buenos Aires, com o patrocínio do SNDM para suas respectivas formações psicanalíticas.

Outro grupo se formou em torno de Domício Arruda Câmara com o objetivo de conseguir com Ernest Jones, presidente da IPA, a indicação de um psicanalista didata para o Rio de Janeiro. Com isto foi iniciada a IBP – Instituto Brasileiro de Psicanálise, tendo como analista didata Marke Burke, que veio do exterior e recém chegado já iniciou as análises de dez candidatos.

Quase um ano depois, em dezembro de 1948, chegou ao Rio de Janeiro, também indicado por Eitington, o Dr. Werner Kemper, formado pela sociedade psicanalítica alemã (SPA).

Maria Teresa vem nos mostrar que os rumos da psicanálise no Rio de Janeiro revelam problemas de convivência entre Burke e Kemper, um judeu fugido da Polônia bombardeada e um alemão que, gostando ou não, participara do governo nazista. (Kemper apud Fütchener 2003:49, p. 102).

Em 1951, já haviam três grupos distintos que buscavam instituir uma formação psicanalítica: o grupo de Burke (IBP), o de Kemper (CEP) e os “argentinos”. (Perestrello, 1987) p. 103.

No ano de 1953, durante um congresso de psicanálise em Londres, o grupo de Kemper obteve reconhecimento provisório como grupo de estudos. Burke ficou tão decepcionado por não ter obtido o prestígio que almejava e também por não se adaptar tão bem a vida no Rio de Janeiro, que decidiu voltar no mesmo ano para a Inglaterra, deixando para trás muitos psicanalistas ressentidos e em formação.

Em 1955, o grupo de Kemper consegue ser reconhecido pelo IPA com sociedade psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ) e em 1959 no XXI congresso de Copenhague, após aproximação com o grupo de São Paulo, a segunda sociedade carioca de

psicanálise – a sociedade brasileira de psicanálise do Rio de Janeiro – a SBPRJ, reunindo um grupo de analistas de diversas formações recebe o aval da IPA (p. 109).

Maria Teresa Saraiva Melloni observa de maneira muito perpicaz que em São Paulo foi unicamente a união de esforços de Durval Marcondes que, sem qualquer apoio institucional, sustentou a permanência de Adelheid Koch e conseqüentemente as respectivas formações de psicanalistas, enquanto no Rio de Janeiro as formações foram grandemente financiadas pelo governo, servindo muitas vezes a projetos pessoais das candidatas, sem que fosse exigido destes nenhuma contrapartida, o que pode ter gerado disputas e conflitos desagregadores no meio psicanalítico, que viria a confirmar a pontuação freudiana de que paciente precisa se mostrar investido e investindo em sua formação para que esta venha a operar (p. 111).

No interior de tais instituições, nada parece ter ficado registrado sobre as concessões que os analistas tiveram que fazer para terem suas análises pessoais patrocinadas pelo órgão empregador.

O fato é que a psicanálise acabou sendo domesticada e adaptou-se as demandas do saber psiquiátrico da faculdade de medicina, as políticas de saúde pública com seu enfoque higienista e eugenista e as normas da IPA. Melloni enfatiza que esse mal-estar está colocado até hoje entre os psicanalistas brasileiros, quer estejam ligados a IPA ou não.

Ao longo do livro, Maria Thereza nos recorda que no início do movimento psicanalítico, Freud apenas autorizou certa “regulamentação” da psicanálise para poder poupá-la de prejuízos teóricos a fim de que não viesse a se misturar inadvertidamente com outros tipos de técnicas. Porém, a partir da criação da IPA, a autonomia da prática da psicanálise, que era tão cara a Freud, ficou aprisionada á referência de um terceiro regulamentador. Tal situação veio a interferir nos rumos tomados pela psicanálise no Rio de Janeiro, que se estabeleceu neste local obedecendo á demandas do saber psiquiátrico, as políticas de saúde pública de Capanema, e, acima de tudo, as normas da IPA.

Enquanto toda esta movimentação ocorria no Brasil, ao mesmo tempo, em 1952, na França, dentro da Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP), instituição filiada á IPA, teve início um movimento liderado por Jackes Lacan que propunha um retorno a Freud, enquanto paralelamente se rebelava contra os princípios da regulamentação didática determinados pela IPA. Tal embate somente se findou quando Lacan, rompendo com a IPA, fundou em 1964 a Escola Freudiana de Paris (EFP).

Assim, a chegada da teoria lacaniana no Brasil, em 1970, encontrou um cenário de lutas envolvendo psicólogos, psicanalistas e psiquiatras. Este cenário apresentava como pano de fundo a ditadura militar, que na maioria das vezes, contava com o apoio da IPA, fato marcadamente omitido dos documentos oficiais.

O importante trabalho de Maria Tereza Saraiva Melloni oferece-nos uma contribuição valiosa e significativa, no sentido em que nos desperta para uma opinião crítica acerca dos movimentos das instituições psicanalíticas no país, ao mesmo tempo em que propõe que os analistas da atualidade fundamentem sua formação em uma interrogação constante de sua prática em relação com o discurso freudiano e seus pressupostos.

Seu texto percorre os momentos históricos da psicanálise no Rio de Janeiro e no Brasil com uma clareza inquestionável, surpreendendo o leitor pela qualidade de sua pesquisa tão ampla quanto minuciosa e, acima de tudo, original. Maria Tereza, com sua escrita perspicaz, nos conduz por cenários até então desconhecidos pela maioria dos psicanalistas e deixa claro que para haver formação psicanalítica não basta apenas saber sobre a teoria de Freud à Lacan, nem mesmo basta saber unicamente sobre algo de sua história pessoal deitados nos divãs de seus próprios analistas; é preciso também que a história da psicanálise, que atravessa de algum modo, a todos aqueles que se dedicam ao ofício de serem psicanalistas, seja investigada e continuamente questionada para que a formação do analista se dê efetivamente.

*MELLONI, M. T. S.. Rio de Janeiro (1937-1959) uma psicanálise possível. Rio de Janeiro; Cia. de Freud; 2010*

Recebido em: 29-11-2017

Aprovado em: 14-12-2017

© 2017 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.psicanaliseebarroco.pro.br>

[revista@psicanaliseebarroco.pro.br](mailto:revista@psicanaliseebarroco.pro.br)

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO

Memória, Subjetividade e Criação

[www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php](http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php)

## CONTENTS

THE DASH AS A FOUNDATION OF SOCIAL MEMORY-----	29
A BRAZILIAN ANTIGONE: THE CONSTRUCTION OF MEMORY OF EUNICE P AND YOUR ACTING IN DEFENCE OF HUMAN DIGNITY BEYOND THE LAW -----	53
THE KLIMT'S WOMEN: THE REAL OF FEMININE -----	72
FROM INCEST TO TRAGEDY – PSYCHOANALYTIC READING OF THE TALE, ANGEL LOST, FROM THE BRAZILIAN WRITER ARRIETE VILELA-----	75
BETWEEN SURVIVAL AND SUBSERVIENCE: THE DISMANTLING OF COACHING PRACTICES	113
FREUD, LACAN AND THE HYPERREALITY IN THE TRANSMISSION OF PSYCHOANALYSIS ----	131
THE VICISSITUDES OF PSYCHOANALYSIS IN SCHOOL CLINICS AND PSYCHOLOGY SERVICES -----	148
NOTES ON OBSESSIVE COMPULSIVE DISORDER FROM A CLINICAL CASE IN PSYCHOANALYTIC PSYCHOTHERAPY-----	162
MELLONI, M. T. S., "RIO DE JANEIRO (1937-1959): UMA PSICANÁLISE POSSÍVEL". RIO DE JANEIRO. CIA DE FREUD; 2010 -----	165.

## SOMMAIRE

LE TRACE COMME FONDEMENT DE LA MÉMOIRE SOCIALE-----	30.
UNE ANTIGONE BRÉSILIENNE: LA CONSTRUCTION DE LA MÉMOIRE DE EUNICE PAIVA ET DE VOTRE ACTION DANS LA DÉFENSE DE LA DIGNITÉ HUMAINE AU-DELÀ DE LA LOI -	54
LES FEMME DE KLIMT : LE VRAI DU FEMININ -----	73
DE LA TRAGÉDIE INCEST – LECTURE PSYCHANALYTIQUE CONTE, ANGE PERDU, LE BRÉSILIEN ARRIETE VILELA ÉCRIVAN-----	84
ENTRE SURVIE ET SOUMISSION: LE DÉMANTÈLEMENT DES PRATIQUES DE COACHING -----	114
FREUD, LACAN ET L'HYPERRÉALITÉ DANS LA TRANSMISSION DE LA PSYCHANALYSE -----	132.
LES VICISSITUDES DE PSYCHANALYSE DANS LES ÉCOLES ET DES SERVICES MÉDICAUX PSYCHOLOGIE -----	149
NOTES SUR LE TROUBLE OBSESSIONNEL-COMPULSIF D'UN CAS CLINIQUE EN PSYCHOTHÉRAPIE PSYCHANALYTIQUE -----	163.
MELLONI, M. T. S.. "RIO DE JANEIRO (1937-1959) UMA PSICANÁLISE POSSÍVEL". RIO DE JANEIRO; CIA DE FREUD; 2010 -----	165